

ComSertões

Revista de Comunicação e Cultura no Semiárido



Atrizes: Cristiane Crispim e Camila Rodrigues
Fotografia: Fernando Pereira
Capa: "Notícias do dilúvio: um canto a Canudos"(Cia Biruta de Teatro, 2020)

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS III

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CULTURA E TERRITÓRIOS SEMIÁRIDOS
(PPGESA)**

REITOR

José Bites de Carvalho

DIRETORA DO DCH III/CAMPUS III

Edonilce da Rocha Barros

COORDENADOR DO PPGESA

Josenilton Nunes

EDITOR-GERENTE

João José de Santana Borges

EDITOR ASSISTENTE

Miriam Ferreira de Brito

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

César Bolano/Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Cicilia Peruzzo/ Universidade Metodista de São Paulo
Giovandro Marcus Ferreira/ Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Ismar de Oliveira/ Universidade de São Paulo (USP) Maria Immacolata Lopes/ Universidade de
São Paulo (USP) Thomas Tufte/ Roskilde University Center da Dinamarca Israel
Rocha/Universidade Federal da Bahia (UFBA)

PROJETO GRÁFICO DA CAPA

André Vitor Brandão
Jaqueline Aquino Rodrigues

APOIO

Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação (PPG-UNEB) Programa de Pósgraduação
em Educação e Cultura nos Territórios Semiáridos (PPGESA)

SUMÁRIO

EDITORIAL	4
<i>João José de Santana Borges</i>	
LETRAMENTOS NA UATI: EXPERIÊNCIAS DE ESCRITA COM OS IDOSOS	8
<i>Iva Autina Cavalcante Lima, Waltenice David de Sena Carvalho</i>	
AULA FLUI? DOCÊNCIA E CONDIÇÕES PEDAGÓGICAS NO ATUAL CENÁRIO DA EDUCAÇÃO	20
<i>Denise Santiago Feitoza, Edilane Carvalho Teles, Maria Radilene Lopes Gomes</i>	
REFLEXÕES SOBRE A REPRESENTAÇÃO DO NORDESTE NO CINEMA BRASILEIRO	41
<i>Ingryd Hayara, Isael Pereira, Carla Paiva</i>	
A ENCRUZILHADA POÉTICA DA CIA BIRUTA DE TEATRO EM NOTÍCIAS DO DILÚVIO - UM CANTO A CANUDOS	60
<i>Antonio Veronaldo Martins, Camila Rodrigues da Silva, Cristiane Crispim Bezerra, Luis Osete Ribeiro Carvalho</i>	
PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE CATOLICISMO POPULAR NO BRASIL:ALGUNS APONTAMENTOS	77
<i>Jadir Souza, Márcia Guena dos Santos</i>	
COMUNICAÇÃO DE CONFLITOS: ENUNCIADOS DE CAATINGUEIROS ATRAVESSADOS POR OUTROS MUNDOS	95
<i>Aurilene Rodrigues</i>	
ANÁLISE DOS ASPECTOS ECONÔMICOS DO TURISMO RELIGIOSO EM BOM JESUS DA LAPA-BA	111
<i>Cynara Santo-Sé Alves, Deyse Queiróz, Paula Renata</i>	
O QUE HÁ DE NOVO NO NEO-HUMANISMO? A FILOSOFIA TRANSMODERNA E DESCOLONIAL DE P.R. SARKAR	141
<i>Marco Oliveira</i>	
BLOGS DE PETROLINA/PE E JUAZEIRO/BA E O TRATAMENTO DE PAUTAS RACIAIS	153
<i>Rute Almeida de Lima, Victória Santana Oliveira, Vitória Luísa V. A. da Silva, Céres Santos</i>	
A ESCRITA CRIATIVA: ORIGINALIDADE, BLOQUEIOS E FASES	171
<i>João de Sá Araújo Trapiá Filho, Geam Karlo-Gomes</i>	

EDITORIAL

A décima edição da ComSertões

Trama, tecido, urdidura. Trilhas que aproximam esferas sociais aparentemente distantes, distintas, autônomas – Essa é a imagem global que a décima edição da ComSertões parece construir. Os artigos aqui reunidos são diversos em suas temáticas, em suas proposições teóricas, em seus percursos metodológicos. Ao percorrer as páginas que se seguem, a comunidade de leitura irá se deparar com um irrefreável conjunto movediço de textos. Ainda assim, podemos perceber um tecido invisível, uma urdidura tênue e flexível, uma trama que conecta uns e outros, do cinema aos idosos, das religiões, das aulas que fluem, da comunicação entre catingueiros a *notícias de um dilúvio*.

Começamos examinando o roteiro de aprendizagem realizado pelas oficinas da UATI (Universidade Aberta da Terceira Idade). Trata-se de um relato de experiências, escrito por Iva Santos e Waltenice Carvalho, que visa encontrar indícios de letramento, mas também encontra vínculos entre a escrita criativa e a saúde dos seus participantes, em uma concepção de saúde mais próxima do bem-estar, e menos relacionada à ausência de enfermidades. Tal relato se vincula a outras formas de reinvenção da vida, que transbordam ao longo dessas páginas. Temos, por exemplo, o artigo *A aula flui*, em que Edilane Teles, Denise e Maria Radlene ofertam uma compreensão, oriunda de pesquisa qualitativa, acerca dos usos das tecnologias da informação e da comunicação, durante a pandemia do Covid-19, e que envolvem as reinvenções do trabalho docente, em seu esforço para efetivar a continuidade dos processos de ensino e aprendizagem, em um cenário desafiador.

Já o trabalho de Ceres Santos, Márcia Guena, Vitória, Victória e Rute – coordenadoras e integrantes do grupo de Pesquisa Rhecados, oferece um Mapeamento Sistemático acerca da *Cobertura da questão racial nos blogs do Vale do São Francisco*, em que, além de discutir definições sobre *blogs*, apresenta dados quantitativos sobre matérias publicadas no período de 1º de julho de 2019 a 31 de dezembro de 2019, sobre temas ligados a questão racial no Brasil em *blogs* localizados nas cidades de

Juazeiro/BA e Petrolina/PE, em uma abordagem quali quantitativa, fazendo uso de Análise de Conteúdo e reinventando uma importante tradição das teorias da Comunicação, a chamada Espiral do Silêncio. Essa abordagem fricciona um outro silêncio, dessa vez, sob as águas e ruínas da história de Canudos. Aqui, a reinvenção se dá por mediação da arte, no relato de experiência escrito por Luis Osete e Cris Crispim, em *Notícias do Dilúvio – um canto a Canudos*, abordando “as encruzilhadas que amparam e promovem as narrativas poéticas dos 13 anos de trajetória da Companhia”, no cruzamento de reflexões teóricas, vivências em práticas culturais e registros históricos, que não devem ser silenciados. A fotografia de capa dessa edição é oriunda dos trabalhos da Cia Biruta de Teatro, e apresenta uma visão *sui generis* dos marcos do conflito histórico, evocado por um dos seus espetáculos.

Nessa mesma linha de investigação, parte da trama aqui construída se vê reconhecida no artigo de Aurilene Rodrigues, *Comunicação de conflitos: enunciados de catingueiros atravessados por outros mundos*, em que a autora analisa, através da Análise do Discurso, processos comunicacionais e expressões languageiras, historicamente ignoradas, de certo modo denunciando o desaparecimento de um modo de existência, sob o prisma modernizante e neocolonial que singra os sertões. Aqui a reinvenção toma a forma de resistência, aponta modos de ser, mas também insinua o que nós leremos em um artigo próximo, a temática das representações sociais.

O artigo de Ingryd Hayara, Isael Pereira e Carla Paiva, *Reflexões sobre a representação do Nordeste no Cinema Brasileiro*, apresenta os resultados de uma pesquisa acerca de como os nordestinos compreendem as representações sociais sobre o Nordeste, confrontando-os com os estudos sobre representação e identidade nordestina. Para ter acesso a esse confronto, é necessário que leiamos integralmente o artigo. Nessa tessitura, o artigo de Jadir Souza e Márcia Guena, *Produção científica sobre catolicismo popular no Brasil: alguns apontamentos*, visa construir o estado da arte sobre Catolicismo Sertanejo com a finalidade de entender como foram tratadas as religiosidades indígenas e africanas, problematizando suas contribuições para a formação do Catolicismo Popular Sertanejo e suas permanências. E novamente, encontramos os temas de reinvenção e resistência, descortinando um território também marcado por silenciamentos e exclusões.

Em temática próxima, mas sob enfoque diverso, temos o artigo *Análise dos aspectos Econômicos do Turismo Religioso em Bom Jesus da Lapa-BA*, de Cynara Alves, Dayse Queiroz e Paula Renata, em que as autoras buscam compreender a importância do turismo religioso em Bom Jesus da Lapa, e quais as estratégias utilizadas pelo comércio para movimentar o mercado econômico durante a pandemia. Aqui estamos diante do saber local, mas já vislumbramos os vínculos com o texto que encerra essa edição.

De natureza ensaística, o texto de Marco Oliveira apresenta à comunidade de leitores e leitoras da ComSertões um pensamento inédito para os setores acadêmicos convencionais. Trata-se do neo-humanismo, filosofia idealizada por Prabhat Ranjan Sarkar, pensamento descolonial (grafia do autor), que promove uma reformulação do humanismo clássico, numa perspectiva emancipatória, em uma base crítica da modernidade e da colonialidade, numa tentativa insurgente e inovadora de fundar uma epistemologia *tântrica*. Tantra é um termo em sânscrito que significa trama, tecido, urdidura, em que tudo se conecta com tudo. Este é o sentido mais amplo dos esforços intelectuais aqui ofertados para o deleite e apreciação crítica dos leitores e leitoras dessa Revista, em sua décima edição. E, para finalizar nosso passeio pelos textos aqui ofertados, não podemos deixar de mencionar a instigante resenha sobre a escrita criativa, produzida por Geam-Karlo e João Trapiá, acerca do livro de Rubens Marconi, que fornece preciosas indicações sobre criatividade, originalidade e os bloqueios do ofício de escrever.

A presente edição contou com o inestimável apoio de Márcia Guena, Nicola Andrian, Américo Nunes e Edilane Teles e, de modo muito especial, a Miriam Brito, que dispôs generosamente seu tempo e sua leitura cuidadosa na revisão final da editoração. Os agradecimentos se estendem a Cristiane Crispim e a Camila Rodrigues, atrizes, bem como a Fernando Pereira, autor da fotografia, que cederam generosamente a bela imagem que abre nossa décima edição. Agradeço a André Vitor Brandão por ter feito a composição final da capa, e a Jaqueline Aquino Rodrigues por ter feito os ajustes finais. Os agradecimentos fluem também ao Colegiado do PPGESA e à direção do Departamento de Ciências Humanas – DCH-III (UNEB), nas pessoas de Josenilton Vieira e Edonilce Barros, bem como para a Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UNEB, pelo apoio institucional.

Assim, os territórios do ensino, da educação, da comunicação, da arte, da ciência, da filosofia e da religião se entrecruzam para espelhar o momento contemporâneo, dado aos estilhaços, às fissuras, ao improvável, ao absurdo. Talvez o que esses textos nos ofertem seja algo mesmo da ordem do sentido, do significado que atribuímos/construímos/ resgatamos de nossas práticas, nessa curiosa falta de sentido, ou abundância caótica do mesmo, sobre os acontecimentos que singram nosso país e o mundo.

Boa leitura!
João José de Santana Borges
Editor-Gerente

LETRAMENTOS NA UATI: EXPERIÊNCIAS DE ESCRITA COM OS IDOSOS

Iva Autina Cavalcante Lima¹
Waltenice David de Sena Carvalho²

RESUMO

Este trabalho relata sobre experiências de escrita de participantes da UATI (Universidade Aberta à Terceira Idade) durante as oficinas de rádio e canto, com a proposição de encontrar indícios de letramentos de uso cotidiano entre os processos de escrita vivenciados por estes quando das suas atividades realizadas durante as oficinas. As oficinas citadas foram organizadas e realizadas pelos professores voluntários na UATI do DCH III, campus de Juazeiro da Universidade do Estado da Bahia, no período da investigação. A partir da observação participativa, entrevistas semiestruturadas com duas participantes da UATI, e posterior análise dos dados, advindos das experiências de letramentos observadas, os participantes envolvidos relataram que encontraram muitos estímulos para a memorização, a aprendizagem contínua, satisfação no seu estar e junto aos seus pares e familiares, além de sentir-se ativo nos momentos de debilidades na saúde. Para realização desta pesquisa contou-se com as contribuições dos autores como Olson (1997), Street (2014) e Kleiman (2014), que trazem, respectivamente, uma discussão sobre as implicações da leitura e da escrita e sobre o letramento, enquanto interculturalidade e prática social.

Palavras-chave: Letramento. Escrita. Idoso.

LITERACY AT UATI: WRITING EXPERIENCES WITH THE ELDERLY

ABSTRACT:

This paper reports on the writing experiences of UATI (Open University for the Elderly) participants during radio and singing workshops, with the purpose of finding evidence of literacy in everyday use among the writing processes experienced by them during their activities carried out during the workshops. The aforementioned workshops were organized and carried out by volunteer professors at the UATI of DCH III, campus of Juazeiro-BA, during the period of investigation. From participatory observation, semi-structured interviews with two UATI participants, and subsequent data analysis, arising from observed literacy experiences, the participants involved reported that they found many stimuli for memorization, continuous learning, satisfaction in their being and with the peers and family members, in addition to feeling active in times of health weakness. To carry out this research, we relied on the contributions of authors such as Olson (1997), Street (2014) and Kleiman (2014), who respectively bring a discussion on the implications of reading and writing and on literacy as an interculturality. and social practice.

Keywords: Literacy. Writing. Elderly.

Introdução

Discutir sobre a população idosa nos remete a lembrar sobre o processo de envelhecimento, em que o corpo físico, psicológico e motor sofre alterações como a

¹ Docente do DCH-III (UNEB). Juazeiro-BA. Brasil. E-mail: ivaltina@uneb.br

² Mestrado pelo PPGESA (UNEB).

perda de memória e começa a diminuir o ritmo e suas habilidades, não respondendo mais satisfatoriamente aos comandos emitidos pelo cérebro com o mesmo potencial de quando era jovem, dentre outros aspectos. Neste sentido, pensar e planejar atividades que favoreçam um processo de envelhecimento com melhor qualidade de vida, tem se constituído em planos de ações estratégicas de políticas públicas.

Com esse entendimento e, considerando o aumento da população de idosos no mundo, com mais de 840 milhões de pessoas, em que subestima-se para 2025 a projeção de 30 milhões.pessoas na terceira idade, somente no Brasil, de acordo com o relatório World Health Statistics 2015, da Organização Mundial de Saúde (OMS), as ações em torno dessa população são extremamente fundamentais. Atualmente no Brasil temos em torno de 20 milhões de pessoas acima de 60 anos.

É perceptível o crescimento, tanto nos grandes centros como em pequenos municípios, na demanda dessa população por atividades que favoreçam seu bem-estar físico, mental e de convívio social, visando uma melhor qualidade de vida durante o envelhecimento e, conseqüentemente, maior expectativa de vida. Uma das recomendações da OMS é que se faça urgente a integração dos idosos, cada vez mais, à vida moderna, com atividades que lhes favoreçam melhor bem estar.

Nessa perspectiva, nasceu a Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) na Universidade do Estado da Bahia, como um programa de extensão universitária que se caracteriza em uma proposta de educação continuada não formal, no qual atende a pessoas de ambos os sexos e de qualquer nível sócio educacional, cuja faixa etária seja igual ou superior a 60 anos, objetivando a reinserção psicossocial dessa população para a aprendizagem continuada e o pleno exercício da cidadania.

Neste sentido, a UATI tem desenvolvido ações educativas de caráter permanente, com o propósito de estimular e garantir a reflexão sobre as diversas concepções de velhice no cenário da contemporaneidade [1], sob a ótica da Pedagogia Social, como preconiza Caliman (2010), enquanto “[...] uma ciência sensível à dimensão da sociabilidade humana, ou seja, que se ocupa particularmente da educação social de indivíduos historicamente situados” (pág. 343).

No Departamento de Ciências Humanas – DCH, Campus III da UNEB, na cidade de Juazeiro-BA, o programa de extensão universitária UATI, vinculado ao Núcleo Universidade Aberta à Terceira Idade (NUATI), foi implantado em abril de

2009. Relativamente à formação da turma, um número de vagas é definido para que todos recebam assistência, no entanto os participantes matriculados podem continuar no programa enquanto tiverem interesses em participar no mesmo e, à medida que novas vagas são disponibilizadas, novos participantes são recebidos, não existindo, portanto, conclusão de turma, apenas a entrega de certificados, referente a cada ano, pois, de acordo com o Projeto Pedagógico da UATI, a educação é permanente.

Sendo assim, no que concerne às atividades realizadas na turma, geralmente os participantes anotam e registram todos os conteúdos e assuntos abordados no “caderno de classe”. Também lidam com os textos escritos da forma como se encontram mais confortáveis, principalmente nas oficinas de rádio e canto. Além do caderno também utilizam o celular para envio e recebimento de mensagens por meio do aplicativo *Whatsapp*, ampliando assim suas capacidades de comunicação, apresentando sua relação com as diferentes tecnologias no mundo contemporâneo a ampliando seu letramento digital. Nesse sentido, para Kleiman (2014), “o processo de apropriação de uma tecnologia ou de algum outro recurso midiático — o acesso — depende das estratégias forjadas pelos próprios sujeitos para fazer uso do material”. E eles fizeram.

Dessa maneira, motivados pela ação da escrita nos variados recursos disponíveis dos/das alunos/as da UATI, no Departamento, o objetivo deste artigo é apresentar nossas percepções de letramento ocorridas nas atividades com os idosos a partir da experiência de escrita desenvolvida com uma turma de frequentadores da UATI no DCH III/UNEB. Portanto, pretende-se descrever, neste trabalho, algumas maneiras como eles/elas se apropriaram de letramentos múltiplos a partir das práticas de escrita vivenciadas. Com o intuito de ampliar as nossas percepções, faz-se necessário apresentar concepções referentes à escrita e letramento, perpassando pela sua história e por discussões diversas que subsidiam boa parte da base de estudos nesse campo.

Um olhar sobre a história da escrita e alguns conceitos de letramento(s)

A escrita está presente em todo lugar, seja de maneira formal ou não. Por meio dela é possível formar uma opinião ou um posicionamento e ter acesso à ideia de outros. Com isso, percebe-se a sua importância, não apenas na comunicação/informação (até porque existem outras formas de informar sem que seja, necessariamente, por meio da

escrita), mas também para registrar, para reduzir distâncias, para minimizar tempo e aproximar pessoas.

A escrita surge como uma função social e muitas das nossas relações constituem seus artefatos (OLSON, 1997), dando a entender que a escrita é a materialização do pensamento e, por sua vez, da linguagem; em que está ligada, também, à formação cognitiva do ser humano que, já na infância, passa a externalizar os primeiros significados do mundo ao seu redor, a partir das primeiras palavras. Esse desenvolvimento cognitivo é caracterizado pela capacidade de abstração ou descontextualização do conhecimento.

Partindo desse pressuposto e de acordo com Olson (1997), foi a partir de 1960 que os estudos sobre a escrita ganharam força na academia. Vários profissionais se juntaram aos estudiosos da pedagogia para se debruçar sobre esse tema, com o objetivo de entender sobre as suas implicações na vida das pessoas ao longo da história. Esse mesmo autor discorre sobre o pensamento primitivo, apresentando a noção de mente “primitiva”, para se referir a um pensamento privado dos benefícios da cultura e para mostrar o modo de pensar de diversos povos primitivos, que se apropriaram de alguns objetos para representar contextos da sua vivência.

Ainda sobre a escrita, Olson (1997, pg. 38) afirma que esse fenômeno “é, naturalmente, uma realização histórica”. Porém, o mesmo não acontece com a racionalidade, muito embora esta seja fundamental para que a aquisição da escrita seja efetivada. Entende-se com isso que a escrita tem total relação com a escolaridade, pois de acordo com o mesmo autor, não se pode separar o domínio da linguagem escrita da escolaridade e da ação de alfabetizar; alfabetizar, todavia, é mais do que aprender o alfabeto; é também aprender a utilizar os recursos da escrita num conjunto de tarefas e procedimentos estabelecidos por esse método.

Salienta-se que, não é apenas na escola que a escrita é percebida, mas a partir dela, pois ao se perceber o domínio dessa linguagem pelos indivíduos em qualquer espaço da sociedade, pode-se identificar processos de letramentos, o que torna os indivíduos capazes de responderem às demandas do seu contexto social e, portanto, mais ativos. Com isso, faz-se necessário compreender como acontecem esses processos e o sentido dos mesmos nos diversos setores das sociedade, especialmente para os sujeitos que a compõem.

As concepções de letramento não são unânimes. Uma compreensão inicial que se tem de letramento é aquela que está ligada também à escolarização, ou seja, uma pessoa que frequentou a escola, foi alfabetizada, aprendeu a ler e a escrever, pode ser considerada “letrada”. No entanto, um novo sentido vem sendo dado ao letramento, em que se apresenta além da leitura e da escrita e dos muros da escola, assumindo um aspecto de interculturalidade em que Street (2014) apregoa ser mais abrangente que a leitura e a escrita e que não existe um único tipo de letramento.

Street critica também o estigma do “analfabetismo”, indo de encontro aos programas de alfabetização que têm objetivos apenas de alcançar os analfabetos, desconsiderando o saber intrínseco das pessoas, bem como os letramentos locais, oriundos de sua própria cultura. Nesse sentido, percebe-se nos participantes da UATI que, por apresentarem diferentes habilidades nas oficinas ofertadas, revelam os saberes diversos que lhes conferem suas apropriações na vida cotidiana.

Na sua obra “Letramentos Sociais”, Street (2014) afirma que as agências de alfabetização fomentam o que ele chama de modelo “autônomo” de letramento, cuja preocupação está em ensinar as pessoas a decodificar sinais escritos para evitar problemas de ortografia, questões essas, consideradas pelo autor, de aparentemente técnicas. Para o autor, antes de tais questões, há outras a serem enfrentadas, que são aquelas derivadas de um modelo alternativo de letramento, ou seja, o modelo “ideológico”. Assim, entende-se que o letramento acontece ou se modifica de acordo com a cultura de determinadas sociedades, sendo trabalhado, preferencialmente, num modelo ideológico, pelos seus múltiplos significados, por estarem relacionados a contextos específicos e porque algumas práticas estão associadas à relações de poder e ideologia. Nessa compreensão, pode-se afirmar que em boa parte das atividades humanas existem práticas de letramento, desde às relações familiares, aos ambientes de trabalho, religiosos e até de lazer e entretenimento. Dessa forma, qualquer atividade desenvolvida por uma pessoa, onde há a presença da escrita, pode se tratar de um evento de letramento. Esse modelo é incorporado pelas práticas sociais que, de acordo com (STREET, 2014, p. 18), as práticas estão “num nível mais alto de abstração e se refere igualmente ao comportamento e às contextualizações sociais e culturais que conferem sentido aos usos da leitura e/ou da escrita”. Essas práticas estão relacionadas ao modelo ideológico de letramento, conforme traduz Street (2014, p. 44):

O modelo ressalta a importância do processo de socialização na construção do significado do letramento para os participantes e, portanto, se preocupa com as instituições sociais gerais por meio das quais esse processo se dá, e não somente com as instituições ‘pedagógicas’.

É nessa sua visão que Street (2014) concebe que as práticas de letramento são constituintes de identidade e personalidade, associadas às perspectivas sociais acerca de modelos de comportamentos. Como exemplo disso, o autor ressalta na sua obra atitudes de mulheres que, para saírem das obrigações domésticas, buscam se capacitar em diversas atividades a fim de assumirem uma nova profissão. O autor sugere, ainda, que os modos de personalidade e letramento estão interligados em diversos discursos culturais, servindo para nos lembrar que, para a aquisição de letramentos, envolvem-se habilidades que vão além de técnicas.

Partindo desse pressuposto, o projeto da UATI se constitui como uma prática social em que se encontram diferentes práticas e eventos de letramentos. Primeiro, por se tratar de um lugar onde é acolhido um determinado público, no caso os idosos, a fim de desenvolverem ações de interesses e necessidades dos mesmos, como forma de promover a inclusão, e, para além disso, satisfação pessoal e qualidade de vida, dentre outras possibilidades. Segundo, porque em boa parte das atividades desenvolvidas com e para esse público, há a presença da escrita e de múltiplos letramentos. Portanto, buscaremos apresentar, a seguir, as atividades que nos fizerem observar as práticas e eventos de letramento com os participantes da UATI.

Experiências de letramento(s) na UATI

As atividades da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) aconteciam por meio de oficinas realizadas no Departamento de Ciências Humanas (DCH/Campus III), com a participação de um instrutor/monitor para cada uma delas. No DCH III as oficinas eram realizadas diariamente, ou seja, de segunda a sexta-feira e, em cada dia da semana, funcionava uma oficina diferente, a saber: rádio, desenho e pintura, canto coral, informática e artesanato. Dentre essas, as oficinas de canto e de rádio foram as que mais se destacaram nas atividades ligadas diretamente com a leitura e escrita, portanto, alvo maior das observações neste trabalho.

Nas oficinas de canto, os participantes realizavam os ensaios com as cópias das letras das músicas, entregues e sugeridas pelo próprio instrutor (que também organizava a divisão de vozes). As músicas eram reproduzidas no ambiente (melodia e letra) e acompanhadas pela turma. Todos os participantes em seus postos formavam um coral que se apresentava em datas oportunas nos eventos do próprio departamento (DCH III), a exemplo das festas juninas e época do Natal.

Já na oficina de rádio, as atividades que se destacaram foram: 1) a visita à uma emissora de rádio, onde puderam conhecer a história do rádio, a linguagem radiofônica e formatos radiofônicos, ajudando-as a relembrem de suas experiências com esse veículo de comunicação; e 2) criação de textos para a produção de um programa experimental de rádio. Boa parte destes textos foram elaborados a partir de suas histórias de vida, rememorando as músicas (letra e melodia) que marcaram alguma fase de suas vidas, como a mocidade, por exemplo. As buscas das letras e melodias musicais foram realizadas via Internet, levando-as a reviverem histórias e fatos experienciados, como os namoros, casamentos, nascimento de filhos e netos, entre outros.

Após a criação dos textos pelos participantes, a turma se reuniu para escolha de um nome e perfil do programa, além da escolha também de duas apresentadoras. Estas foram encaminhadas para o laboratório de rádio do próprio departamento, com prévio agendamento, para a gravação, utilizando um roteiro (*script*) para a leitura.

Enquanto evento de letramento, fenômeno mencionado pelos teóricos citados no tópico anterior neste trabalho, essa atividade de rádio não apenas contribuiu com o processo de rememoração dos idosos, mas também despertou outras habilidades, como cantar e dançar, habilidades ora adormecidas, conforme citou uma das participantes entrevistadas. Foi possível, com a referida atividade, perceber a memória sendo amplamente ativada, fator indispensável para a manutenção da saúde mental, especialmente na idade em que essa população se encontra.

No decorrer da pesquisa, buscou-se acompanhar na prática o processo e o significado do letramento aqui concebidos, onde foram observadas mais claramente por duas (02) participantes em suas atividades. Além disso, foram realizadas entrevistas com as mesmas, a fim de conhecer mais sobre suas histórias de vida e como a escrita estava presente no seu cotidiano. Para preservar suas identidades, foram atribuídos os pseudônimos “Rosa” e “Flor” para as mesmas. Rosa, uma professora aposentada de 68

anos de idade e Flor, de 87 anos, não exerceu nenhuma profissão fora de casa e, por isso, como ela mesma declarou, era considerada “do lar” ou doméstica (como anteriormente se denominava).

Inicialmente, ambas buscaram a UATI por haver se identificado com o programa, o que as possibilitou perceber um sentimento prazeroso ao fazerem parte do mesmo. Através deste programa, suas tardes deram um salto qualitativo e passaram a ter muito mais significado, principalmente por tirá-las da ociosidade, de acordo com as participantes entrevistadas. Sobre isso, Rosa foi mais além e declarou que buscou a UATI para lhe completar em algo que lhe faltava e lhe oferecer ocupação no tempo ocioso.

O que pudemos observar, a partir das respostas, foi a necessidade de outras realizações pessoais e de desenvolver outras atividades que não puderam realizar enquanto mais jovem, além de preencher o tempo com atividades que oferecessem prazer e contentamento. No caso de Flor, o propósito foi outro bem diferente: a UATI foi apresentada à mesma enquanto enfrentava um problema de saúde. Problema esse surgido após o falecimento de seu esposo, o que a deixou bastante fragilizada. Segundo Flor, “*A UATI foi uma bênção divina! Um milagre!*” Flor declarou, ainda, que teve oportunidade de fazer novos amigos, além de obter mais diversão, minimizando a dor causada pelo luto, vindo a melhorar significativamente o seu estado de humor e saúde após a sua participação no programa. Com essas declarações, percebe-se os modos distintos como essas participantes conheceram a UATI, destacando as suas satisfações em participar desse programa, fator estimulante para a frequência com regularidade e, ainda, confirmando os estudos sobre a reinserção dos idosos no meio social.

Rosa, antes de tornar-se aluna do programa, foi procurada pela coordenação da UATI para desenvolver uma oficina de Língua Brasileira de Sinais (Libras), devido a suas experiências anteriores como docente em uma escola de surdos. O intuito do convite era somente para suprir a ausência de monitor, mas por motivo da falta de instrutores as vagas ainda permanecerem abertas no início do semestre e Rosa foi convidada para assumir efetivamente a vaga, passando a dar orientações básicas sobre LIBRAS, oportunizando aos demais participantes a obterem uma noção sobre essa língua; e, ainda, levando-os a perceberem o sentido de se comunicar através dos gestos, contribuindo para mostrar aos participantes outras possibilidades de comunicação, além

da escrita. Para Rosa, desenvolver tal atividade foi uma oportunidade singular, porque a fez relembrar aspectos ligados à cognição, além de ser útil para outras pessoas, especialmente os colegas da sua faixa etária de idade.

Passada essa experiência, no ano seguinte, após tomar conhecimento das oficinas e, devido a necessidade de se ocupar-se com outras atividades para sair da ociosidade, Rosa ingressou no programa, dessa vez como aluna. Para ela, a oportunidade de atuar nessa outra categoria foi importante também, principalmente, pelas novas experiências adquiridas e por poder aprimorar outras que julgava ter dificuldades. Na sua fala, Rosa citou um dos benefícios alcançados por meio da UATI, que foi participar do coral. Segundo ela, uma *“atividade que traz benefício mental e, [além disso], prazerosa”*.

Outra oficina bastante importante para Rosa foi a de rádio, pelas lembranças afetivas proporcionadas pela mesma. Para ela, foi uma das atividades mais significativas, pois trouxe muitas lembranças importantes, como por exemplo, a relação que tinha com seu pai, bem como a relação que ambos tinham com o rádio, quando tiveram oportunidade de participarem de programas de rádio ao vivo. Já para Flor, a experiência que mais marcou nessa oficina foi lembrar o passado, adolescência, namorados, casamento, filhos. Declarou a mesma que *“... isso é muito bom! Recordar é viver”*. Essa atividade foi muito interessante para a mesma.

Com os depoimentos apresentados pelas participantes, pode-se perceber a importância de programas como a Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI). É comum ver pessoas dizerem que, ao se aposentarem, "vão cruzar os braços"; outras dizem que vão passear muito ou realizar algo que não conseguiram enquanto estavam empregados ou exercendo atividades profissionais. Mas o fato é que, tais pessoas se aposentam, algumas já com sessenta anos ou mais e se esquecem que, junto com essa fase da vida, vêm os problemas ligados à saúde; a mente e o corpo já não respondem com a mesma habilidade de quando eram mais jovens. Daí a necessidade de haver mais estimuladores (família e profissionais que estudam a terceira idade) para que os idosos não se tornem ociosos e continuem sempre ativos, buscando realizar coisas que lhe dão prazer e aprendam continuamente.

Assim, a leitura e a escrita estimuladas através das citadas oficinas favorecem na manutenção da saúde mental, ou seja, de uma boa memória, e, conseqüentemente,

possibilitando novos conhecimentos. Sabendo-se que ler e escrever são atividades que contribuem na manutenção ativa da mente e a assimilar novos conhecimentos e, dentre outros benefícios, ajuda a reduzir os riscos de síndromes como Alzheimer.

Ainda no que diz respeito à prática da escrita, ambas participantes disseram que gostam muito de escrever e sempre dispõem de um caderno para suas anotações cotidianas. Rosa, por exemplo, mantém sempre consigo um caderno onde anota tudo de forma sistemática: “*Ao invés de tirar cópia, escrevo tudo no caderno*”, – disse ela ao se referir a apostila da oficina de rádio. Tanto para Rosa quanto para Flor, o caderno e a caneta nunca podem faltar nos encontros. A escrita também era praticada para se lembrarem das tarefas solicitadas em todas as oficinas e também para registros das atividades realizadas nas oficinas. Na UATI, o exercício da leitura e da escrita faz parte do cotidiano; sempre surge a necessidade de ler e anotar algo.

Por fim, um fato interessante que vale ressaltar, é que as redes sociais também estão presentes na vivência dos participantes. O aplicativo *WhatsApp* é muito usado nos bate-papos e comunicações diversas, seja por meio de áudio ou mensagens escritas. Tal fato demonstra que os idosos estão antenados e também podem interagir por meio das redes sociais, bastando para isso (em alguns casos) a disponibilidade de outras pessoas para ajudá-los no manuseio desses e outros aplicativos, algo que não falta no programa e nas oficinas de TIC, como exemplo..

Considerações finais

A escolha da UATI para esta observação foi necessária para compreender como acontecem os processos de aprendizado, da leitura e da escrita entre os idosos, podendo ser compreendido como um evento de letramento, pela forma como esse processo atua no desenvolvimento psicossocial desses indivíduos. Além disso, essa experiência foi essencial para compreensão da realidade desta população, mais especificamente, às suas práticas de letramento através dos eventos vivenciados.

Os resultados também mostraram que projetos como a UATI são imprescindíveis no atendimento à população idosa, em particular, com atividades que lhes permitam proporcionar maior qualidade de vida e, assim, possam responder aos

estímulos provocados pela sociedade, a exemplo do avanço contínuo das tecnologias, passando a atuar de forma satisfatória entre os seus, sem deixar de considerar as limitações impostas pela idade.

A pesquisa mostrou que, mesmo com as limitações ocasionadas pela idade, o idoso pode desenvolver novas aprendizagens. Esse indivíduo ainda é um sujeito em potencial, pois além das suas experiências de vida que, por sinal, são bastantes valiosas, pode muito contribuir para a sociedade e, ainda, se sentir ativo na busca de novos conhecimentos e novas habilidades. O tempo dispensado pelos professores, voluntários ou pesquisadores para esse tipo de atividade na UATI é de fundamental importância para que a população idosa vivencie momentos diversos, como nessa experiência específica, de aprendizado, de superação, de elevação da autoestima e negação do ócio, entre outros fatores que possam contribuir com a qualidade de vida dessa população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Lei no 10.741, de 1º de outubro de 2003.** Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 3 de out. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm>. Acesso em: 28 de jun. de 2021.

KLEIMAN, Angela B. (2014). **Letramento na contemporaneidade.** Bakhtiniana, São Paulo, 9 (2): 72-91, Ago./Dez. 2014.

LÓPEZ, Graciela L. **O método etnográfico como um paradigma científico e sua aplicação na pesquisa.** Universidade Luterana do Brasil. Doutorado em Saúde Pública da UBRA: 1999.

MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A. (Orgs) **A abordagem etnográfica na investigação científica.** In: Etnografia e educação: conceitos e usos. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

OLSON, David R. Teorias da escrita e da mente: de Levi-Bruhl a Scribner e Cole. In: OLSON, David R. **O mundo no papel:** as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita. Trad. Sergio Bath. São Paulo: Ática, 1997. Cap. 2, p. 37-60.

STREET, Brian V. **Perspectivas interculturais sobre letramento.** Trad. Marcos Bagno. Revista de Filologia e Linguística Portuguesa da Universidade de São Paulo. N.8. p. 465-488, 2007.

STREET, Brian V. **Letramento sociais:** abordagens críticas do letramento do desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editora, 2014.

UAUCANCE. **Leitura estimula o cérebro dos idosos.** Publicação de 21 de novembro de 2016. Disponível em: <<http://www.uaucance.com.br/leitura-estimula-o-cerebro-dos-idosos/>> Acesso em 28 de jun. de 2021.

[1] Disponível em: <http://www.nuati.uneb.br/saiba%20mais.html>. Acesso em: 28 jun. de 2021.

AULA FLUI? DOCÊNCIA E CONDIÇÕES PEDAGÓGICAS NO ATUAL CENÁRIO DA EDUCAÇÃO

Denise Santiago Feitoza³
Edilane Carvalho Teles⁴
Maria Radilene Lopes Gomes⁵

Resumo

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a docência e as práticas pedagógicas com as aulas remotas, vistas as limitadas e desafiadoras condições formativas, laborais e de acessos das/os professoras/es durante a pandemia do Covid-19, para a efetivação e continuidade dos processos de ensino e aprendizagem. Para tanto, parte de observações e escuta nos contextos das atuações docentes com os ensinos (básico e superior), para individualizar e refletir os percursos implementados. De metodologia qualitativa, o estudo busca conhecer os modos como essa experiência é compreendida pelos docentes, de acordo com as respostas de um questionário, para a construção de uma análise pautada na hermenêutica filosófica, quanto às realidades e discursos do cenário educacional hodierno.

Palavras-chave: Docência. Condições pedagógicas. Educação básica e superior. Pandemia.

TEACHING AND PEDAGOGICAL CONDITIONS IN THE CURRENT EDUCATION SCENARIO

Abstract

This article aims to reflect on teaching and pedagogical practices with remote classes, given the limited and challenging training, work and access conditions of teachers during the Covid-19 pandemic, for effectiveness and continuity teaching and learning processes. Therefore, it starts from observations and listening in the contexts of teaching actions with teaching (basic and higher), to individualize and reflect the paths implemented. With a qualitative methodology, the study seeks to understand the ways in which this experience is understood by teachers, according to the answers to a questionnaire, for the construction of an analysis based on philosophical hermeneutics, regarding the realities and discourses of today's educational scenario.

Keywords: Teaching. Pedagogical conditions. Basic and higher education. Pandemic.

FLUJOS DE CLASE?

³ Especialização em Gestão e Coordenação pela Universidade de Pernambuco, Brasil (2018). Coordenador de polo da Universidade Aberta do Brasil. Mestranda do PPGESA - Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos, DCH III/UNEB.

⁴ Docente do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus III. Doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM/ECA/USP) / Área de concentração III: Interfaces Sociais da Comunicação. Docente permanente do PPGESA.

⁵ Especialização em Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Candido Mendes, Brasil (2016). Professora da Secretaria de Educação do Estado da Bahia. Mestranda do PPGESA - Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos, DCH III/UNEB.

CONDICIONES DIDÁCTICAS Y PEDAGÓGICAS EN EL ESCENARIO EDUCATIVO ACTUAL

Resumen

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre las prácticas docentes y pedagógicas con clases a distancia, dadas las limitadas y desafiantes condiciones de capacitación, trabajo y acceso de los docentes durante la pandemia Covid-19, para la efectividad y continuidad de los procesos de enseñanza y aprendizaje. Por tanto, se parte de la observación y la escucha en los contextos de las acciones docentes con la docencia (básica y superior), para individualizar y reflejar los caminos implementados. Con una metodología cualitativa, el estudio busca comprender las formas en que esta experiencia es entendida por los docentes, de acuerdo con las respuestas a un cuestionario, para la construcción de un análisis basado en la hermenéutica filosófica, sobre las realidades y discursos del escenario educativo actual.

Palabras llave: Docencia. Condiciones pedagógicas. Educación básica y superior. Pandemia.

Introdução

Este estudo é um convite à reflexão docente sobre a prática pedagógica, relacionada à formação contínua e as condições encontradas hoje, incluindo os meios utilizados nas ações implementadas com o ensino remoto. Assim, inicia destacando que não é suficiente apontar que o contexto é de muita complexidade e que é preciso criar, promover e possibilitar percursos que viabilizem a educação, para auxiliar e até propor outros/novos processos teórico-metodológicos de melhores condições de trabalho e de qualidade à educação. A questão vem ganhando maior ênfase nos contextos, principalmente pelas ausências e dificuldades que encontramos em diferentes níveis: de formação, técnica e tecnológica, institucional e, na base de tudo, a política que incide nos processos e nas relações humanas.

Isto posto, os diversos formatos de ensinos remotos (ER's) - pois cada um realiza ao próprio modo - emergiram como alternativas e abordagem para os processos de ensino-aprendizagem, que foram justapostos às modalidades de ensino recorrentes, em prol da população que está/estava (ou não) resguardada em suas casas e que necessitava dar continuidade ao desenvolvimento educacional, individual, coletivo e profissional dos sujeitos integrantes, deste complexo emaranhado de sentimentos e acontecimentos.

Nesse contexto, as emoções têm exigido mais atenção que os próprios fatos e acontecimentos, daí as confusas ordenações/orientações sobre os construtos quanto às prioridades do fazer educacional no país, o quê evidenciou de forma abissal as

diferenças excludentes entre o ensino público e privado, educação básica e superior, estados e regiões, educação nas zonas urbanas e dos/nos campos. Ou seja, analisar e refletir o cenário da educação de hoje tem se constituído um problema sem fim, por isso a proposta desta pesquisa e escrita, que possa somar a outras tantas, num mote de denúncia e reivindicações por uma educação pública, igualitária e de qualidade para todos.

No cenário que se forma, a preocupação do cômputo da carga horária do ano letivo trouxe através da aprovação pelo Conselho Nacional de Educação do Ensino Remoto (Parecer CNE/CP nº 5/2020, aprovado em 28 de abril de 2020)⁶ e a Lei nº 14.040⁷, a necessidade de adaptação e de metodologias diversas daquelas secularmente habituadas no ensino presencial, as quais tiveram nos últimos tempos, demandas por outros formatos e modalidades. Os documentos não são suficientes para dar conta das problemáticas nos contextos com o ER, assim, destacamos: a) a pesquisa e a práxis para conhecer e propor metodologias mais ‘ativas’, como uma das possibilidades para repensar e superar a abordagem tradicional e exclusivamente presencial, como meio de ensino e aprendizagem; b) as formações continuadas a serem priorizadas e organizadas para/pelas instituições responsáveis da Educação no país, públicas e privadas, de forma mais igualitária e justa, bem como a valorização da profissionalização docente em seu âmbito individual e coletivo nos espaços de trabalho; c) compreender que a complexidade das ações implementadas no momento da pandemia têm se configurado cada vez mais, num problema de não retorno aos modos como a educação era realizada, e que as ausências do estado, da sociedade civil e das instituições neste período na tomada de decisões mais ágeis e incisivas para todos, podem (já estão!) comprometer a educação dos anos vindouros e o direito à educação. Esse último tópico é gravíssimo!

Para refletir as proposições acima, abordaremos em três direcionamentos: 1) os significados da docência e as condições pedagógicas que as/os professoras/es têm encontrado para dar continuidade às ações; 2) o atual cenário da educação e os desafios a serem superados, incógnitas que precisam ser postas nos centros das discussões e ações dos docentes com o estado e a sociedade civil, partindo da escuta e observação

⁶ http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14511-ppc005-20&category_slud=marco-2020-pdf&Itemid=30192 Acesso em 10 de jun 2021.

⁷ De 18 de agosto de 2020, que estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública.

das realidades nos contextos; 3) promover e construir novas/outras experiências, para lidar com um processo que não podemos vislumbrar um fim, pois ainda não alcançamos a superação da pandemia.

Docência e condições pedagógicas

O que vivemos, não são tempos normais! Quem compreende e vive os problemas que acarretam a pandemia não tem tranquilidade e, a educação, entre todas as instituições, está longe de encontrar um mínimo de normalidade para que seu funcionamento chegue a todos (sequer chegou à maioria⁸), com o respeito que merece. Não saber o que está por vir, bem como, não ter conhecimentos de políticas públicas, das decisões ministeriais e secretarias de educação, para a superação do ‘fosso’ que se encontra a educação brasileira, angustia e muito!

O que tem sido feito, em relação aos docentes é o registro e a definição de uma experiência elaborada e construída na emergência; embasadas na necessidade de feedbacks, devolutivas, associadas a estudos e pesquisas; assim como em proposições feitas para além do tempo de trabalho, cuja carga horária que já era exaustiva antes da pandemia se intensificou ainda mais.

Isto posto, nos traz a reflexão sobre a responsabilidade da educação exclusivamente sobre os docentes, quando o Estado e as instituições não criam estruturas e condições materiais e imateriais para a continuidade das ações formativas. A citar, alguns exemplos amplamente vistos:

1) a continuidade do ensino para as instituições privadas e a ‘longa’ espera do início/reinício das aulas nas instituições públicas, destacam-se os não acessos e a ausência/presença das más condições econômicas e sociais dos estudantes, questionando dessa forma a atuação e a assistência que as ações das esferas do Estado (Federal, Estadual e Municipal) garantem para a educação das maiorias, como no caso da escola pública. Verifica-se a exiguidade de um maior investimento em internet e equipamentos, fato que incomoda e inquieta;

⁸ A ‘maioria’ que nos referimos no texto significa os estudantes da Escola pública.

- 2) as dificuldades de acessos, cuja internet brasileira não dá conta para os que podem pagar, menos ainda, para os que estão fora dessa inclusão, que hoje é um direito e não um privilégio;
- 3) a exigência da sociedade, instituições e pais, de que os professores continuassem, sem contudo, promover acompanhamento formativo e de tecnologias necessárias, com raras exceções, como equipamentos, internet e formação, que ficaram a ‘carga’ das/os professoras/es, incluindo ainda, o custo do trabalho como investimento financeiro próprio;
- 4) os modos diversos de planejamentos em muitos contextos e segmentos aleatoriamente, nos desafiando ao reconhecimento e a necessidade de compartilhamento, investigação e socialização com os meios, para colaborar com as docências e a práticas que promovem;
- 5) por fim, as sistematizações dos modos como ampliar as compreensões do presente, para vislumbrar reflexões que possam nos ajudar nas etapas atuais e nas seguintes, com qualidade.

A seguir, são abordadas as respostas dadas por professoras/es de diversos segmentos de ensino, que colaboraram respondendo ao questionário que realizamos no âmbito do grupo de pesquisa⁹, com questões abertas para que pudessem escrever e nos ‘contar’, por assim dizer, as dificuldades, problemáticas e experiências desse período.

Percurso de investigação: a análise dos dados

A metodologia utilizada é de viés qualitativo, propondo uma abordagem que mesmo em distância, pudéssemos conhecer o que pensam e como atuam os docentes com o ER. Assim, foi proposto um questionário construído no *Google forms*, distribuído através das redes, de participação voluntária, com perguntas em sua maioria abertas, para que os colaboradores pudessem se expressar, ao próprio modo, sobre as dificuldades e experiências que têm vivido. A proposta é de um estudo que busca conhecer os modos como essas são construídas e compreendidas.

Para interpretar as respostas, a análise foi pautada na hermenêutica filosófica, como percurso de investigação e referência para a compreensão, autocompreensão,

⁹ Grupo de Pesquisa Polifonia - Observatório de Educação e Comunicação, do Departamento de Ciências Humanas, Campus III, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

crítica e autocrítica, pois ao mesmo tempo que somos idealizadoras da pesquisa, somos ainda docentes, portanto, implicadas e imbricadas como o campo. O percurso foi sistematizado da seguinte forma:

- Definição das categorias de pesquisa para a presente escrita e entendimentos do objeto;
- Escolha entre as questões propostas, as que possuem convergências com o objetivo a ser sistematizado e socializado;
- Individualização e interpretação das respostas, relacionando as categorias;
- Escolha dos discursos expressos nas escritas que podem subsidiar as análises e reflexões.

Como opção metodológica, a hermenêutica propõe o entendimento do percurso de investigação no campo educacional (CIAN, 1997), como uma ampliação à compreensão e análise das criações de outros/novos caminhos para a realização e ‘renovação’ da práxis pedagógica. Assim, amplia as possibilidades interpretativas, efetivadas com uma rigorosa delimitação dos modos de realização, pois se propõe ainda, como uma abordagem que na pedagogia é submetida à multiplicidade dos modos e formatos do fazer, por assim dizer, mais dinâmicos, em especial, pela presente pluralidade de ‘pontos de vistas’, bem como, das construções promovidas pela linguagem. Para tanto, possui alguns aspectos comuns aos fenomenológicos, como (IDEM): a) a tentativa de pensar a educação em um modo ‘novo’, cujas origens estão pautadas nas ideias husserliana do mundo da vida; b) toma como referência e consideração, a experiência como lugar de desenvolvimento do processo formativo, encontrando no imbricamento teórico-prático, os processos em ação, cujo movimento é de ‘reflexão operativa’. Agir na cotidianidade da práxis pedagógica que ‘ilumina-se’ pela teoria; c) o envolvimento das/os pesquisadoras/es e formadoras/es, proposição também encontrada a pesquisa participante; d) a relação de imbricamento da subjetividade e objetividade; e) o sentido da humildade que caracteriza a escuta na condição da “*epoché*” husserliana (IBIDEM) que propõe a suspensão de juízo para poder refletir, sugerindo a construção de um percurso ‘coerente’ para a interpretação das mensagens expressas nos textos ou como é o caso do processo de formação, dos construtos dos sujeitos, das experiências, dos espaços e da comunidade. Compreendendo que “[...] a verdade não se dá somente no método, o percurso se

reveste com elementos carregados de interpretação que não exclui o processo histórico.”
(TELES, 2019, p. 53)

Como afirmava Gadamer (2001, p. 527, tradução nossa),

O fato de que a experiência hermenêutica tenha o modo de ser da linguagem, que entre a tradição e o intérprete tenha lugar o diálogo, fornece uma base muito diversa e nova. Nem a consciência do intérprete é dona daquilo que, como palavra da tradição, lhe é dirigida, nem se pode descrever adequadamente aquilo que de tempos em tempos nos é comunicado a partir da totalidade da tradição. Com respeito ao intérprete, acontecer significa aqui que ele não escolhe um determinado "objeto" para "dar conta", com determinados métodos, de modo a estabelecer o que um certo texto entende ou o que um determinado evento realmente era, mesmo superando-o, não intransponíveis, dificuldades decorrentes de seus preconceitos pessoais. Este é apenas um aspecto externo do evento hermenêutico, o que justifica a disciplina metódica que o intérprete deve impor-se.¹⁰

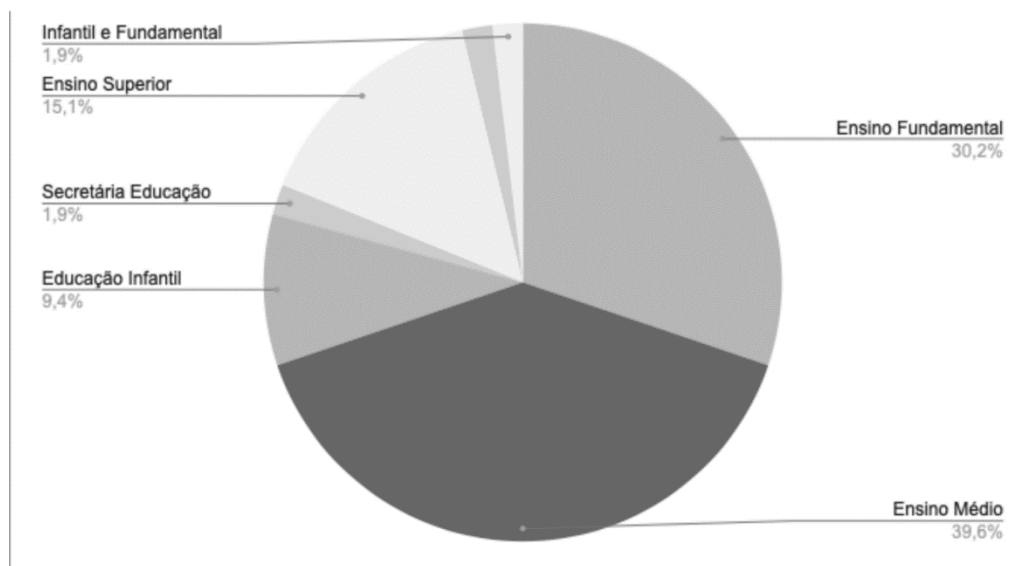
Para a interpretação e análise foram individualizadas três (3) categorias: as práticas pedagógicas e o ER, as condições formativas e laborais e, os processos de ensino-aprendizagem. Todas complexas na composição escrita dos termos/palavras, mas que não podem ser reduzidas, por conta do percurso investigado que é extenso e possui muitas nuances, princípios e dimensões. Assim, relacionado a estes, foi proposto o seguinte percurso: os significados da docência e condições pedagógicas no atual cenário da educação, identificando os desafios a serem superados, conhecendo, criando e sistematizando as novas/outras experiências. Não foi possível neste artigo abordar todas as questões, proposições e discursos que emergiram das respostas de 54 (cinquenta e quatro) docentes que colaboraram com a pesquisa, exigindo desdobramentos futuros.

Sobre as respostas dos docentes

¹⁰ Il fatto che l'esperienza ermeneutica abbia il modo di essere del linguaggio, che fra la tradizione e l'interprete abbia luogo un dialogo, fornisce una base del tutto diversa e nuova. Né la coscienza dell'interprete è padrona di ciò che, come parola della tradizione, le si rivolge, né si può descrivere adeguatamente ciò che di volta in volta può venirci comunicato dalla totalità della tradizione. Rispetto all'interprete, accadere significa qui che egli non si sceglie un certo "oggetto" di cui "venire a capo" con determinati metodi, in modo da stabilire che cosa un certo testo intende o che cosa un certo evento davvero è stato, sia pure vincendo le, non insormontabili, difficoltà derivate dai suoi personali pregiudizi. Questo è solo un aspetto esteriore dell'evento ermeneutico, che giustifica la disciplina metodica che l'interprete deve imporsi.

Dos respondentes, 86,8% são da rede pública de ensino, 9,4% privada e os demais, ambas ou filantrópica; De regiões e cidades diferentes: Nordeste (Bahia: Juazeiro e Salvador); Paraíba (Campina Grande); Pernambuco (Afrânio, Trindade, Belém de São Francisco e Petrolina); Norte (Rondônia: Porto Velho); Sudeste (São José da Barra (RJ), Rio de Janeiro, São Paulo); Sul (Florianópolis, Flores da Cunha e São José). Que atuam em diversos segmentos (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Segmentos de ensino que atuam os colaboradores.



Fonte: As autoras.

Para este estudo selecionamos três (3) das questões do formulário, para a composição dos primeiros entendimentos sobre as categorias definidas com as problemáticas elencadas pelos colaboradores: 1) *Quais as principais dificuldades que tem encontrado com o ensino remoto?* 2) *Qual sua opinião a respeito do aproveitamento das aulas no Ensino Remoto?* 3) *Como define sua experiência com aulas remotas? Se possível, justifique.*

A etapa seguinte foi realizada no *wordcloud*¹¹, para a individualização das palavras, termos e/ou conceitos mais repetidos pelos colaboradores. Como o discurso

¹¹ <https://www.wordclouds.com>

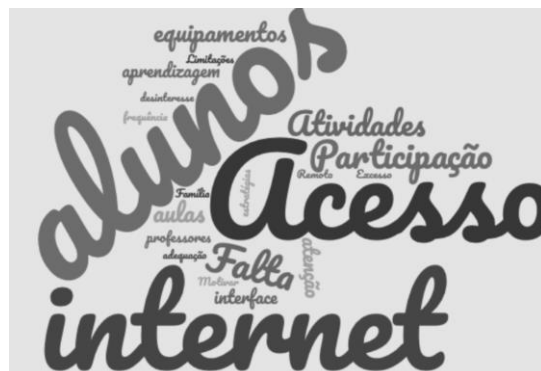
não pode ser fechado em limites rígidos, ao contrário, pois é movediço, complexo e cheio de nuances, optou-se por escolher as 20 primeiras mais citadas, abaixo elencadas na tabela (1) e apresentadas nas figuras/nuvens de palavras (Figura 1, 2, e 3).

Tabela 1 - Quantitativo das palavras que mais aparecem nas respostas dos docentes

Questão 1		Questão 2		Questão 3	
42	alunos	32	aproveitamento	16	alunos
35	Acesso / internet	21	alunos	15	aprendizagem
11	Falta	14	aprendizagem	12	experiência
10	Participação	12	aulas	10	aula
9	Atividades	10	acesso	10	contato
7	aulas	7	ensino	9	desafio
7	equipamentos	6	baixo	9	estresses
6	atenção	6	defasagem	9	várias
5	aprendizagem	6	necessário	8	nova
4	interface	6	participação	8	Superação
4	professores	5	Dedicados	7	ensino
3	desinteresse	5	metodológicas	7	presencial
3	estratégias	5	práticas	6	contexto
3	Excesso	5	Remoto	6	desconhecimento
3	Família	4	Modalidade	6	dificuldades
3	frequência	4	positivo	6	modalidade
3	Limitações	4	pouco	6	possibilidades
3	Motivar	4	prejuízo	6	reinventar
3	Remoto	3	Acompanham	5	adaptação
2	adequação	3	adaptaram	5	conseguir

Fonte: As autoras.

Figura 1 – Dificuldades que tem encontrado com o ensino remoto



Fonte: As autoras.

Imagem 2 - Aproveitamento das aulas no Ensino Remoto



Fonte: As autoras

Imagem 3 - Experiências com aulas remotas



Fonte: As autoras.

As figuras acima expressam em tamanho mais evidente, como visto na tabela, as palavras/termos evidenciados em constância e maior número de vezes.

- **Questão 1**

Sobre as principais dificuldades que têm encontrado com o ER, destacamos quatro aspectos que consideramos em convergência para a análise das respostas, a saber: 1) Alunos sem interesse e/ou dificuldades de usos das TIC's; 2) Problemas de acessos e ausência de acompanhamento; 3) Formação continuada, atuação docente, recursos materiais e imateriais. De acordo com o levantamento feito e a equivalência das respostas dadas, apenas duas foram dissonantes: uma, que afirma não ter “*Nenhuma*” dificuldade e, a outra que atribui aos dois grupos (docentes e discentes) “*A aceitação pelos prof, alunos e, principalmente, os responsáveis dos alunos.*” Ou seja, considera que ainda não houve aceitação do formato.

No primeiro agrupamento e comparativo sobre o tópico Alunos sem interesse e/ou dificuldades de usos das TIC's, um dos principais problemas é a ‘não-adaptação’ dos discentes, com 15 respostas, aproximadamente 27,8%. Abaixo, alguns exemplos:

- “*A nossa cultura, que é estudar por obrigação, ou seja, quando não há esse requisito de frequência, o aluno simplesmente se abstém. Além disso, a dificuldade de alguns alunos em aprender através dessa modalidade, sem a presença do professor em sala.*”
- “*Alunado sem interesse nos estudos.*”
- “*Autonomia dos alunos, muitos ainda não desenvolveram, o que enfraquece o processo, uma vez que nesse formato de aulas remotas, exige bastante, uso das TDIC's também, tanto por parte de nós professores quanto por parte dos alunos. Muitos só sabem manusear as redes sociais, quando é para utilizar, word, power point, Excel, por exemplo, não sabem. Uma vez que são ferramentas necessárias para formatação de um trabalho/texto/apresentação, etc.*”
- “*Evasão, desinteresse, não conhecimento total do público estudantil. Presencialmente a gente conhece mais os alunos e não temos tantas desculpas para a falta de atividade entregue. No remoto, além das desculpas, por mais que a gente use de artifícios, nem sempre eles estão prestando atenção ou focados.*”
- “*Baixo número de estudantes com acesso à internet e falta de equipamentos para trabalhar.*”
- “*Participação dos alunos na vídeo conferência pelo Applique-se¹².*”

Os docentes destacaram como uma das principais dificuldades, o constante desinteresse discente, que não participam de todas as atividades, assim, se havia o problema da participação de muitos estudantes anteriormente à pandemia, agora, essa percepção persiste e amplia. O tópico a seguir, de certa forma justifica por que essa participação e evasão é maior do que a esperada.

¹² Aplicativo de ensino remoto da rede estadual fluminense.

Como as pesquisas recentes (TELES; CAMPANA; COSTA; NASCIMENTO, 2020), assim como a observação de professores e estudantes têm apontado, os problemas de acessos e ausência de acompanhamento de muitas crianças e adolescentes, são nos entendimentos docentes, os principais problemas para a reduzida, pouca ou até desistência. Este tópico teve 26 respostas aproximadas, abordando a exclusão, não participação devido os problemas com a internet, assim como, a falta de apoio com os recursos tecnológicos. Como demonstram algumas das respostas a seguir:

- *“A exclusão dos alunos que não possuem meios para acesso.”*
- *“Valorização por parte dos familiares da educação das crianças.”*
- *“Alunos sem acesso adequado a internet e equipamentos limitados (antigos, pouca memória) para a transmissão das aulas.”*
- *“A realidade de alunos em relação ao acesso à tecnologia, acarretando a infrequência e não realização das atividades.”*
- *“Rede de internet fraca dos discentes, participação efetiva nas discussões, falta de equipamentos para discentes e exposição diária nas telas.”*
- *“A internet... Como os alunos não residem na cidade, o sinal fica comprometido para algumas aulas síncronas e resolução de avaliação.”*
- *“Os pais buscarem as atividades.”*
- *“Falta de apoio institucional para recursos tecnológicos para professores e alunos.”*
- *“Encontrar as famílias, promover propostas que possam ser realizadas em casa, receber as devolutivas, atender remoto e presencial ao mesmo tempo.”*
- *“Alguns alunos possuem dificuldades tecnológicas.”*

Como visto, 48,2% destacam a falta de acesso, problemas com a internet e muitos estudantes não possuem equipamento ou possuem precariamente, ou ainda, não saberem utilizar os dispositivos, programas e plataformas.

Sobre a formação continuada, atuação docente, recursos materiais e imateriais tiveram 11 respostas (20,4%), sendo evidenciado *“Manter o alunato motivado e proporcionar o mesmo nível de aprendizado do ensino presencial.”* Ou ainda, *“Compreensão de que esse formato requer novas estratégias para que o ensino e a aprendizagem aconteçam.”*, *“Pouca interação dos estudantes, fadiga com o excesso de atividades extra aulas, pouco domínio das novas tecnologias da informação e comunicação, etc.”*; os demais, destacaram a necessidade de melhorar a interação com os alunos, o contato, a necessidade de conhecer outras formas para *“motivar”*, a administração do tempo docente diante das telas, as complicações com a internet e um citou a organização da rotina em família.

- **Questão 2**

A respeito do aproveitamento das aulas no ER, as aproximações foram organizadas em quatro possibilidades que mais apareceram: 1) Com prejuízo e aproveitamento baixo; 2) Poderia ser melhor se tivesse condições estruturais; 3) Bom aproveitamento; 4) Não conseguem avaliar. Sendo que outras/os (5) destacaram que, “... as atividades são desenvolvidas, na grande maioria, pelos pais”, ou ainda, apesar do baixo número nas participações e/ou acessos, o ER “[...] tenta suprir a falta que a sala de aula faz. No entanto, as desigualdades entre as redes pública e privada ficaram bem mais latentes.”, outra/o reforça que “sinto que deixamos para trás as crianças com pouco acesso à internet ou de famílias com baixo nível de instrução.” E de que foi pensado apenas para não perder o ano letivo, e que “deve ser aproveitado e valorizado.”

As/os que destacaram que o ER tem prejuízo e aproveitamento baixo, computou 20 respostas (37%), destas apareceram expressões como “Muito prejuízo” e “pouco aproveitamento”, sendo ainda destacado que, dependendo do contexto, chega a ser mínimo, “quase zero, principalmente quando se trata das famílias mais pobres e sem instrução.”

- “O aproveitamento é bem mais abaixo do que na aula presencial, no entanto, os alunos que se esforçam têm um rendimento razoável.”
- “Aproveitamento abaixo da média, porém o Ensino Remoto é necessário.”
- “O aproveitamento é baixo, muitos estudantes não se adaptaram ao novo formato de aulas. Outra parcela não conseguiu acessar as plataformas por diversos motivos.”
- “O aproveitamento virá do fato por termos mantidos contatos com os estudantes. Os mais dedicados e que tenham recursos disponíveis, poderão ter aproveitamento, mas os que não são dedicados e não têm recursos adequados, terão muitos prejuízos.”
- “O aproveitamento se dá só pelos alunos com interesse. Os que não têm, se no presencial ainda faziam, no remoto utilizam de desculpas pra não realizar.”
- Colheremos os frutos desse ensino, que não alcança a todos os alunos, no futuro. Sérias deficiências de aprendizagem.
- Para conteúdo teórico, considero que o aproveitamento é alto por alunos que se interessam pela disciplina e baixíssimo pela maioria dos alunos. Há dificuldade para identificar e dar atenção aos que estão perdidos nas aulas. Para o conteúdo prático, o dano é gigantesco, um abismo para a formação profissional. Os alunos estão progredindo sem conhecimento e sem a experiência proporcionada pelas aulas práticas e interações sociais.
- Sinceramente, acho que 40% do que é passado pode ser aproveitado.

Muito do que foi dito responsabiliza o ‘aluno com falta interesse’, porém é preciso refletir sobre os percursos teórico-metodológicos que temos proposto aos estudantes no ER, é uma repetição das aulas presenciais, só que em tela? Ou temos proposto atividades mais ativas e que desafiam os estudantes além da escuta das exposições nas plataformas? Estas são questões que precisamos refletir e agir.

O tópico seguinte, de que poderia ser melhor se tivesse condições estruturais, considerado “*mediano*”, obteve 10 respostas (18,5%). Dentre estas, a de que “*Quando tem ajuda dos pais, os alunos acompanham o ensino e aprenderam a estudar em casa*”, ou ainda, “*Para que o aproveitamento seja efetivo acredito que seja necessário o entendimento desse novo formato e das grandes dificuldades que ele acarreta.*” E que um dos principais motivos é a exclusão digital dos estudantes.

O terceiro, destacou o “*Bom aproveitamento*”, com 15 respostas aproximadas (27,8%). Destacando que existem “*ferramentas*” para que seja possível promover o “*um bom andamento dessas aulas.*”, quanto são proveitosas e positivas.

- “*É um processo que precisa ser pensando e estabelecer critérios mais claros para que isso aconteça. Vejo acontecendo o "aproveitamento" de estudos que nem sequer foi realizado uma ação concreta com os estudantes.*”
- “*Acredito que os que estão acompanhando as aulas conseguem alguma coisa.*”
- “*Considero razoável. Mas ainda estou investigando isso.*”
- “*Depende de muitas variáveis emocionais e sociais, que vão além da aula em si, mas para aqueles que mantêm o foco, pode-se avaliar em 60% de aproveitamento.*”
- “*Quem acessa a aula online está conseguindo acompanhar como se fosse presencial, quem está somente com material impresso está com grande defasagem.*”
- “*Para se ter um bom aproveitamento das aulas no ensino remoto é preciso reciclagem metodológicas e tecnológicas, além de muito esforço tanto na preparação das aulas como na execução, mantendo o nível de interesse alto entre os alunos. Tenho conseguido um bom aproveitamento por meio de desafios e atividades mais leves, com bastante interatividade.*”
- “*Temos alunos que se saem muitíssimo bem nesta modalidade*”

Entre os respondentes, 4 (7,5%) destacaram que é difícil avaliar com precisão, os problemas de participação por muitos fatores:

- “*... talvez por timidez, não se envolvem como também é difícil avaliar à distância, pois não dá pra saber se o aluno conseguiu aprender de fato ou se pesquisou para responder às avaliações.*”
- “*Penso que ele funciona, mas precisa de avaliação constante sobre a prática Pedagógica, metodologias aplicadas, relação professor x aluno.*”

- *“Difícil de avaliar pois de fato não sabemos se foi pelo aluno ou por outra pessoa que o auxiliou, mesmo se for para avaliar algumas atividades de forma síncrona, solicitando que o aluno se posicione, ele pode estar falando lendo algum papel e não quer dizer que seja de fato a aprendizagem dele, enfim, é difícil. “*

- **Questão 3**

A questão sobre a experiência com aulas remotas, foi destacada nos seguintes tópicos: 1) Um processo novo que exigiu adaptação, que foi difícil, mas possível; 2) Angustiante e desgastante; e, 3) Desafiadora e com muitas aprendizagens. Para 10 (18,5%), foi um processo que exigiu adaptação. Para uns foi “novo” e “difícil no início”. Como afirmam:

- *“A princípio assustadora, pois de imediato foi preciso buscar equipamentos, estratégias para que as aulas fossem produzidas e válidas.”*
- *“Me sinto cansada, porém satisfeita com o trabalho que venho desenvolvendo, pois tenho buscado de várias formas, com várias alternativas e estratégias levar o aprendizado e o conteúdo das disciplinas que ministro para meus alunos.”*
- *“Válida, porém considero as aulas presencias muito mais proveitosas.”*
- *“Momento de adaptação e, felizmente, quem possui uma equipe disposta, consegue realizar um trabalho dinâmico com resultados positivos.”*

Outros 10 (18,5%), consideraram como “Angustiante e desgastante”, com rendimento comprometido, até “ruim” e “péssima”.

- *“Por causa de minha vivência com a tecnologia tenho conseguido superar as barreiras impostas à nova modalidade, embora acho mais desgastante que o presencial, ao mesmo tempo fico triste que o sistema não contempla a todos os alunos.”*
- *“Tem sido muito difícil, principalmente dentro do contexto da educação especial, trabalhar com os alunos desse público tem sido um desafio, uma vez que carece de um acompanhante mais efetivo e de um diálogo mais permanente entre a família e a escola, algo que era para estar acontecendo, nesse momento de forma efetiva e em muitos casos não está.”*
- *“Extenuante, custosa em tempo e no financeiro, desafiadora. Aprendizados diversos e emoções as mais conflitantes possíveis.”*
- *“Tivemos que aprender sozinhos como conduzir as aulas remotas. Foi frustrante não termos recebido capacitação, treinamento e incentivo da secretaria de educação.”*
- *“É uma experiência imposta a todos sem muito preparo e que ainda estamos aprendendo a lidar.”*
- *“Já tinha experiência anterior, só que o material era preexistente ou criado antes do curso iniciar. A experiência com EF fundamental está sendo bem trabalhosa, resultando em sobrecarga que está afetando vista e coluna.”*

O último tópico foi uma surpresa, pois a maioria, 31 (57,5%), a classifica como desafiadora e com muitas aprendizagens, até “inovadoras”, como definiram dois (2)

docentes. Difícil reduzir numa análise, pois as considerações docentes são muitas, como, por exemplo, o desenvolvimento de *“habilidades como mídias digitais”* e tecnologias, até *“exaustiva, porém, rica”*. Embora, afirmem que não substitui o *“contato presencial”*.

- *“Uma nova aprendizagem de fazer o remoto acontecer. É possível trabalhar de forma presencial e remota quando necessário. Apesar dos estresses.”*
- *“A experiência obtida é muito valiosa, devido ao necessário desenvolvimento profissional no uso de novas tecnologias. Apesar disso, sinto muito a falta do contato presencial com os alunos, e creio piamente que essa distância de certa forma é prejudicial.”*
- *“Proveitosas, mas quando o estudante não tem auxílio dos pais ou não possui internet, fica complicado.”*
- *“Eu particularmente gosto de dar aula nesse formato, porém vejo que não consigo alcançar todos os alunos, o que me preocupa.”*
- *“Boa. Minha experiência em aulas, no contato com os alunos, é exitosa. Só não é ótima pela não presença. Gosto do ensino remoto em parte, mas o silêncio durante a aula, a falta do olho no olho me incomoda.”*
- *“Na área de artes tem sido interessante aprofundar novas possibilidades e associar os recursos digitais com diversas produções de artes, no entanto, extremamente desafiador a dificuldade de acesso aos recursos por boa parte dos alunos, inclusive a internet que seria o básico, e também outras práticas que exigiria orientação aproximada ou produções coletivas terem sido abortadas.”*
- *“Como um grande desafio, pois nunca havia feito esse tipo de ensino, me fez repensar a forma de ensinar e também em muitos casos me sinto perto dos meus alunos.”*
- *“Experiência positiva. Tinha preconceito em relação ao ensino remoto, por causa do meu desconhecimento sobre as ferramentas de ensino e desatualização/desconhecimento sobre os métodos de aprendizagem ativa. Considero que estava no “tempo das cavernas” em relação ao ensino e a pandemia possibilitou essa releitura/entendimento sobre como ensinar.”*
- *“Ótima, vou manter as ferramentas de aprendizagem quando retornar para sala de aula.”*
- *“Minha experiência tem sido positiva, me sinto desafiada e dispondo de mais recursos tecnológicos para as aulas. Com mais liberdade e criatividade na hora de inovar e provocar os alunos com temas da atualidade. Sinto falta de mais interação entre os alunos e também me sinto muito cansada e estressada por acabar trabalhando muito mais horas em home office do que presencialmente.”*
- *“Minha experiência tem sido positiva no sentido de organização e busca das famílias, exceto claro, pelas crianças que não consigo contato.”*

Ou ainda, 3 (5,7%) que fizeram outras reflexões, como a ‘não dificuldade’.

- *“Edificante e ao mesmo tempo frustrante, pois tenho aprendido muito e melhorado significativamente minhas aulas, porém apenas cerca de 30% dos meus estudantes estão vivenciando isso. Além disso, é bem difícil não ter os equipamentos adequados e bem custoso tentar suprir essa falta de infraestrutura e essa inadequada condição de trabalho.”*
- *“O que fazemos hoje, buscamos nosso aprimoramento sozinhos”.*

Esse mapeamento hermético dos discursos selecionados por aproximação nos confirma muitas das questões que vivenciamos diariamente e precisam estar no centro das discussões das instituições e profissionais da educação, salvaguardando que a responsabilidade tem sido posta aos docentes, os quais como afirmam, têm reinventado as próprias práticas. Entretanto, não podemos esquecer e/ou negligenciar os muitos que não têm acessos, cujas consequências ainda desconhecidas é de atraso, exclusão e déficit a ser mensurado das perdas e atrasos nas aprendizagens dos estudantes, esta é uma responsabilidade e compromisso de todos.

O atual cenário da educação e construção de novas/outras experiências

O ensino remoto na pandemia impôs às instituições de ensino, seja no âmbito privado ou público, básico ou superior, conforme mencionado anteriormente, o uso de vários equipamentos tecnológicos (como computadores, *tablets e smartphones*), bem como o uso de dispositivos tecnológicos que serviram de *medium* para que as aulas fossem transmitidas.

O manuseio dessas plataformas e aplicativos, apesar de ainda estarem em fase de apropriação e de aprendizagem para docentes e discentes, já demonstra que estamos num percurso sem retorno, no sentido de que o trabalho e desenvolvimento das aprendizagens que até agora foram elaborados e construídos a custo de muito esforço, não poderão ou deverão ser desprezados, descartados. Afinal, as práticas que conseguiram tornarem-se exitosas foram realizadas por docentes que compreendem a importância de dar continuidade à educação, ainda que remotamente. E foi dispendioso de equipamentos, acesso à internet e domínio de tecnologias, na grande maioria, insuficientes e precários, que muitas atividades se consolidaram como “*exitosas e significativas*”.

A eficiência e o alcance dos ER's ainda não podem ser dimensionados, visto que a pandemia prossegue em ritmo cruel e letal, apesar da vacinação ter iniciado, vale salientar, a passos lentos. Desta forma, só poderemos ter uma avaliação mais exata das possíveis contribuições e dos impactos, positivos ou negativos, que essas experiências trarão na vida da comunidade escolar, especialmente, entre os discentes e docentes, após o término e/ou superação desta, e conseqüentemente, o ‘esperado’ retorno das aulas presenciais.

No entanto, é importante ressaltar que muitos desses resultados podem ser diretamente afetados por ações institucionais do Estado, que sejam voltadas para o planejamento e implementação de uma educação inclusiva e de qualidade. Que seja garantido, entre os vários direitos anunciados pela Carta Magna, o descrito em seu artigo 5º, parágrafo XIV¹³: “é assegurado a todos o acesso à *informação*[...]” que hoje, pode ser claramente entendido como o direito ao acesso de internet, pois a falta deste representa alienação e exclusão, as quais podem afetar os cidadãos e as instituições, paralisando-as no tempo. Como destaca Citelli,

De outro lado, a escola como unidade marcada por configuradores institucionais desenvolvidos segundo outra lógica temporal, com os seus ritos e a convivência com o tempo lento, necessário aos processos de (in)formação, sistematização, maturidade reflexiva, vínculos com o conhecimento, etc.[...] E, para tanto, impõem-se, ainda seguindo a já citada metáfora nietzschiana da tranquilidade, certa lentidão incompatível com o estreitamento do tempo presente, aquele no qual a escola precisa realizar a sua operação formativa. (2016, p. 16)

O ER continuará desafiando o docente a novas/outras práticas pedagógicas, que inclusive, estão relacionadas a um Ecosistema Educomunicativo (SOARES, 2011), o qual usa como *input* e *telos* de referência a cultura digital, coloca o estudante como sujeito ativo e, conseqüentemente, responsável por sua aprendizagem.

Este formato de ensino evidenciou claramente, as várias fragilidades que interferem na educação, e não é de agora. Embora Citelli tenha destacado em 2016, suas palavras continuam atuais em 2021.

Nesse descompasso, podem ser localizadas algumas das várias fragilidades que matizam o sistema escolar brasileiro, cuja tradução pública, muitas vezes espetacularizada pela mídia, traduz-se nas críticas ao currículo à defasagem dos programas de ensino, ao despreparo dos professores, à leniência das autoridades governamentais, ao acesso de milhões de jovens das classes populares ao ensino público, à tibieza nas avaliações, ao paternalismo, ao abastardamento do que teria possuído nobreza no passado, para ficarmos em itens de uma lista infundável. (2016, p. 16)

As fragilidades supramencionadas, nos indicam os caminhos que precisamos trilhar para combatê-las. Não será possível nos adequarmos ao presente, sem que abandonemos preconceitos tecnológicos e estejamos dispostos a aprender por meio de

¹³ https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_15.12.2016/art_5_.asp Acesso em 20 de jun de 2021.

formações que devem ser ofertadas pelo Estado para os usos críticos e mais ‘adequado’ de certas tecnologias e mídias digitais.

As escolas precisam ser estruturadas para determinadas práticas, como salas de informática onde os computadores funcionem adequadamente, acesso à internet, projetos que envolvam as tecnologias e a interpretação crítica às informações. O ensino precisa ser ‘contemporizado’, por assim dizer, acompanhar o mundo num processo evolutivo e de inclusão educacional. Assim, as práticas exitosas podem ser multiplicadas e o ensino desenvolver-se de forma mais eficiente e, quem sabe, com menos desgastes para/entre os docentes e discentes.

Considerações Finais

É recorrente ouvir das(os) professoras(es), seja em contextos da educação básica como do superior, que as demandas do trabalho remoto superam e muito, as exigências formativas, laborais e de tempos de acessos aos dispositivos tecnológicos e digitais, para a realização das atividades. Passado mais de um ano nesta saída emergencial de ER, o que vemos são políticas públicas reduzidas, quanto aos cuidados com as instituições, os segmentos de ensino, os docentes e os discentes, sobre as quais pode-se destacar, a priori, como ações ‘no mínimo’ questionáveis, uma vez que, vivemos diversas realidades contemporaneamente: a) o excesso de atividades através das telas (computadores, *tablets* e *smartphones*), que ultrapassam, e muito, uma coerência que possa ser considerada salutar diante das demandas que aparecem no cotidiano do trabalho docente; b) as condições materiais (equipamentos e meios para realização das atividades) e imateriais (suporte formativo e socioemocional) para efetivação das ações laborais; c) a acentuada emergência sanitária, que consolidou-se numa crise desconhecida pela população viva, de insegurança e ausências do estado.

Para compreender o cenário atual é preciso observar, ouvir, registrar e sistematizar as problemáticas que temos enfrentado com os ER’s (no plural, pois são variados), as quais decorrem de um formato em que os professores têm se deparado sem uma apropriada formação inicial e continuada.

As problemáticas supramencionadas agregaram ainda, a dificuldade que a própria educação tem em nunca conseguiu incluir o uso mais crítico e efetivo das mídias e tecnologias nos contextos. Estes, tendo os dispositivos digitais como uma das

alternativas/meio para a superação da ‘barreira’ que a pandemia impôs, uma vez que, somente pudemos dar continuidade aos ensinamentos, remotamente para parte da população estudantil, através das redes de internet, com o uso de plataformas e aplicativos, utilizados anteriormente, afim de entreter, como é o caso do *WhatsApp* e das redes sociais. A saída encontrada é, ao mesmo tempo, um desafio de formação e de ação profissional para conhecer mais e assim, promover uma educação que ‘minimamente’ chegue às maiorias, objetivo que sequer foi alcançado e, no entendimento deste estudo, pouco discutido e questionado.

Por fim, aula flui no ER? As tentativas são muitas, mas não suficientes ao acesso das maiorias.

Referências

BRASIL. **Parecer CNE/CP nº 5/2020** - Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Brasília: MEC, 2020. In: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14511-pcp005-20&category_slud=marco-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em 10 de jun de 2021.

BRASIL. **LEI Nº 14.040, DE 18 DE AGOSTO DE 2020**. Estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020; e altera a Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009. Brasília: MEC, 2020. In: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.040-de-18-de-agosto-de-2020-272981525>. Acesso em: 10 de jun de 2021.

BRASIL. **CARTA MAGNA**. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. In: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm. Acesso em: 04 de ago. de 2021

CIAN, Diega Orlando. **Metodologia della ricerca pedagogica**. Brescia, Italia: Editrice Scuola, 1997.

CITELLI, Adilson. Comunicação e Educação: o problema da aceleração temporal. In: NAGAMINI, Nagamini (organizadora). **Questões teóricas e formação profissional em comunicação e educação**. Ilhéus, BA: Editus, 2016. p. 11-23. (Série Comunicação e Educação; v. 1).

GADAMER, Hans Georg. **Verità e Metodo**. XIII edizione. Milano, Italia: Studi Bompiani: 2001.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. In: CITELLI, Adílson; Castilho, Maria Cristina. **Educomunicação**: Construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011.

TELES, Edilane C. **Entre o dizer e o fazer com as mídias e tecnologias na formação inicial do pedagogo**. 2019. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. 2019.

TELES, Edilane C.; CAMPANA, Adriana Maria de A.; NASCIMENTO, Fabiana; COSTA, Suéller. O Ensino Remoto e os impactos nas aprendizagens. In: Políticas da vida. **ComSertões**, v.9, n° 2, 2020. p. 1.18. In: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/comsertoes/article/view/10091>, Acesso em 20 de jun de 2021.

REFLEXÕES SOBRE A REPRESENTAÇÃO DO NORDESTE NO CINEMA BRASILEIRO

Ingyrd Hayara¹⁴
Isael Pereira¹⁵
Carla Paiva¹⁶

RESUMO

O presente artigo tem a finalidade de apresentar o resultado de uma investigação sobre como os próprios nordestinos compreendem as representações sociais sobre o Nordeste que estão presentes no cinema nacional, a partir da análise de um questionário com 13 perguntas, disponibilizados na internet, através da ferramenta Google Drive. Ao todo, foram entrevistadas 153 pessoas e suas respostas foram confrontadas com os estudos acerca das questões sobre representação, identidade e identidade nordestina. Os resultados apontam que quase 70% das pessoas consideram que os filmes não são fiéis a realidade em que vivem, porém, esses mesmos indivíduos ainda mantêm uma opinião dividida quando se refere ao reconhecimento em relação à cultura, as falas e expressões dos personagens fílmicos.

Palavras-chave: Cinema. Nordeste. Representações Sociais. Identidade. Pesquisa de Opinião.

REFLECTIONS ON THE REPRESENTATION OF THE NORTHEAST IN BRAZILIAN CINEMA

ABSTRACT

This article presents the result of an investigation into how northeastern people themselves understand the social representations of the Northeast that are present in national cinema, based on the analysis of a questionnaire with 13 questions, available on the internet, through the Google Drive. In all, 153 people were interviewed and their answers were compared with studies on the issues, identity and identity of the Northeast. The results show that almost 70% of people consider that the films are not faithful to the reality in which they live, but they still maintain a divided opinion when it comes to recognition in relation to a culture, such as the speeches and expressions of filmic characters.

Keywords: Movie theater. North East. Social Representations. Identity. Survey Research.

REFLEXIONES SOBRE LA REPRESENTACIÓN DEL NORDESTE EM EL CINE BRASILEÑO

RESUMEN

Este artículo presenta el resultado de una investigación sobre cómo los propios nordestinos entienden las representaciones sociales del Nordeste presentes en el cine nacional, a partir del análisis de un cuestionario de 13 preguntas, disponible en internet, a través de la herramienta Google Drive. En total, 153 personas fueron entrevistadas y sus respuestas fueron comparadas

¹⁴ Maior titulação. Profissão. Instituição (SIGLA). Município. Estado. País. E-mail.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Idem.

con estudios sobre la problemática, la identidad y la identidad del Nordeste. Los resultados muestran que casi el 70% de las personas considera que las películas no son fieles a la realidad en la que viven, pero aún mantienen una opinión dividida en lo que respecta al reconocimiento en relación a una cultura, como los discursos y expresiones del cine.

Palabras clave: Cine. Noreste. Representaciones Sociales. Identidad. Encuesta de Opinión.

Introdução

A consolidação do que hoje compreendemos como a região Nordeste foi construída, gradualmente, ao longo do século XX, através de diversos elementos que envolvem, desde a compreensão de um espaço político até a ascensão de um imaginário, o qual constitui uma representação imagética desse lugar. De acordo com Rago (2011, p.13), “até meados da década de 1910, o Nordeste não existia. Ninguém pensava em Nordeste, os nordestinos não eram percebidos, nem criticados”. O processo de regionalização nordestina está diretamente atrelado à formação das regiões no Brasil. Até então, o território brasileiro era dividido em unidades político-administrativas, no qual existia a “Província do Norte” e a “Província do Sul”. Essa configuração irá sofrer modificações refletindo as influências da expansão do capitalismo mundialmente e a consequente mudança dos Estados-Nação (PENNA, 1992).

Essas modificações irão se estabelecer, especialmente, nas primeiras décadas do século XX. De acordo com Albuquerque Júnior (2011), a Primeira Guerra Mundial terá um grande impacto no país, ao impulsionar a busca pela construção de uma identidade para a nação e os brasileiros. Esse processo de construção e reconhecimento do Nordeste como região foi acompanhado de práticas e fomentação de signos estigmatizantes que associa o povo nordestino a alguns “traços unificadores”, marcados por aspectos como a pobreza, a estiagem, o agrário etc. (PAIVA, 2014), que iam para além do campo político, sendo também difundidos por meio da ação de vários intelectuais e artistas dos mais diversos segmentos, como a literatura, música, veículos de comunicação e o cinema.

Neste artigo, iremos dar um foco especial à linguagem audiovisual, especialmente, a contribuição das produções cinematográficas para a concepção de imagem acerca do Nordeste. Desde a década de 1930, o cinema brasileiro levou para as telas imagens e estereótipos sobre a região, especialmente centralizada na figura do nordestino (PAIVA, 2014). Alguns desses aspectos ficariam marcadas no imaginário

coletivo até os dias atuais. Apesar de muitos aspectos terem mudado nas últimas décadas, especialmente, na transição para século XXI, com a ascensão de discussões voltadas para a pluralidades dessa região, Paiva (2017, p. 156) afirma que “essa imagem é tão forte que ela vem, constantemente, sendo perpetuada. Às vezes, a gente cai no equívoco do próprio nordestino se enxergar dessa formar e negar outras possibilidades de identidades que existem nesses espaços”.

Essa reflexão indica a permanência no audiovisual nacional de uma representação social sobre a identidade do Nordeste. Moscovici (1976 *apud* DUVEEN, 2007) irá associar as representações sociais a um sistema de valores, práticas e ideias que possui como função principal estabelecer determinada ordem para nos orientar no mundo material e social, possibilitando que as pessoas dessa comunidade se comuniquem, a partir de certos códigos acerca da sua história individual e social. Moscovici (2007) ainda afirma que as representações sociais são sustentadas pelas influências que sofremos no meio em que estamos inseridos ou temos acesso, assim, é tido que o meio estabelece as associações com as quais nós nos ligamos aos nossos semelhantes. Assim, devem ser vistas como uma maneira de entender e ensinar aquilo que já conhecemos e adquirimos em sociedade para os demais.

A partir disso, ficamos instigados a investigar como os próprios nordestinos compreendem as representações sociais sobre o Nordeste que estão presentes no cinema nacional. Buscando saciar essa inquietação, estabelecemos como objetivo principal neste artigo: analisar as percepções dos nordestinos a respeito das representações sociais contidas nas obras cinematográficas ambientadas no Nordeste. Para trilhar os caminhos que nos apontem respostas a essa provocação, traçamos um percurso metodológico que nos auxiliasse, em primeiro lugar, a refletir sobre as representações sociais, cinema, identidade e Nordeste, através de uma pesquisa bibliográfica, que, para Fonseca Júnior (2005, p. 32), consiste no “levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites”, com o objetivo de permitir ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto.

Todavia, esse procedimento não era o suficiente para tentar compreender as perspectivas dos sujeitos nordestinos. Por isso, decidimos realizar uma pesquisa de opinião direcionada para as pessoas que são nativas dessa região e/ou quem moram em

estados do Nordeste, a fim de conhecer um pouco sobre as perspectivas delas sobre os filmes ambientados nessa região.

Nas últimas décadas, a pesquisa de opinião tem sido utilizada por diversas instituições - privadas e públicas - para observar as características da realidade de determinados públicos quanto as questões políticas, econômicas e comportamentais. Na pesquisa científica, tem auxiliado os pesquisadores para interpretar aspectos da população e/ou a ocorrência de determinados fenômenos, através das respostas dos participantes (WEBER; PÉRSIGO, 2007). De acordo com Novelli (2005), por diversas vezes, a pesquisa de opinião pública é compreendida não apenas como uma técnica de medição da opinião, mas como uma própria extensão dessa, consolidando-se enquanto um método de investigação científica. Dentre suas vantagens, a autora elenca a possibilidade de realizar entrevistas que extrapolem as barreiras geográficas e seu baixo custo de investigação e, a partir disso, a viabilidade de investigar os dados a partir de análises estatísticas que levem em considerações as questões sociodemográficas.

Motivados por essas possibilidades, a coleta de dados foi realizada através de um questionário disponibilizado através da ferramenta Google Drive, que possibilita a confecção de formulários no ambiente digital, sem a cobrança de taxas. A opção por fazer a pesquisa de opinião apenas no ambiente digital nos pareceu a melhor solução, uma vez que, durante a realização desta pesquisa, estávamos em meio a pandemia de Covid-19. Apesar de não detalhar sobre as possibilidades da pesquisa de opinião através da internet, Novelli (2005) traz alguns aspectos relacionados a questionários que são feitos sem a presença do entrevistador. Entre eles, o fato de alcançar pessoas que estariam inacessíveis, caso a entrevista fosse realizada pessoalmente, a possibilidade do entrevistado responder quando for mais conveniente, assim como a garantia do anonimato de suas respostas.

Novelli (2005) nos orienta que, para realizar uma pesquisa de opinião, precisamos obter um número de informações que irão refletir as perspectivas sobre o tema em questão. Ao todo, foram trezes questões, majoritariamente, fechadas, na qual os participantes escolhiam apenas uma opção como resposta. Realizamos as questões com base na escala nominal, na qual elencamos algumas categorias. As perguntas foram divididas em dois grupos. As primeiras, tinham o cunho de identificar traços dos grupos sociais que estavam participando da pesquisa. Foram levantados dados sobre faixa

etária, gênero, escolaridade, localidade da moradia e o vínculo com a região Nordeste. Já na segunda parte, direcionamos as perguntas para observar as percepções e o consumo dessas pessoas em relação às produções cinematográficas que trazem o Nordeste como ambientação. Foram colhidos dados referentes ao gosto por esses filmes, no qual eles se passavam – no sertão, litoral ou capital -, e quais os aspectos que achavam mais interessantes nas referidas produções, ressaltando se sentem representadas e se acreditam que as cenas eram fiéis a realidade em que viviam. O formulário ficou disponível entre os dias 06 e 19 de outubro de 2020. A divulgação foi realizada, inicialmente, através da divulgação entre grupos de pesquisa e conhecidos, além de e-mails acadêmicos, solicitando a colaboração em compartilhar a pesquisa para mais grupos. Ao todo, 153 pessoas responderam as questões.

Para estudar essas evidências, seguindo o objetivo proposto neste trabalho, decidimos usar, para a exame das respostas, a análise de conteúdo, que segundo Bardin (1997, p. 42), corresponde a:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Ainda de acordo com a autora, esse tipo de análise nos possibilita um “leque de apetrechos”, uma vez que envolve um conjunto de instrumentos metodológicos. Para Fonseca Júnior (2005), a leitura a partir dos dados obtidos, irá permitir ao pesquisador observar evidências que podem passar despercebidas, a um primeiro momento, ou estarem em segundo plano. Bauer (2015) irá compreender que as leituras dessas informações serão propícias para realizar uma reconstrução de representações acerca do conhecimento e autoconhecimento das pessoas envolvidas em relação ao fenômeno estudado.

A partir das respostas que obtivemos, observamos as primeiras impressões do questionário. O Google Drive organiza as respostas do formulário em dois formatos: a individual, na qual temos acesso às escolhas de cada participante; e através de gráficos, onde visualizamos as respostas em uma escala de predominância. Assim, inicialmente, analisamos as respostas de forma individual no qual observamos traços específicos de

cada entrevistado. Em um segundo momento, nos dedicamos a analisar os dados a partir dos gráficos, observando as linhas que prevaleciam nas respostas. Neste momento, filtramos e cruzamos alguns dos dados obtidos para observar se havia alguma predominância de respostas partindo de alguns grupos. Assim, observamos se as questões como o gênero, o local de moradia - cidades do interior ou litorâneas - influenciavam na forma como os indivíduos viam as representações nas obras cinematográficas.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IDENTIDADE NORDESTINAS NO CINEMA NACIONAL

O conceito de “representações sociais” vai ser apresentado na década de 1960, pelo psicólogo social Moscovici (2001), que irá buscar novas possibilidades de compreender os problemas de cognição e as relações sociais presentes em grupos, sem simplificá-la, a partir da sociologia. Para esse teórico, os sujeitos não reproduzem os elementos da realidade objetiva, eles recorrem a um processo de reconstrução, uma reelaboração humana, que resulta em um mecanismo de propagação de uma representação, que, permite aos indivíduos compreenderem e explicarem uma determinada realidade, construindo novos conhecimentos. Em outras palavras, as representações sociais podem ser compreendidas como um sistema que reuni valores, conceitos e práticas construídas pelo meio social, a partir do qual, os indivíduos e a comunidade estabelecem uma ordem na perspectiva de se orientarem no mundo.

Fenômenos complexos, que diferem de acordo com a sociedade e grupos nas quais nascem e são moldadas, as representações sociais, conforme nos aponta Jodelet (2001), são uma forma de conhecimento elaborada de forma coletiva, referente a uma realidade comum a um grupo social. Dessa forma, elas partem de um conhecimento preexistente, construindo uma visão consensual da realidade para determinado grupo. A partir disso, é possível compreender questões referentes às práticas e conhecimento dessa sociedade, uma vez que esse fenômeno está presente na nossa rotina, de forma naturalizada, seja através de discursos, imagens e mensagens midiáticas, servindo como guias de condutas, orientando nossa forma de se relacionar com o mundo e com os outros.

Dessa forma, compreendendo que as representações sociais estão presentes nas dinâmicas da sociedade, é preciso reconhecer o seu caráter móvel e circulante que condiz diretamente na forma em que é estabelecida, assim como o processo pela qual são elaboradas (DUVEEN, 2007).

As representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através duma palavra, dum gesto, ou duma reunião, em nosso mundo cotidiano- Elas impregnam a maioria de nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos. Nós sabemos que elas correspondem, dum lado, à substância simbólica que entra na sua elaboração e, por outro lado, à prática específica que produz essa substância, do mesmo modo como a ciência ou o mito correspondem a uma prática científica ou mítica. (MOSCOVICI, 1961 *apud* DUVEEN, 2007, p. 10)

A partir disso, é possível notar as relações de pertencimento e relações dos sujeitos. Jodelet (2001) também observa que na dinâmica das representações sociais, a presença do sujeito sempre está voltada para refletir a existência de um determinado objeto. Assim, a representação “tem com seu objeto uma relação de simbolização (substituindo-o) e de interpretação (conferindo-lhe significações). Estas significações resultam de uma atividade que faz da representação uma construção e uma expressão do sujeito” (p. 27). Assim, a construção da perspectiva que o sujeito tem sobre o objeto está baseada nas informações que ele recebe acerca do objeto.

Santos (2005) destaca quatro funções que as representações sociais cumprem em nossa sociedade: 1) do saber, no qual as (RS) servem para explicar e nos fazer entender a realidade social; 2) de orientação, em que servem como guias para nos orientar acerca de certas práticas sociais; 3) justificadora, que fundamenta os comportamentos e condutas acerca de determinados objetos; 4) identitária, que compartilha determinadas representações que diferenciam os grupos um do outro. Neste trabalho, especificamente, muito nos interessa a função identitária, por compreender que as representações sociais possibilitam a edificação de uma identidade grupal, permitindo ao indivíduo se sentir pertencente aquela comunidade ou as demais pessoas associarem indivíduos a determinados grupos.

Almeida (2005, p. 45-46) compreende que o conteúdo das representações sociais é determinado e organizado a partir de uma relação com o mundo, na qual há um

intercâmbio social que “se consubstancia através da linguagem, que, por sua vez, possibilita a formação de ideias, e também de um vínculo e de uma identidade social”. Ainda de acordo com esse autor, essas representações seriam responsáveis pela manutenção da identidade de um grupo, uma vez que há a mobilização de um tipo de “defesa” dos valores dominantes frente a irrupção de novidades.

Hall (2006) defende que o indivíduo pós-moderno é um ser fragmentado, que, segundo ele, pode viver em um determinado meio geográfico de um indivíduo e não comungar das mesmas manifestações culturais. Essa fragmentação, apontada por esse último autor, demonstra que os indivíduos não são seres estáticos, mas dinâmicos. Desse modo, somos levados a entender que mesmo uma pessoa que comungou boa parte de sua vida e se sentiu representado por uma manifestação cultural nativa de seu espaço geográfico, pode, após alguns anos, já não se sentir representado socialmente por ela. Assim, muitos indivíduos que vivem em sociedade e comungam de determinadas culturas podem ou não partilhar dos mesmos sentimentos de pertença a uma identidade.

Precisamos assinalar também que o processo de globalização social tem influenciado diretamente no que diz respeito as representações sociais e sua função identitária. Pois, quando os indivíduos viviam em outras configurações de espaço/tempo, com maiores barreiras para ter acesso a outras culturas, diminuía o leque de outras alternativas, de saberem se gostavam, se identificavam ou não por manifestações culturas de regiões diferentes. Com a popularização da Internet e os meios de comunicação, por exemplo, as pessoas passaram a ter maior facilidade a acessar a outras culturas, mesmo que não presencialmente, já se tinham conhecimentos de mundos diferentes, como crenças, danças, culinária e outros aspectos culturais, por isso,

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é as vezes, descrito como constituindo (de classes) para uma política de diferença (HALL, 2006, p. 21).

Ainda de acordo com Moscovici (2007), independentemente do indivíduo ser fragmentado ou não, as representações sociais primárias de cada pessoa, seja de corpo, relações sociais ou culturais, são desenvolvidas da infância até maturidade. Abordando

a nossa realidade, onde acreditamos que os indivíduos são atraídos pelas imagens cinematográficas que estão sendo veiculadas sobre o Nordeste, Paiva (2006) afirma que a sétima arte, como é descrito o cinema, tem um efeito mágico de prender o espectador diante das situações e histórias contadas nas telas. Essa autora ainda afirma que o Nordeste foi, ao decorrer dos anos, sendo construído pelo cinema e, é claro, em um universo simbólico, essa construção foi, aos poucos, trazendo sentimentos de representação social (ou não) para as pessoas, a partir da reprodução de um conjunto de imagens, que tiveram uma certa inclinação em adotar uma homogeneização do Nordeste: “O audiovisual nacional apresenta, na maioria de seus filmes de ficção, um discurso centralizado na figura do nordestino como um mártir que desenvolve sua existência trágica, que se traduz em dor, fome, miséria e morte” (PAIVA, 2014, p. 115).

Essas reproduções apresentadas acima se constituíram de forma homogênea, tendo como influência principal a literatura brasileira. Várias produções fílmicas acerca do Nordeste foram extraídas de grandes obras literárias, escritas por autores como Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Lins do Rego entre outros, que tiveram seus livros transformados em conteúdos audiovisuais. Consequentemente, o nordestino passou por uma construção de sua imagem, através do cinema, desde 1930, com base em produções literárias, que reforçam a ideia do rural e a natureza hostil, constantemente evocadas no imaginário popular das pessoas.

Assim como nas telas, a descrição da paisagem sertaneja era ponto chave nesses livros. Tolentino (2001) fala que o rural apresentado no cinema nordestino, principalmente nas décadas de 1950 e 1960, se rebelou, mostrando lugares e paisagens inesperadas, denunciando as marcas de um agrarismo histórico. Sobre as relações humanas, essa autora ratifica que, dentro do espaço rural, o cinema passou a apresentar condições humanas, cultura e formas de se relacionar em sociedade, diferentes dos seres urbanos, acrescentando que

O homem simples do campo padeceria de problemas imediatos, desejos elementares, que não diriam respeito a mais ninguém além dele e, no máximo, à sua comunidade imediata. O sujeito pré-urbanizado e pré-desenvolvido, está e parece sempre ter estado aquém da humanidade (TOLENTINO, 2001, p. 296 – 297).

Ainda sobre a representação do rural no cinema nordestino, Paiva (2014) comenta que essa ligação de imagens – cinema/literatura, rural/natureza - vem desde a década de 1950, no Brasil. Na maioria dos casos, os locais são os interiores (sertões Semiárido) e também, em alguns casos, as cidades. De acordo com essa última autora, conflitos como o coronelismo, a imagem do vaqueiro, a população humilde, o cangaço, a fome e a seca, contribuem para um cenário que propicia maior dramaticidade as narrativas audiovisuais que buscam veicular essa região através do cinema.

Esses aspectos também continuaram presentes no “Cinema Novo”. Leal (1982) destaca que o Nordeste foi a principal fonte de inspiração para os cinemanovistas, como Glauber Rocha e Nelson Pereira dos Santos, que acabaram colaborando, de forma indireta, para a estereotipização do Nordeste, ao evidenciar em suas grandes produções as condições de miséria que viviam os nordestinos. Paiva (2017) observa que as imagens produzidas, nesse período (1960) servem, até os dias de hoje, como fonte de inspiração para algumas produções audiovisuais, tanto na ficção, como em produções não-ficcionais. Atualmente, por exemplo, para ilustrar algumas matérias jornalísticas que se referem ao Nordeste, especialmente, sobre o Semiárido e os períodos de estiagem (seca), ainda são utilizadas imagens concebidas por esses dois cineastas, em filmes como *Vidas Secas* (1963) e *Deus e o Diabo na terra do sol* (1964).

É claro que, ao longo das décadas, algumas concepções sobre o cinema que pauta o Nordeste foram modificadas. Ainda segundo Paiva (2017), após alguns hiatos e retomadas, as produções cinematográficas, que começaram na virada do século, se consolidando nos anos 2000, abordaram, em filmes como *Central do Brasil* (1998),

(...) uma ideia de resgatar a identidade brasileira através da valorização da identidade nordestina. Então não é por acaso que filmes como *Central do Brasil* começam no Rio de Janeiro e acabam no Nordeste, revelando um processo migratório contrário. Chegando nos anos 2000, existe uma divisão em relação a representação da região. Ainda permanece um pouco do Nordeste que é pautado em estereótipos como, recentemente, tivemos o filme *Reza a Lenda* (2013), mas também existe a produção de outros cinemas como, por exemplo, a cinematografia pernambucana que representa o Nordeste contemporâneo e que discute outras questões como raça, gênero, faixa etária (PAIVA, 2017, p. 158).

Assim, podemos constatar que há uma multiplicidade de identidades e representações nordestinas delineadas no cinema brasileiro que, em muitas vezes,

entram em conflito entre si. Assim, após, brevemente, expor sobre a forma como alguns autores discutem as questões das representações sociais e a identidade nordestina no cinema, temos condições de procurar entender, com base na opinião popular, as percepções das pessoas em relação ao cinema que aborda temáticas nordestinas/sertanejas.

UMA LEITURA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO NORDESTE A PARTIR DA PERSPECTIVA DOS NORDESTINOS

Inicialmente, conforme delineado na Introdução deste artigo, identificamos alguns traços mais comuns entre os participantes da pesquisa. No universo de 153 pessoas que responderam ao questionário online, 98,7% moram no Nordeste, atualmente. A maioria era mulheres (74,5%), entre 18 e 29 anos (54,4%) e com acesso ao ensino superior (70%). Para Maura Penna (1992), a questão da identidade nordestina está diretamente relacionada a fatores como naturalidade (local de nascimento); vivência (experiência de vida dentro das fronteiras da região); cultura e auto-atribuição. No caso específico de nossa investigação, conforme descrito na Introdução deste artigo, consideramos como nordestinos, os entrevistados que por auto-atribuição responderam ao questionário por residirem nos nove estados dessa região e/ou por nascerem nesses locais.

Em qualquer dessas situações, é importante lembrar que:

Antes da emergência desta identidade regional, os habitantes desta área eram conhecidos através de diferentes designações, tais como nortistas, sertanejos, brejeiros, praieiros, retirantes, além da referência à província ou estado de origem - pernambucano, baianos, paraibanos, cearenses, etc (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2005, p. 32).

Ao observarmos as respostas a partir da perspectiva de gênero, por exemplo, notamos que 41% dos homens acreditam que os filmes que pautam o Nordeste são fiéis a realidade local, em contrapartida apenas 7% deles se sentem representados, apenas 15% das mulheres acreditam na fidelidade dos filmes com relação a suas vidas, sendo que 5% delas se sentem representadas. Esses números indicam que os/as entrevistados/entrevistadas se sentem pouco representados pelas obras cinematográficas que pautam o Nordeste, pelo menos, entre os filmes os quais tiveram contato, alguns

dos que foram apresentados são: *O Auto da Compadecida* (2000); *Lisbela e o Prisioneiro* (2003); *Bacurau* (2009); *Raízes do Sertão* (2012-2019), dentre outros.

Essa diferença de quase 30 pontos percentuais entre os gêneros masculino e feminino e a percepção de representatividade nos filmes sobre o Nordeste parece indicar que os homens têm maior tendência a conciliar os filmes com sua realidade, provavelmente, porque as obras nacionais reproduzem um discurso mais próximo do cotidiano masculino, especificamente, no caso do Nordeste em que há, conforme delinea Albuquerque Júnior (2005) um modelo patriarcal de sociedade emoldurado pelo mito das paisagens naturais desoladoras que colaborou para a construção da ideia de “nordestino cabra-da-pestre”. É bom ressaltarmos, contudo, que, apesar das pessoas identificarem traços nos filmes que remetem a sua realidade, o número de entrevistados/entrevistadas que afirmam se sentir perfeitamente representadas é bem baixo, conforme podemos verificar no Gráfico 1.

Você se sente representado através das cenas de filmes que abordam o Nordeste?
153 respostas

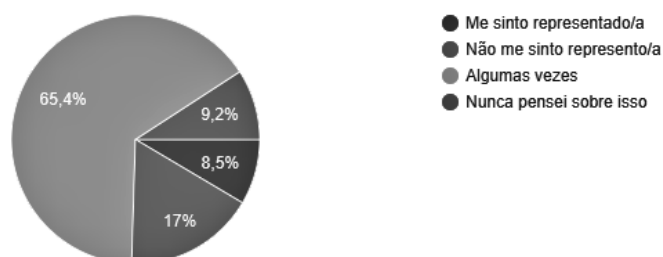


Gráfico 1 – Sentimento de representação dos nordestinos no cinema

Assim, buscamos observar quem eram esses indivíduos que partilhavam dessa experiência mais positiva em relação a representação do Nordeste nas telas. Os dados nos revelaram que todas as pessoas que afirmaram se sentir representadas pelos filmes ambientados no Nordeste também acreditam que os filmes com temáticas nordestinas fazem uma leitura da realidade em que vive. Curiosamente, nesse cenário, 77% das pessoas que concordaram são mulheres, enquanto apenas 23% são homens, apresentando uma contradição interessante em relação às respostas anteriormente

analisadas. Esse grupo também destacou que, ao assistirem os filmes, os aspectos que mais apreciam são a cultura, além das falas/expressões.

Ismail Xavier (1983) afirma que os filmes ambientados no Nordeste, em sua grande maioria, apresentam um discurso que privilegia uma “representação do Nordeste ligado à cultura popular”, com discussões que envolvem a “questão política, o mimetismo religioso, a inocência da mulher nordestina, o machismo e a força do homem sertanejo, através do uso de conceito de coragem, da seca, da solidariedade, etc” (p. 9-13). Essa forma de caracterização operada pelo cinema favorece o regionalismo que se traduz, conforme Penna (1992), em um discurso caracterizado por uma certa homogeneização, constantemente reelaborada, através da incorporação de elementos e conteúdo, de acordo com modificações presentes nos diversos níveis sociais.

O Nordeste brasileiro é cheio de peculiaridades em sua cultura e também em questões geográficas relacionadas às paisagens, variando de um Estado para outro. Por isso, destacamos que os filmes abordam em suas narrativas cenários e conceitos que tanto podem ser parecidos, como podem trazer particularidades distintas, como por exemplo, o mesmo Nordeste discutido em questão podem ser abordados com narrativas e tramas diferentes ou com mesmos conceitos dependendo do produto em questão. Nesse sentido, Tolentino (2001) discute que se tratando de abordagens cinematográficas sobre o Nordeste existe uma dualidade em relação ao Sertão X Litoral, colocando as abordagens em situações opostas, essa herança de conceitos é herdade desde as contribuições literárias de Euclides da Cunha. A autora ainda consta que esse mesmo processo é assumido pelo cinema quando se refere a dicotomia entre Nordeste e Sul. A partir disso, entendemos que existe uma intencionalidade que é discutida por autores como Tolentino (2001) referentes a uma homogeneização nas abordagens cinematográficas em relação as imagens de Sertão como oposto ao litoral.

Em paralelo a isso, o número de pessoas que afirmaram não se identificar, de nenhuma forma com os filmes ambientados no Nordeste, foi pequeno. Ao todo, 17% dos participantes compartilham desse pensamento. Majoritariamente, as pessoas que fazem parte desse grupo responderam que moram em cidades do interior e, apesar de não se sentirem representadas, cerca de 80% delas gostam das produções que pautam o Nordeste. Também esteve presente um grupo de pessoas que manifestaram nunca terem pensado se os filmes as representavam, totalizando 9,2%, o que podemos considerar que

ainda existem pessoas que, de certa forma, consomem conteúdos da mídia que retratam o Nordeste e não pensam com criticidade se aquelas produções são de fato fiéis ao que vivem em suas cidades e regiões. Essa ausência de preocupação em relação à forma como o cinema representa o Brasil se deve, em grande parte, ao fato dessa forma de arte ser concebida em nossa sociedade apenas como forma de entretenimento. Outro grupo, que somou 70%, mostrou posicionamento contrário ao afirmar que as obras cinematográficas não eram fiéis a realidade, evidenciando também uma preferência em observar os aspectos culturais dos filmes.

Um dos aspectos que mais nos chamou a atenção, nesta pesquisa, foi o fato de que, ao perguntarmos se essas pessoas se sentiam representadas nas obras cinematográficas, cerca de 65% das pessoas afirmaram que “às vezes”, o que nos leva a considerar que os espectadores ao consumirem produções fílmicas que abordam o Nordeste, em determinados momentos das exposições, conseguem se enxergar lá, seja culturalmente ou socialmente, mas que também, do mesmo modo, em outros trechos já podem achar que as produções não despertem tanto o sentimento de representação, devido ao excesso de estereótipos presentes nesses filmes. Paiva (2006) define esse tipo de representação repetitiva como signos de nordestinidade, que reduzem o povo nordestino a características possuidoras de uma igualdade pejorativa e singular, construindo uma associação entre a região à pobreza e a seca e compondo identidades sociais dependentes desses signos.

Apesar de, inicialmente, a pesquisa ter sido pensada com perguntas fechadas, uma das participantes – que nomearemos como Participante 50 – declarou, na única questão que deixamos aberta, um pouco de sua percepção sobre a representação do Nordeste nas telas:

Há produções que captam coisas muito subjetivas do sertão, outros usam apenas como pano de fundo e intensificam apenas fome, sede, pobreza, sotaque, apenas o exótico, mas a mesma coisa ocorre com o Rio de Janeiro, por exemplo. Portanto, às vezes, me identifico muito, às vezes de jeito nenhum. Por outro lado, não creio que seja papel do cinema ser fiel à realidade, assim como o papel da TV, por exemplo, não é educar, é entreter, é mexer com o imaginário, é provocar emoções.

Hall (2006) aborda questões relacionadas a esse processo identitário que ora nos faz ter um sentimento de participação e identificação e às vezes, por outro lado, nos faz entender que aquilo não nos representa e não nos dá sentimento de pertencimento social. Esse processo relatado pela Participante 50, em sua resposta, remete-nos ao descrito por Hall sobre o sujeito pós-moderno e seus processos identitários que envolvem a não existência de uma identidade fixa, essencial ou permanente, como foi descrito no relato, e sim, fragmentada como uma “celebração móvel”, que é transformada continuamente com base nas relações, identidades e representações sociais que nos rodeiam.

Ao observamos sob a perspectiva das pessoas que afirmaram se gostavam ou não das produções cinematográficas que pautam o Nordeste, também conseguimos identificar alguns aspectos (Gráfico 2). Pelo menos 70% das pessoas que afirmaram gostar desse tipo de produção, também disseram que essas obras não correspondem fielmente a realidade em que vivem. Em nenhum momento, as pessoas desse grupo se sentiram representadas inteiramente nas telas. Já as pessoas que não costumam assistir esses filmes, apresentam o traço de não gostarem e/ou serem indiferentes a essas obras, além de não acreditarem - 75% delas – que os filmes são fiéis. Por fim, as pessoas que são indiferentes a esse tipo de produção atestaram, massivamente, que os filmes não retratam a realidade e também não partilham – ou apenas em poucos casos – do sentimento de representação.

Em relação a esse dado em questão, os/as entrevistados/entrevistadas, ao tempo que gostam das produções brasileiras sobre o Nordeste, apresentam uma criticidade ao analisar que esses filmes trazem concepções estereotipadas e fogem da realidade em que vivem. Paiva (2014) avalia que essa propagação discrepante e excessiva entre o Nordeste “real” e aquele presente nas telas de cinema contribui para a formação no imaginário popular de uma representação social que estancar a vida nordestina em temas desgastados e repetidos, omitindo a diversidade presente na região.

Gosta desse tipo de produção

153 respostas

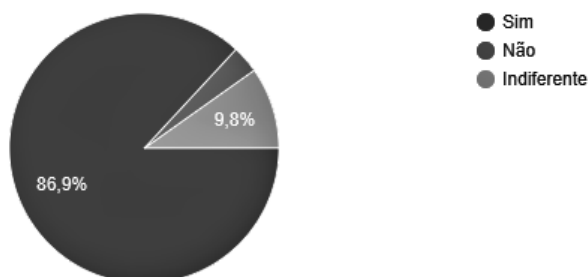


Gráfico 2 – Apreciação dos filmes que trazem o Nordeste

Também observamos que os aspectos que as pessoas mais apreciavam nos filmes que versam sobre o Nordeste, conforme já analisado aqui neste artigo, corresponderam a cultura (43,8%), seguidos de falas/expressões (37,9%). Certamente, esses elementos ficaram em destaque devido à profusão de sua imagem. De acordo com Velasco (2017, p. 131), “somos lembrados por esses espaços e os signos que constituem”, que se estabelecem a partir de uma representação tradicional, arquetizada e reproduzida historicamente.

Conforme afirma Jodelet (2001), é bom ressaltarmos, as representações sociais não correspondem literalmente nem ao real, nem ao ideal, tampouco é parte subjetiva do objeto ou a parte objetiva do sujeito, ao contrário, elas são um produto da relação estabelecida entre estas instâncias. Contudo, sobre a representação do Nordeste no cinema brasileiro, cabe-nos lembrar que há uma vasta realidade de vidas, histórias, práticas e costumes no que atualmente intitulamos Nordeste que, no entanto, são apagadas por uma unidade imagético-discursiva, que nasce da urgência da (re)territorialização construída a partir de um levantamento da natureza, assim como da história econômica e social da área, juntamente de todo um empenho de produção de uma memória social, cultural e artística que pudesse servir de base para sua instituição como região (ALBUQUERQUE, 2003) que colabora para que alguns participantes desenvolvam um sentimento de participação social maior em relação aquilo que está sendo exibido nas telas.

Considerações Finais

Ao reverberar sobre a formação sociopolítica do Nordeste, foi possível constatar aspectos referentes às representações sociais e identidades que foram construídas, gradualmente, acerca dessa região e que, até os dias atuais, influenciam na ambientação de produções audiovisuais que trazem a região como cenário ou temática. Por meio de um questionário online, disponibilizado através do Google Drive, contendo 13 perguntas foram entrevistadas 153 pessoas e suas respostas foram analisadas e cruzadas com base em estudos acerca das questões sobre representação, identidade e identidade nordestina. Pudemos constatar algumas percepções que os próprios nordestinos e nordestinas tem a respeito das representações identitárias contidas nas obras cinematográficas sobre o Nordeste.

Os dados indicam que as pessoas gostam de consumir esse tipo de conteúdo. Notamos que, apesar de quase 70% das pessoas acharem que os filmes não são fiéis a realidade em que vive, que esses mesmos indivíduos ainda mantém uma opinião dividida quando se refere às representações de sua realidade presentes nas telas. Possivelmente, esse seja um aspecto em conflito que pode ser justificado pelo conjunto de identidades fragmentadas que os sujeitos carregam consigo na pós-modernidade ou pela unidade dessa representação a partir de alguns estereótipos difundidos desde 1950. Ao mesmo tempo, as respostas ao questionário indicam que os/as participantes se reconhecem em relação à cultura, as falas e expressões dos personagens fílmicos.

Esses aspectos parecem estar diretamente relacionados à forma como o Nordeste ainda é reproduzido nas telas de cinema e em outros âmbitos da cultura que uniformizam realidade de vidas, histórias, práticas e costumes. Por fim, ressaltamos que esta pesquisa, ainda que preliminar, serviu para abrir caminhos e perspectivas para novos estudos sobre como os/as nordestinos/nordestinas se sentem representados/representadas que, anteriormente, não eram cogitados pelos autores, como a evidencia de um sentimento de representação que, muitas vezes, se mostra complexo e, por vezes, contraditório.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. Cabra da peste! In: NOSSA HISTÓRIA. Rio de Janeiro, Ano 2, nº 17, março de 2005

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

DUVEEN, Gerard. Introdução: o poder das ideias. In: MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. Disponível em: https://www.academia.edu/25698906/MOSCOVICI_S_Representa%C3%A7%C3%B5es_Sociais. Acesso em: 04 jun. 2021.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 11 Ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. 420p.

LEAL, Wills. **O Nordeste no cinema**. Editora Universitária – FUNAP/UFPB. João Pessoa, 136 p, 1982.

MAFFESOLI, Michael. O imaginário é uma realidade. [entrevista a Juremir Machado da Silva]. **Revista Famecos** - mídia, cult e tecnologia. 2001; 15:74-81.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigação em psicologia social**. 5ª ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2007.

NOVELLI, Ana Lúcia Romero. Pesquisa de Opinião. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

_____. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, Denise (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. 420p.

PAIVA, Carla Conceição Silva da. **Mulheres nordestinas, sujeitos ou objetos? análise da representação feminina em quatro filmes brasileiros da década de oitenta**. 2014. 317f. Tese (Doutorado em Multimeios) - Instituto de Artes, da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PAIVA, Carla C da S. A virtude como um signo primordial da nordestinidade: análise das representações da identidade social nordestina nos filmes “O Pagador de Promessas” (1962) e “Sargento Getúlio” (1983). Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2006 – 115p.

_____. Signos de nordestinidade no cinema brasileiro. [entrevista concedida a Ingrid Hayara dos Santos e Andrea Cristiana Santos]. **ComSertões**: revista de comunicação e cultura no semiárido, UNEB, n. 5, p. 155-160. 2017.

PENNA, Maura. O que faz ser nordestino: identidades sociais, interesses e o “escândalo” Erundina. São Paulo: Cortez, 1992.

RAGO, Margareth. Prefácio: Sonhos de Brasil: In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza; ALMEIDA. A Teoria das Representações Sociais. In: SANTOS, Maria de Fátima de Souza; ALMEIDA; Leda Maria de. **Diálogos com a Teoria das Representações Sociais**. Recife, PE: Ed. Universitária da UFPE, 2005.

TOLENTINO, Célia Aparecida Ferreira. **O rural no cinema brasileiro**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

XAVIER, Ismail. Sertão Mar: Glauber Rocha e a Estética da Fome. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

A ENCRUZILHADA POÉTICA DA CIA BIRUTA DE TEATRO EM *NOTÍCIAS DO DILÚVIO - UM CANTO A CANUDOS*

Antonio Veronaldo Martins¹⁷
Camila Rodrigues da Silva¹⁸
Cristiane Crispim Bezerra¹⁹
Luis Osete Ribeiro Carvalho²⁰

RESUMO

Este relato de experiência tem como objetivo discorrer sobre a encenação *Notícias do Dilúvio - um canto a Canudos*, apresentada pela Cia Biruta de Teatro, grupo teatral de Petrolina-PE, no projeto *Cena agora*, realizado pelo Núcleo de Artes Cênicas do Itaú Cultural nos meses de abril e maio de 2021. De início, são abordadas as encruzilhadas que amparam e promovem as narrativas poéticas dos 13 anos de trajetória da Cia, enfatizando, na sequência, as fontes, as oralituras e os signos presentes em *Notícias do Dilúvio*, sempre em interlocução com referenciais teóricos que introduzem novas percepções aos caminhos artísticos elaboradas nessa obra. Este relato segue o fluxo da própria construção dos trabalhos da Biruta, em que se cruzam reflexões teóricas, vivências em práticas culturais, registros históricos e toda a ampla rede de referenciais que contribuem para tecer as encruzilhadas poéticas do grupo.

Palavras-chave: Cia Biruta. Notícias do Dilúvio. Mulheres de Belo Monte. Práticas Culturais. Encruzilhada.

THE POETIC CROSSROADS OF CIA BIRUTA DE TEATRO IN *NOTÍCIAS DO DILÚVIO - UM CANTO A CANUDOS*

ABSTRACT

¹⁷ Diretor, ator, produtor e co-fundador da Cia Biruta de Teatro, onde desenvolve pesquisas sobre o ator ribeirinho e suas culturas no médio São Francisco, percurso do Rio São Francisco em Pernambuco. Participou da ISTA - *International School of Theatre Antropology*, em Albino Italy no ano 2016, realizado pelo *Odin Teatret* (DK). E-mail: veronaldomartins@gmail.com.

¹⁸ Graduanda do curso de Licenciatura em Língua Portuguesa com habilitação em Língua Espanhola pela Universidade de Pernambuco, campus Petrolina. É atriz-pesquisadora e produtora cultural na Cia Biruta de Teatro. No audiovisual, atua como diretora, editora, cinegrafista e fotógrafa da Abajur Soluções. E-mail: camilaarodrigues4@gmail.com.

¹⁹ Atriz, pesquisadora, produtora cultural, diretora e arte-educadora. Licenciada em Artes Visuais pela UNIVASF, pós-graduada em Dança Educacional e Artes Cênicas pela Censupreg e mestrandia em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos pelo PPGESA/UNEB. Co-fundadora da Cia Biruta de Teatro, grupo em onde desenvolve ações de formação e pesquisa artísticas na periferia e a partir de vivências dos processos e práticas populares de resistência das margens do Rio São Francisco. Professora da rede pública do Estado da Bahia. E-mail: cristiane.crispim@outlook.com.

²⁰ Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Jornalista do Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IFSertãoPE); Graduado em Comunicação Social/Jornalismo em Multimeios pela UNEB, em Juazeiro-BA; Integrante do Núcleo de Teatro do Sesc Petrolina entre 2009 e 2020. Colabora na dramaturgia de *Notícias do Dilúvio - um canto a Canudos*. E-mail: luisosete@gmail.com.

This experience report aims to discuss the staging *Notícias do Dilúvio - um canto a Canudos*, presented by Cia Biruta de Teatro, a theater group from Petrolina-PE, in the project *Cena Agora*, performed by the Núcleo de Artes Cênicas of Itaú Cultural in the months of April and May 2021. Initially, the crossroads that support and promote the poetic narratives of the Company's 13-year history are addressed, in sequence, emphasizing the sources, oralituras and signs present in *Notícias do Dilúvio*, always in dialogue with theoretical references that introduce new perceptions to the artistic paths elaborated in this work. This report follows the flow of the construction of Biruta's works, in which theoretical reflections, experiences in cultural practices, historical records and the entire wide network of references that contribute to weaving the poetic crossroads of the group intersect.

Keywords: Cia Biruta. Flood News. Women of Belo Monte. Cultural Practices. Crossroads.

LA ENCRUCIJADA POÉTICA DE LA CIA BIRUTA DE TEATRO EN *NOTÍCIAS DO DILÚVIO – UM CANTO A CANUDOS*

RESUMEN

Este informe de experiencia tiene como objetivo discutir la puesta en escena “*Notícias do Dilúvio – Um canto a Canudos*”, presentada por la Cia Biruta de Teatro, un grupo teatral de Petrolina-PE, en el proyecto *Cena Agora*, realizado por el Núcleo de Artes Cênicas del Itaú Cultural en los meses abril y mayo de 2021. Inicialmente, se abordan las encrucijadas que sustentan y promueven las narrativas poéticas de la trayectoria de 13 años de la Cia, destacando las fuentes, en secuencia, oralituras y signos presentes en *Notícias do Dilúvio*, siempre en interlocución con referencias teóricas que introducen nuevas percepciones a los caminos artísticos elaborados en esta obra. Este informe sigue el flujo de la propia construcción de las obras de la Biruta, en que se cruzan reflexiones teóricas, vivencias en practicas culturales, registros históricos y toda la amplia red de referencias que contribuyen a tener las encrucijadas poéticas del grupo.

Palabras clave: Cia Biruta. Notícias do Dilúvio. Mujeres de Belo Monte. Practicas culturales. Encrucijada.

Introdução

Para pisar um território sagrado é preciso pedir Agô²¹. É só a partir da licença dada pelas/os ancestrais que acontece a vivência, o mergulho, o reconhecimento, a transmissão do conhecimento que se incorpora como experiência. Depois de muitas licenças recebidas ao longo dos últimos 13 anos, a Cia Biruta de Teatro vem aqui pedir Agô às ancestralidades que atravessam a sua história para partilhar a cada leitora/leitor os caminhos de uma encruzilhada interdimensional, que se espraia da sola dos pés ao

²¹ Agô é uma palavra em Yorubá que expressa um pedido de licença, dar passagem, espaço para algo passar ou alguém. Embora a grafia, em Yorubá, seja Àgò, resolvemos adotar a versão aportuguesada, que circula com mais frequência entre a população brasileira.

chakra coronário e é, em larga medida, como o sertão de Guimarães Rosa (1986): sem lugar, em toda parte, do tamanho do mundo e dentro da gente.

Em todas essas caminhadas, aprendemos²² que olhar para dentro requer, sobretudo, reconhecer que dentro, ao lado, em cima, em volta, abaixo de nós moram muitas/os, sem as/os quais é impossível dar qualquer passo. Por isso, não é fácil revelar de onde falamos e como aprendemos o que desejamos comunicar. Muitas experiências que nos cruzam são irreveláveis, intransmissíveis, únicas, singulares e irrepetíveis. Tal constatação, entretanto, não nos paralisa, ao contrário, impulsiona a tecer um novo aprendizado: o de bordar o relato do que é possível transformar em encenação.

Ao demonstrar as teias dessa tessitura encenada, buscaremos travar alguns diálogos com os referenciais teóricos e práticos que nos ajudam a entender as engrenagens dos universos em que estamos inseridos. Entendemos, com Maximiliano López (2011), que um conceito é uma constelação integrada de jogos de verdade, relações de poder e formas de subjetividade. É, portanto, multiverso e polissêmico, ainda mais quando consideramos as avenidas identitárias da interseccionalidade (AKOTIRENE, 2018). Os conceitos, além disso, guardam o seu próprio segredo, que, em relação à arte (secreta) da atuação, mestres como Eugenio Barba (1995) nos ajudam a trilhar e iluminar caminhos.

Assim, nessa encruzilhada poética em torno do experimento híbrido²³ *Notícias do Dilúvio* alguns conceitos serão mais detidamente analisados. Para pensarmos os ambientes de memórias que temos percorrido, na busca por ampliarmos nosso repertório com as performances da oralidade, as práticas rituais, as cerimônias, os festejos, as caminhadas e as romarias, são fundamentais as noções de tradição oral em

²² Embora um dos autores deste relato de experiência não seja integrante da Cia Biruta de Teatro, optamos pela primeira pessoa do plural. Com isso, nos aproximamos mais de quem lê e destacamos a vinculação histórica do grupo com o trabalho coletivo.

²³ *Notícias do Dilúvio – um canto a Canudos* é caracterizado aqui, ao mesmo tempo, como uma encenação e um experimento híbrido. A opção por encenação diz respeito à vinculação essencial com o espaço cênico, que é o ambiente primordial onde a Cia Biruta de Teatro elabora a sua poética. Entretanto, por trazer elementos intrínsecos à linguagem audiovisual, o trabalho apresentado pela Cia no projeto *Cena agora* se aproxima mais de um experimento híbrido, na encruzilhada entre duas artes: teatro e cinema.

Amadou Hampâté Bâ (1980) e encruzilhada e oralitura, presentes nas reflexões de Leda Martins (2003).

Além das ancestralidades e dos referenciais teóricos, pedimos licença neste relato de experiência a quem corporaliza os ensinamentos no labor da cotidianidade e, generosamente, nos transmite o sentido, o valor e o fundamento do pisar de cada passo, regando o solo com sangue, suor e saliva. Nem cabem em palavras as tantas mestras e mestres que encontramos em nossa trajetória, de joelhos em frente ao oratório, de espadas no meio do Reisado, de velas acesas nas romarias, de olhares sérios na frente das marchas, nas horas sagradas de lutas, orações e celebrações, nas ruas, nos rios e nas matas.

A todas essas almas ancestrais, encarnadas e desencarnadas, pedimos Agô e iniciamos, aqui, mais um passo escrito da nossa caminhada.

Cia Biruta de Teatro: uma trajetória de encruzilhadas

“O ato de caminhar é o movimento imemorial da inquietude”, nos diz Eduardo Lalo (p. 34, 2014) assim que abre seu texto Notícias do Dilúvio. E essa inquietude experimentamos na Cia Biruta, que peregrina há 13 anos no território sagrado do teatro com ações nas áreas de produção, criação e formação teatral, tendo como sede a cidade de Petrolina²⁴. Os primeiros passos correspondem ao anseio por profissionalização e, mais à frente, desenvolvem-se na busca por imprimir uma identidade a esse trajeto, afirmando-se na concepção de teatro de grupo, relatado por Eugênio Barba (2010) como “o terceiro teatro”. Esse termo utilizado por Barba faz referência à ideia de um tipo de teatro presente nas margens e de forma autodidata, em que a dimensão ética e existencial do seu ofício e a vocação sociocultural são bases para o desenvolvimento e a manutenção de grupos que não se inspiram nem no teatro tradicional, nem no de vanguarda. Nesse contexto, o grupo vai encontrando nas suas próprias vivências a possibilidade de um fazer teatral que busca a sua independência, construindo coletivamente uma forma de ofício e resistência.

²⁴ Petrolina é um município localizado no estado de Pernambuco, a cerca de 750 km de Recife. Tem uma população estimada em 350 mil habitantes. É banhada pelo Rio São Francisco e faz divisa com o município de Juazeiro (BA). Ambas as cidades compõem a Região Administrativa Integrada de Desenvolvimento do Polo Petrolina e Juazeiro, a maior RIDE/região metropolitana do interior do Nordeste. Marcada pela presença oligárquica e coronelística, Petrolina é dominada politicamente há mais de sete décadas pela família Coelho.

A partir de 2012, quatro anos após a sua fundação, o grupo iniciava discussões internas que propunham a elaboração de procedimentos de investigação do corpo que dialogassem com a pergunta “Quem eu sou”, incluindo: percursos genealógicos, culturais, sociais e históricos. Essas discussões culminaram na elaboração e execução do projeto de pesquisa e experimentação cênica *Cenas Ribeirinhas* (2014-2016), que percorreu comunidades das cidades pernambucanas do sertão do São Francisco. Como força motriz artístico-pedagógica, as cenas foram criadas tendo como ponto de partida a elaboração de partituras físicas desenvolvidas a partir de “motes” poéticos, frases, metáforas, inspirados nas paisagens, histórias, sonoridades e técnicas de corpo de festas e danças das práticas populares das comunidades mapeadas pela pesquisa.

As práticas populares de comunidades quilombolas, indígenas e ribeirinhas dos sertões passam a fazer parte dos processos criativos do grupo não apenas como tema, mas como procedimentos, meios de encontrar as presenças de suas atrizes e atores. O exercício da presença em cena advém da necessidade de retomar a presença que socialmente foi alienada, negada de autonomia enquanto descendentes de corpos arrancados de seus coletivos, de suas vivências comunitárias, para as periferias urbanas, em um processo violento de desterritorialização e de exploração de mão de obra.

A encruzilhada é um conceito que fala da experiência negra de mestiçagens e hibridismos na diáspora brasileira sobre o qual Leda Maria Martins escreve:

A cultura negra também é, epistemologicamente, o lugar das encruzilhadas. O tecido cultural brasileiro, por exemplo, deriva-se dos cruzamentos de diferentes culturas e sistemas simbólicos, africanos, europeus, indígenas e, mais recentemente, orientais. (...) A noção de encruzilhada, utilizada como operador conceitual, oferece-nos a possibilidade de interpretação do trânsito sistêmico e epistêmico que emergem dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e se entrecruzam, nem sempre amistosamente, práticas performáticas, concepções e cosmovisões, princípios e metafísicos, saberes diversos, enfim. (MARTINS, p. 69, 2003)

Quando pensamos nas encruzilhadas, pensamos nas rotas de experiências negras e indígenas no sertão do São Francisco, que são, em grande parte, rotas de fugas, rememoradas em danças do São Gonçalo hoje dançadas em todas as comunidades da beira do Rio São Francisco. São dessas memórias de resistência, escritas em passos, palmas e cantos que invocamos a ancestralidade que nos faz gente, antes de atores e

atrizes. São nos nossos corpos, de mulheres, de pessoas negras e pardas, descendentes de indígenas que ocupam a periferia de uma região urbana - território em que se desenvolvem estruturas rurais e urbanas - e ribeirinha que nossas encruzilhadas abrem caminhos para as poéticas do grupo. Encruzilhadas identitárias que marcam corpos situados à margem e que encontram na arte um eixo, um caminho em que é possível perspectivar suas presenças de maneira afirmativa.

A bagagem pedagógica desses trajetos é compartilhada com a comunidade periférica onde o grupo se insere, através do Núcleo Biruta de Teatro. É vivido um processo artístico-pedagógico que permite uma troca de saberes e de novas encruzadas de experiências, tornando o espaço favorável para a elaboração conjunta de um percurso formativo que compreende as potencialidades surgidas no campo da educação não-formal enquanto espaço de construção da cidadania no território que ocupa. Desse modo, a Cia Biruta, em suas pesquisas, contribui para o fortalecimento do sentido de comunidade, incentivando a (re)afirmação de identidades que se formam em coletivo.

“O grupo de teatro é um quilombo”, nos falou Eugênio Barba em conversa informal na realização do evento Pontes Flutuantes, produzido pela Cia Biruta. Sua afirmação, de um observador das mais diversas culturas dentro da cultura do teatro e de quem criou, junto com companheiras e companheiros do Odin Teatret, a tradição de teatro grupo, refere-se à forma de organização dos grupos enquanto resistência a modos de produção excludentes, seja de um teatro comercial, ou de um teatro institucional, ligado às universidades ou ao controle direto do Estado.

Na pesquisa Cenas Ribeirinhas, vimos que os quilombos, no sertão do São Francisco, se relacionam com os territórios indígenas, de modo que alguns territórios poderiam ser demarcados com ambas as identidades, por conter traços de presença e cultura tanto indígena, como quilombola. As histórias de acolhimento, por comunidades indígenas, de negros fugidos são inúmeras. Encontrar as práticas populares do sertão do São Francisco, suas formações e suas vivências comunitárias norteiam o grupo na busca pela identidade enquanto artistas de teatro no sentido de empreender retomadas de cosmovisões que foram apagadas e silenciadas, que resultaram nas alienações impostas aos artistas das periferias. A experiência do quilombo é étnica e racial, mas, sobretudo, territorial.

O teatro é o nosso território, a nossa terra sagrada. Nele desenvolvemos diálogos com as mais diversas culturas, mas onde fazemos teatro é o que somos e temos direito a esse *fazer*. As histórias nos conectam às memórias de ancestralidades que cruzam o intercâmbio elaborado pelo grupo entre a pergunta “quem eu sou” e sua formação profissional. Belo Monte²⁵ é também um quilombo e navegou até a gente pelos rios Vaza Barris e São Francisco, entrecruzando-se com a história de formação do Quilombo da Mata de São José, em Orocó, através da pesquisa Cenas Ribeirinhas, que se torna o nosso horizonte de repertório sensível, visões de mundo e encruzilhadas poéticas.

A encruzilhada poética da Cia Biruta de Teatro em *Notícias do Dilúvio - um canto a Canudos*

Como foi possível perceber na exposição dos caminhos da Cia Biruta de Teatro, a encruzilhada é o espaçotempo que oferece as diversas possibilidades de pesquisa e encenação do grupo. É onde as referências se encontram, se atravessam, se misturam e se espalham. É também onde que deitamos nossa esteira e sentamos o chão do nosso pertencimento, e partilhamos as nossas experiências, brindamos os nossos saberes, louvamos os nossos sentidos, renovamos o nosso Axé²⁶.

Quando o Núcleo de Artes Cênicas do Itaú Cultural convidou a Cia Biruta para o projeto *Cena agora*, indicando como tema *Encruzilhada Nordeste(s): (contra)narrativas poéticas* e solicitando a criação de uma apresentação teatral de 15 minutos para ser veiculada na plataforma on-line Zoom, se abriu uma nova encruzilhada. O espaçotempo da possibilidade que emergiu para o coletivo se transmutou na oportunidade de mostrar vestígios de uma transgressão da historiografia oficial em torno da experiência do Belo Monte que vem sendo gestada desde 2018.

²⁵ Na escrita deste relato de experiência, resolvemos adotar a nomeação de Belo Monte para o território habitado por Antônio Conselheiro, Beatinho, Maria Francisca, Benta e tantas mulheres, homens, idosos e crianças, peregrinas/os que ali aportaram em 1893. Afinal, essa foi a nomeação escolhida pelos/as novos/as moradores/as, ao vislumbrarem a beleza das elevações geográficas que circundam a localidade. Reconhecemos, porém, que o título da encenação traz o nome Canudos e justificamos essa escolha pelo fato de a maioria esmagadora da historiografia imprimir essa denominação, criando uma dificuldade de associação do nome Belo Monte àquela experiência sertaneja que perdurou fisicamente até 1897. Ao longo da encenação, as próprias personagens variam a nomeação entre Canudos e Belo Monte, com predominância desta última referência.

²⁶ Axé ou Àṣe é uma palavra em Yorubá que significa energia, poder, força.

Assim, ao lado de uma ampla bibliografia disponível, que marginalmente situa a participação das mulheres no cotidiano belomontense e na luta contra a invasão do exército, se cruzam referências a orações de proteção e defesa, cantigas específicas do Reisado e ainda não registradas em livros, objetos ritualísticos como o oratório e os ex-votos, iconografias contra hegemônicas e uma série de outras fontes pouco discutidas pela historiografia em torno de uma das mais importantes experiências de resistência popular do Brasil.

Essas fontes se entrelaçam, inclusive, com aportes acadêmicos, como o artigo *Notícias do Dilúvio*, do escritor porto-riquenho Eduardo Lalo (2014), que dá nome à nossa encenação. Em uma poética encruzilhada, Lalo reúne a poetisa argentina Alejandra Pizarnik, relatos míticos sobre a inundação universal, além de histórias e cantos de um dos últimos povos nômades do mundo: os selk'nam, para falar sobre o empenho em converter o caminho em leitura, o trajeto em relato, e construir a memória e o conhecimento.

Desde a primeira cena do nosso experimento híbrido, buscamos também trazer *Notícias do Dilúvio*. Na imagem inicial, as personagens Das Dores (Cristiane Crispim) e Dos Anjos (Camila Rodrigues) aparecem com coroas e espadas do Reisado em uma movimentada avenida de Petrolina e, dali, passam a entoar uma oração muito frequente nas Novenas pelas Almas, enquanto percorrem outros espaços urbanos e rurais do município entre passos de dança, caminhadas, correrias e pausas para mostrar fotografias da iconografia belomontense.

Figura 1 - Das Dores e Dos Anjos na abertura de *Notícias do Dilúvio* - um canto a Canudos



Fonte: Canal da Cia Biruta de Teatro no YouTube. Fotografia: Fernando Pereira

É com Leda Martins (2003) que identificamos o quanto os corpos expostos nas fotos de Flávio de Barros estão presentificados nas diversas performances rituais, cerimônias e festejos que transmitem e instituem saberes estéticos, filosóficos, metafísicos, religiosos, científicos e tecnológicos nos povos habitantes do sertão brasileiro. É essa textualidade herdada dos domínios de linguagem e dos modos de apreender e figurar o real legados pelos povos africanos e indígenas que nos interessa encenar e escrever.

Por isso, a Cia Biruta compreende que, tão importante quanto encontrar vestígios da presença de mulheres na experiência do Belo Monte, nas tão breves e lacônicas referências encontradas na bibliografia consultada, é vivenciar a permanência dos saberes que religam performances rituais da atualidade com aquelas praticadas durante a existência física de Belo Monte, restituídas, reincorporadas, transcriadas e revividas sob o signo da reminiscência. “A esses gestos, a essas inscrições e palimpsestos performáticos, grafados pela voz e pelo corpo”, Leda Martins (2003) chama de oralitura.

Ao longo do processo criativo de *Notícias do Dilúvio*, foi possível encontrar oralitura, isto é, “traço residual, estilístico, mnemônico, culturalmente constituinte,

inscrito na grafia do corpo em movimento e na vocalidade” (MARTINS, 2003) de práticas rituais como a Romaria de Nossa Senhora das Candeias e o Reisado, em Juazeiro do Norte (CE), as Alimentadeiras das Almas, em Juazeiro (BA), o Reisado no Quilombo Mata de São José, em Orocó (PE), as Caixeiros do Divino Espírito Santo, em Alcântara (MA) e todo o acúmulo da Cia Biruta nesses anos de montagens, com o acompanhamento de diversas performances da oralidade e práticas rituais no submédio São Francisco, como o Samba de Reis, o Capim Lelê, a Roda de São Gonçalo, o Novenário e as Festas de Caboclo.

Tais performances rituais inscrevem no corpo as memórias de um povo predominante oral e gestual, como são os povos indígenas e quilombolas, e assim matizam o que Leda Martins (2003, p. 74) chama de "a primazia do movimento ancestral nas curvas de uma temporalidade espiralada, na qual os eventos, desvestidos de uma cronologia linear, estão em processo de uma perene transformação". É esse tempo espiralar que buscamos na encenação, na perene transformação das personagens, em seus confrontos estéticos com o tempo devastador da modernidade e seus signos de desenvolvimento e progresso.

Todas essas referências dialogam com o campo da tradição oral, descrita pelo escritor malinês Amadou Hampâté Bâ (1980) como a grande escala da vida, que conjuga ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação. Em nossas andanças pelas comunidades, percebemos o quanto as mestras e mestres das práticas rituais retêm os pormenores de cada uma dessas dimensões da vida cotidiana, preservando e restabelecendo nas brincadeiras, nas rezas e no labor o equilíbrio das forças do qual depende a harmonia do mundo material e espiritual. Um dos trechos da oração inicial de *Notícias do Dilúvio* expressa o quanto as palavras sagradas clamam pela harmonia material:

Suplico a Vós meu Jesus Cristo, Salvador do mundo, que lhes devolvais a luz perdida e também que interceda a Deus Pai por todos nós, pecadores que estamos aqui, vivos, sobrevivendo a tantos genocídios, que derrame Senhor a tua bênção, a tua Piedade, a tua Misericórdia, nos livrando das horas más, dos perigos e dos inimigos. (NOTÍCIAS, 2021)

Essa evocação direcionada ao mundo dos espíritos atualiza uma oração transmitida pela cadeia de ancestrais da religiosidade popular ao adicionar na

intercessão pedida a Deus Pai aos pecadores vivos a necessidade de sobreviver aos genocídios em curso na história brasileira, entre os quais, sem dúvida alguma, estão o extermínio de Belo Monte e a vigente política de morte em torno da pandemia do novo coronavírus²⁷. Esse tipo de atualização está presente também na “alucinação” da personagem Dos Anjos, quando expressa uma visagem que teve da luta empreendida no Belo Monte “contra o dragão e suas dez mil bocas de fogo com seus filhos paridos de ódio e ganância” (NOTÍCIAS, 2021):

Era real demais! O rosto do povo iluminado pela revolta reclamava justiça. Gritos de vitórias coloriam suas almas, aqueciam seus corações. E, com seus maracás nas mãos, rezavam e entoavam cantos de esperanças, cantando e dançando na maior alegria do mundo para saudar aqueles que chegavam a Belo Monte. Em uma das chamadas, Maria da Guerra dizia que é preciso resistir em todos os lugares e falar com o nosso corpo. Que nossos passos vêm de longe, de outros mares e de outras marés, das nossas ancestrais e de outros quilombos. E no fogo que ardia em minha frente veio até mim a força de todas as mulheres que construíram a nossa história.

Alguns trechos dessa paisagem onírica evocada por Dona Anjos nos remete ao último discurso proferido pela socióloga e política brasileira Marielle Franco, assassinada junto de seu motorista, Anderson Gomes, no dia 14 de março de 2018. Minutos antes de ser morta com quatro tiros na cabeça, Marielle estava participando do debate Jovens Negras Movendo as Estruturas, organizado pelo seu partido, o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), na Casa das Pretas, espaço coletivo de mulheres negras na Lapa, no centro do Rio de Janeiro. Ali, entre outras palavras, ela disse que é preciso resistir em todos os lugares e se reconhecer na luta, com as mulheres que vão nos ajudando a encontrar quem a gente é. A força desse último depoimento de Marielle dialoga, ao mesmo tempo, com referências a Dandara, no livro *As Lendas de Dandara*, de Jarid Arraes (2016) e às mulheres que lutaram em Belo Monte, como Maria Rita e

²⁷ No momento da escrita deste relato de experiência, os números de mortes pela Covid-19 se aproximam, no Brasil, da assombrosa marca de 500 mil. Por outro lado, a vacinação, principal via de prevenção da contaminação pelo vírus, foi desestimulada pelo Governo Federal ao longo de 2020, provocando a atual lentidão em imunizar a população brasileira. Além disso, o presidente da república menosprezou os efeitos da pandemia, promoveu aglomerações, se contrapôs publicamente aos únicos métodos disponíveis para evitar a proliferação do novo coronavírus, estimulou o uso de medicamentos sem eficácia comprovada e que podem até piorar os casos de Covid-19 e se desresponsabilizou de assumir o enfrentamento à pandemia e salvar vidas, assumindo a alcunha, para uma parcela da sociedade brasileira, de Genocida.

Maria da Guerra, presentes em breves trechos da obra *Canudos: a guerra social*, de Edmundo Moniz (1987).

Essa encruzilhada de vozes é uma das vertentes mais fortes do processo criativo de *Notícias do Dilúvio* e está presente também na cena da prisioneira degolada, quando a personagem Das Dores, após um angustiante interrogatório, une as mulheres prisioneiras em Belo Monte, registradas por Euclides da Cunha (2016) e Manoel Benício (1997), com mulheres presas, mortas e desaparecidas na Guerrilha do Araguaia²⁸, divulgadas por Hugo Studart (2006):

Meu marido foi morto por um lote de soldados quando saía; o mesmo tiro quebrou o braço do meu filho de colo... Eu fiquei lá, estatelada, não vi nada... este sangue aqui na minha manga é do meu filho, o que eu queria era ficar lá também, morta... Aquele sangue era meu. O meu filho, o sangue, a fé, a saudade. E agora de nada me valem essas perguntas. E agora eu não tenho mais medo de nada. Vocês estão perdidos. Vocês não vão voltar nunca. Vão ficar por aí tateando à toa, sem sentido, sem luz, sem sombra, sem som, sem tempo, sem memória, sem paz, sem amor, sem justiça, sem liberdade. Calar-me? Era o que faltava. Querem tirar a minha voz também? Pois é fácil, cortem o meu pescoço, como tem feito com os desgraçados que vieram pedir socorro. Cortem porque enquanto eu puder falar vou excomungá-los como filhos do inferno que são. Enquanto eu puder gritar contarei ao mundo a covardia, a bestialidade, que se é degolar prisioneiros, mulheres e crianças. Se apoderaram de nossas casas, dos nossos potes, das nossas roupas, do nosso feijão, de nossa farinha, de nosso milho, de tudo quanto tínhamos! Não estão satisfeitos?! Não temos mais onde carregar um pingo de água, nem o que comer. Tocaram fogo em nossas roças, mataram os nossos filhos e maridos. Querem o que mais agora? A nós, mulheres? Não me toquem! Quer ver uma mulher brigar, me dá sua arma, seu covarde. Vocês vão me matar agora é? É aqui que eu vou morrer? Pois vocês vão ter que me matar de frente! Vocês vão ter que me matar olhando bem dentro do meu ódio! O povo é imortal! Viva a Belo Monte! (NOTÍCIAS, 2021)

²⁸ A Guerrilha do Araguaia foi um movimento de luta armada organizado pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB) entre fins da década de 1960 e a primeira metade da década de 1970, nas margens do rio Araguaia, nos estados do Pará e Tocantins. Atualmente, dezenas de guerrilheiros do Araguaia figuram na lista de desaparecidos políticos do regime militar.

**Figura 2 - Das Dores na cena da prisioneira degolada em
*Notícias do Dilúvio - um canto a Canudos***



Fonte: Canal da Cia Biruta de Teatro no YouTube. Fotografia: Fernando Pereira

Como em toda a dramaturgia de *Notícias do Dilúvio*, há também a nossa participação inventiva na evocação dessa história, com inserções que reforçam os sentidos que queremos imprimir ao enredo da encenação. Afinal, nessa encruzilhada poética, as vozes que carregamos também ecoam “versos perplexos, com rimas de sangue e fome”, como escreve Conceição Evaristo (2017, p. 24-25) no poema *Vozes-mulheres*, e segue:

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

Essas personagens são, de certa maneira, as nossas filhas, e, a partir delas, fazemos ouvir a ressonância dos ecos de vida-liberdade que acalentamos a cada passo

da nossa caminhada artística. Das Dores e Dos Anjos são também as nossas mães, avós, bisavós, ancestrais. São a permanência da memória seletiva do conhecimento circulado em Belo Monte durante a sua curta existência física no sertão baiano (1893-1897), que se atualiza, corporiza e vocaliza em tantas outras vozes e presenças, como em Maria Senhora, praticante do Reisado no Quilombo Mata de São José, localizado às margens do rio São Francisco, no sertão pernambucano. Em nosso experimento híbrido, foi possível contar com um depoimento de Senhorinha, como é mais conhecida na comunidade, nas últimas cenas de *Notícias do Dilúvio* (NOTÍCIAS, 2021):

Sou descendente das mulheres de Canudos que vieram fugidas da guerra e elas foram acolhidas por ex-escravos negros que fugiram e ficaram aqui no nosso Quilombo. A nossa brincadeira, da cultura da nossa comunidade, é o reisado, onde a gente junta as crianças e mulheres para poder cantar e dançar. O Reisado, pra gente, é uma forma de resistência, uma armadura de existir para resistir.

Para demonstrar o quanto Belo Monte permanece vivo em uma comunidade constituída a partir de mulheres em fuga desesperada de uma entre tantas tentativas de genocídio provocadas pelo Estado brasileiro, Senhorinha deixa o registro de uma canção que embala a celebração do Reisado em seu Quilombo (NOTÍCIAS, 2021):

Secretário, atrevido, deixa de aperrear
Ô, nem que o sangue dê no joelho
Mas eu tenho que guerrear
Eu morro, eu morro, eu morro e não me entrego
Olha a guerra, olha a guerra no mar

É essa canção que embala a última encruzilhada poética da encenação apresentada sob o tema *Encruzilhada Nordeste(s): (contra)narrativas poéticas*. A voz de Senhorinha é a paisagem sonora da última imagem, em que as duas personagens, Das Dores e Dos Anjos, estão sentadas em uma barca sobre as águas do Velho Chico, com a coroa e a espada do Reisado, o olhar atento e profundo, segurando, ao centro, uma fotografia emoldurada das ruínas da segunda Canudos.

**Figura 3 - Das Dores e Dos Anjos na abertura de
*Notícias do Dilúvio - um canto a Canudos***



Fonte: Canal da Cia Biruta de Teatro no YouTube. Fotografia: Fernando Pereira

Soa o sino, a voz se cala, a imagem se apaga e sobem os créditos ao som de instrumentos percussivos, assobios de pássaros, movimentos de águas, passos na mata e encruzilhadas de cosmoencantamentos.

Considerações finais

Para deixar um território sagrado é preciso agradecer. É o agradecimento que traz a marca do reconhecimento pelo conhecimento que se incorpora como experiência no decorrer da caminhada. Tanto quanto pedir licença para entrar em contato com o manancial poético das performances da oralitura, das práticas culturais populares, dos referenciais teórico-metodológicos, das mestras e mestres que percorrem conosco o território navegante da arte e da vida, a Cia Biruta de Teatro tem agradecido em seus 13 anos de existência e resistência no sertão do São Francisco.

Nas últimas linhas deste relato de experiência, deixamos expresso o nosso agradecimento a todas as vozes que emergiram durante esta escrita. As bordaduras tecidas neste universo digital nos ajudam a refletir sobre os percursos físicos e

espirituais e, ao mesmo tempo, novas paisagens se abrem no horizonte da encenação teatral. Evidentemente, algumas escolhas foram necessárias e outras possibilidades de comunicação dos nossos percursos criativos, inclusive na montagem de *Notícias do Dilúvio*, ficam para um próximo relato.

Entre os possíveis temas de aprofundamento da encenação, caberiam reflexões sobre a adaptação da dramaturgia da peça para um roteiro cinematográfico, a progressão da cena e os diálogos estabelecidos com a constituição e a mudança do cenário, a simbologia de cada um dos objetos cênicos que aparecem nas cenas internas e de cada paisagem percorrida nas tomadas externas, as concepções de sertão e nordeste gestadas na encenação, entre tantas outras possibilidades de abordagem do experimento híbrido debatido neste relato.

Tantas temáticas que se insurgem nas últimas linhas deste escrito só reforçam a necessidade de seguir em caminhada reflexiva e prática pelas veredas do grande sertão que conduz os nossos caminhos. A certeza que deixamos registrada é, parafraseando Pessoa (2006), da precisão de navegar, embora a vida ande tão imprecisa. Seguiremos navegando com as nossas ancestralidades e com quem cotidianamente celebra um presente de vida em abundância e constrói um futuro mais justo, digno e promissor.

A todas essas presenças, encarnadas e desencarnadas, e a vocês, que nos lêem até aqui, deixamos o nosso terno agradecimento. Modupé²⁹!

Referências

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade**. Coordenação Djamila Ribeiro. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ARRAES, Jarid. **As lendas de Dandara**. São Paulo: Cultura, 2016.

BÂ, Amadou Hampaté. A Tradição Viva. In: ISKANDER, Z. (Org.) **História Geral da África**. Vol. 1. São Paulo: Ática, Unesco, 1980.

BARBA. Eugenio. **A arte secreta do ator**: dicionário de antropologia teatral. Campinas: HUCITEC, 1995.

²⁹ Modupé ou Mo dúpé é uma palavra em Yorubá que expressa o ato de ser grata/o, de se mostrar agradecida/o a alguém.

BARBA, Eugenio. **Teatro: Solidão, Ofício e Revolta**. Brasília: Teatro Caleidoscópio, 2010.

BENÍCIO, Manoel. **O rei dos jagunços**: crônica histórica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

CIA Biruta de Teatro. **Notícias do Dilúvio** - Um canto a Canudos. YouTube, 30 mai. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3MisEbL9S6E&t=89s>>. Acesso em: 31 mai. 2021.

CUNHA, Euclides. **Canudos**: diário de uma expedição. São Paulo: Martin Claret, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

GUIMARÃES ROSA, João. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LALO, Eduardo. Notícias do Dilúvio. Tradução de Letícia Malloy. **Suplemento literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte-MG, ed. 1355, p. 36-39, jul./ago. 2014.

LÓPEZ, Maximiliano Valerio. O conceito de experiência em Michel Foucault. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n.2, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2367>. Acesso em: 30 mai. 2021.

MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo lugar da memória. **Língua e Literatura: Limites e fronteiras**, Santa Maria, n. 26, p. 63-81, 2003.

MONIZ, Edmundo. **Canudos**: a guerra social. 2.ed. Rio de Janeiro: Elo Editora, 1987.

PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

STUDART, Hugo. **A Lei da Selva**: Estratégias, Imaginário e Discurso dos Militares Sobre a Guerrilha do Araguaia. São Paulo: Geração Editorial, 2006.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE CATOLICISMO POPULAR NO BRASIL: ALGUNS APONTAMENTOS

Jadir Souza³⁰
Márcia Guena dos Santos³¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo construir o estado da arte sobre Catolicismo Popular Sertanejo com a finalidade de entender como foram tratadas as religiosidades indígenas e de matrizes africanas. Utiliza-se como banco de dados para as buscas o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES. Busca-se compreender como as teses de doutorado produzidas e disponibilizadas entre 2017 e 2021 tratam o tema catolicismo popular e como conceituam tal tema e seus desdobramentos. O artigo apresenta ainda uma breve reflexão sobre as contribuições de negros e indígenas à formação do Catolicismo Popular Sertanejo e as permanências destes povos nessa manifestação. Observa-se uma concentração maior de produções sobre o catolicismo popular na região centro-oeste e nos cursos ligados às Ciências da Religião.

Palavras-chave: Revisão de literatura. Catolicismo popular. Catolicismo popular sertanejo. Herança negra. Herança indígena.

SCIENTIFIC PRODUCTION ON POPULAR CATHOLICISM IN BRAZIL: SOME NOTES

ABSTRACT

This article aims to build the state of the art on Popular Sertanejo Catholicism in order to understand how indigenous religiosities and African matrices were treated. The Theses and Dissertations Catalog of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel-CAPES is used as a database for searches. The aim is to understand how the doctoral theses produced and made available between 2017 and 2021 deal with the theme of popular Catholicism and how they conceptualize this theme and its consequences. The article also presents a brief reflection on the contributions of blacks and indigenous peoples to the formation of Sertanejo Popular Catholicism and the permanence of these peoples in this manifestation. There is a greater concentration of productions on popular Catholicism in the Midwest region and in courses related to the Sciences of Religion.

Keywords: Literature review. Popular Catholicism. Sertanian popular catholicism. Black heritage. Indigenous Heritage.

PRODUCCIÓN CIENTÍFICA SOBRE EL CATOLICISMO POPULAR EN BRASIL: ALGUNAS NOTAS

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo construir el estado del arte sobre el Catolicismo Popular Sertanejo para comprender cómo se trataron las religiosidades indígenas y las matrizes africanas. Se utiliza el Catálogo de Tesis y Disertaciones de la Coordinación de

³⁰ Doutora em História. Docente do DCH-III (UNEB). Juazeiro-BA. Brasil. mguena@uneb.br..

³¹ Jornalista. Mestrando pelo PPGESA (UNEB). Juazeiro-BA Brasil.

Perfeccionamiento del Personal de Educación Superior-CAPEs como base de datos para las búsquedas. El objetivo es comprender cómo las tesis doctorales producidas y puestas a disposición entre 2017 y 2021 abordan el tema del catolicismo popular y cómo conceptualizan este tema y sus consecuencias. El artículo también presenta una breve reflexión sobre los aportes de los negros e indígenas a la formación del Catolicismo Popular Sertanejo y la permanencia de estos pueblos en esta manifestación. Existe una mayor concentración de producciones sobre catolicismo popular en la región del Medio Oeste y en cursos relacionados con las Ciencias de la Religión.

Palabras clave: Revisión de literatura. Catolicismo popular. Catolicismo popular sertanejo. Herencia negra. Herencia indígena.

1. Introdução

A religiosidade popular tem sido, ao longo das últimas décadas, objeto de estudos de muitos pesquisadores. Vários são os trabalhos que apresentam manifestações, celebrações e práticas religiosas, especialmente do catolicismo popular e suas variações, descrevendo-as e inventariando-as. No entanto, ainda é tímida a produção científica sobre as dimensões identitárias dos e das protagonistas dessa religiosidade.

A partir disso, nota-se a necessidade de catalogar estas produções, sistematizando-as com base nos conceitos apresentados, a fim de traçar uma compreensão melhor consolidada sobre este fenômeno da religiosidade brasileira. Nesta perspectiva, a revisão de literatura se mostra um importante método que pode ser utilizado com o objetivo de traçar um panorama da produção científica acerca do tema.

O presente artigo se pauta nesta proposta de elaborar uma revisão de literatura sobre o catolicismo popular, identificando como o tema tem sido tratado pelos vários autores que se dedicam a estudá-lo. Foram analisados os trabalhos produzidos e publicados no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPEs, entre os anos de 2017 e 2021.

A partir disso, este artigo propõe também uma breve reflexão sobre os processos de apagamento dos saberes indígenas e africanos na constituição da religiosidade popular. É objeto de interesse desta investigação as permanências das experiências sagradas desses povos nas manifestações do catolicismo popular e como essa continuação é fruto de um processo de resistência à colonialidade da fé empreendida pelos invasores europeus, pela Igreja Católica e pelo Estado, em diferentes momentos, ao longo de séculos.

2. O que há de produção recente sobre o catolicismo popular?

O presente levantamento é um esforço inicial na busca por respostas às perguntas que balizam a pesquisa intitulada: “Santas Maria e Augustinha: a descolonização da fé pela educação”, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação Mestrado Multidisciplinar em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA. Os questionamentos que orientam tal investigação se dão em torno do catolicismo popular e sua prática no nordeste brasileiro: como se formou o catolicismo popular? Quais são suas características? Existe um Catolicismo Popular Sertanejo? O que o diferencia? Quais as influências de negros e indígenas na constituição destas manifestações?

Em uma busca incipiente por tais respostas, lança-se mão neste trabalho de uma revisão de literatura que são

estudos que analisam a produção bibliográfica em determinada área temática, dentro de um recorte de tempo, fornecendo uma visão geral ou um relatório do estado-da-arte sobre um tópico específico, evidenciando novas idéias, métodos, subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura selecionada. (NORONHA; FERREIRA *apud* MOREIRA, 2004, p. 22)

Desta forma, optou-se, neste momento embrionário da investigação, por selecionar como banco de dados o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPEL. Fez-se a busca direta pelos termos “catolicismo popular”, restringindo os resultados às teses de doutorado produzidas nos últimos cinco anos (2017, 2018, 2019, 2020 e 2021) e disponíveis no catálogo. A busca, com tais parâmetros, retornou 13 teses. No entanto, duas não estavam disponíveis para leitura ou *download* e uma não apresentou aderência ao tema buscado e, portanto, foi descartada. Desta forma, foram analisadas 10 teses, que estão listadas no quadro 1.

Assim, pode-se classificar a presente revisão de literatura como expositiva, já que expõe o tema a partir da análise de outras pesquisas; questionadora, na medida em que busca possibilidades para a expansão da pesquisa sobre o tema; de base, pois serve servirá de apoio à pesquisa principal e funcionará como suporte referencial para a

dissertação; temporal, porque foi definido um período específico para a busca; de atualização, pois busca-se publicações recentes e mais significativas sobre o assunto; e, por fim, considerando o tratamento e abordagem, esta revisão de literatura classifica-se como bibliográfica. (MOREIRA, 2004)

O quadro 1 elenca as teses analisadas, apresentando seus autores, títulos, ano de defesa, tipo de produção e instituição a que está vinculada.

Quadro 1³²

Autoria	Título	Ano	Curso	Instituição
DIAS, Júlio César Tavares	Cosme e Damião: aproximações e tensões no campo religioso brasileiro	2017	Ciência da Religião	Universidade Federal de Juiz de Fora
SILVA, Washington Maciel da	A festa dos Reis Magos: tradição e modernização na microrregião do sudoeste de Goiás	2018	Ciências da Religião	Pontifícia Universidade Católica de Goiás
GAMA, Rafael da	"Por uma religião nacional": a separação entre igreja e estado e a disputa religiosa entre católicos e protestantes em Belém do Pará (1889-1931)	2019	História	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
MARTINS FILHO, José Reinaldo Felipe	Música e identidade no catolicismo popular em Goiás: um estudo sobre a Folia de Reis e a Romaria ao Divino Pai Eterno.	2019	Ciências da Religião	Pontifícia Universidade Católica de Goiás
NEVES, Gilvan Gomes das	"O passado é a morte das coisas": Padre Ibiapina: ante o esquecimento, a memória em construção	2019	Ciências da Religião	Universidade Católica de Pernambuco
OLIVEIRA, Marlene Flauzina	Festa de Nossa Senhora da Abadia em Jataí/GO: uma experiência de interpretação geográfica	2019	Geografia	Universidade Federal da Grande Dourados
OLIVEIRA, Paulo Wendell Alves de	Ser-tão romeiro: a memória hierofânica do catolicismo popular sertanejo e sua espacialização em Juazeiro do Norte-CE	2019	Geografia	Universidade Federal de Goiás
SILVA, Aerton Alexandre Carvalho	A construção de um taumaturgo: a prática missionária de Frei Damião de Bozzano no nordeste brasileiro (1931-1997)	2019	Ciências da Religião	Universidade Católica de Pernambuco
VAZ, Rafael Araldi	Deus e o Diabo no Sertão da Terra Firme: imaginário, subjetivação e poder nas fronteiras do sagrado (planalto catarinense - 1892-1920)	2019	História	Universidade Federal de Santa Catarina
MONTELES, Nayara Joyse Silva	Ecossonâncias: o protagonismo da mulher no tambor de crioula	2020	Performances Culturais	Universidade Federal de Goiás

³² Fonte: tabela elaborada pelo autor. 2021

2.1 Descrição

Apesar de as 10 teses analisadas fazerem alguma relação com o catolicismo não-oficial, apenas duas se debruçam sobre a conceituação e formação histórica do catolicismo popular. Neves (2019) e Oliveira (2009) vão além e conceituam e discutem o Catolicismo Popular Sertanejo. As outras pesquisas utilizam os conceitos de catolicismo popular de forma tangencial, como suporte teórico às análises empreendidas nas investigações.

É o caso de Dias (2017), autor da tese: “Cosme e Damião: aproximações e tensões no campo religioso brasileiro”. A pesquisa investiga a distribuição de balas e doces na celebração aos santos nas cidades de Igarassu (PE) e Salvador (BA) e como esta tradição se constitui no catolicismo popular, nas religiões afro-brasileira e no neopentecostalismo. Nota-se, de partida, que o catolicismo popular não se constitui em discussão basilar à tese, apesar disso o autor aponta alguns conceitos sobre o tema, sugerindo-o como uma consequência do sincretismo religioso.

Nesta concepção, e utilizando o entendimento de Hoonart, Dias (2017) defende que

houve no Brasil diferentes sincretismos católicos: o catolicismo guerreiro trazido pelos colonizadores portugueses, o catolicismo patriarcal vivido nos engenhos e nas regiões de minério e o catolicismo popular, uma interpretação original do catolicismo efetuada por negros, índios e mestiços. (p.94)

De maneira pouco detida, o autor aponta ainda como características do catolicismo popular – e o faz apenas como uma das explicações à devoção a Cosme e Damião – a paga de promessas a santos e o estabelecimento de relações de obrigações com as figuras santificadas. (DIAS, 2017)

Gama (2019) vai além e apresenta um conceito mais coeso de catolicismo popular na tese intitulada: “‘Por uma religião nacional’: a separação entre Igreja e Estado e a disputa religiosa entre católicos e protestantes em Belém do Pará (1889-1931)”. A pesquisa apresenta o esforço para o reconhecimento do cristianismo como religião nacional e os embates ocorridos entre o catolicismo e o protestantismo nesse processo. Para Gama (2019), o catolicismo popular é

um conjunto de crenças e práticas que fazem parte de um catolicismo pluralizado. Práticas socialmente reconhecidas como católicas, de que partilham sobretudo os não especialistas do sagrado, quer pertençam as classes subalternas ou às classes dominantes, mas que não são inicialmente vinculadas a Igreja Católica como instituição. (p. 25)

O autor identifica uma apropriação do movimento pentecostal de um traço do catolicismo popular como forma de se comunicar com o povo paraense, predominantemente católico. Esta característica absorvida é, segundo o autor, a da sobrenaturalidade, através de questões de cura, do “falar em outras línguas” e o “poder’ de efetuar ‘milagres’”. (GAMA, 2019, p. 175)

Essa característica ocultista também é identificada por Monteles (2020) ao descrever a forma de acesso (através da permissão de entidades) aos altares de santos presentes nas casas de coreiras do tambor de crioula. “É uma mistura de catolicismo popular com eclesial, no qual, de modo particular, parece existir uma série de nuances com histórias ocultas. Assim, a prática do catolicismo popular faz com que coexistam práticas do dito e do não dito”. (MONTELES, 2020, p. 163)

A autora se dedica a investigar a performance cultural do tambor de crioula e a atuação das coreiras em rodas voltadas para São Benedito em cidades do Maranhão. Monteles (2020) não se detém na discussão sobre catolicismo popular. Ela opta por trabalhar o conceito de catolicismo negro.

Do contato existente entre o catolicismo e as religiões do congo emergem os conflitos e algumas aproximações, isso revela, principalmente, o modo como as relações são tecidas. Assim, conforme Filho (2012, p. 12), “legítima a nossa crença que o catolicismo negro é uma das matrizes religiosas, originárias dos africanos e seus descendentes no Brasil, que alimentam a luta pela cidadania negra no Brasil”. (p. 88)

Em “Música e identidade no catolicismo popular em Goiás: um estudo sobre a Folia de Reis e a Romaria ao Divino Pai Eterno”, Martins Filho (2019) apresenta um panorama conceitual e histórico do catolicismo popular a fim de investigar um perfil identitário deste, a partir da música como elemento constitutivo. Para o autor, a tensão

entre um catolicismo da oficialidade e outro de bases populares é fundamental na conceituação do catolicismo não-oficial.

essa é a raiz de interpretação para as demais definições por nós encontradas, sempre assinaladas por uma lógica binominal. [...] No mesmo sentido, outros binômios utilizados são: “catolicismo vulgar” versus “catolicismo erudito”, “catolicismo iletrado” versus “catolicismo letrado”, “catolicismo rural” versus “catolicismo urbano”. (MARTINS FILHO, 2019, p. 18, 19)

Para o autor, a verdadeira marca do catolicismo popular é o elemento gerador desta fé, ou seja, o povo, as camadas populares, “que tomam como seu empreendimento da fé” (p. 19). Martins Filho (2019) identifica três traços principais do catolicismo popular:

estreita relação entre o céu e a terra reforçada pela ênfase na devoção aos santos e à Virgem Maria, o uso de representações e imagens que dão vazão à imaginária popular e, por fim, a festa como espaço privilegiado para o exercício da religiosidade, numa constante alternância entre os ditames do sagrado e do profano.” (p.108)

As primeiras duas características apontadas por Martins Filho (2019) também são citadas e a terceira perpassa toda a tese “Festa de Nossa Senhora da Abadia em Jataí/GO: uma experiência de interpretação geográfica”, de Oliveira (2019). A autora investigou as territorialidades e identidades que surgem e se estabelecem das relações sociais durante os festejos a Nossa Senhora da Abadia. Para Oliveira (2019), os eventos que envolvem a celebração se fundamentam nos princípios do catolicismo popular e se constituem de rituais religiosos sagrados e profanos.

A autora apresenta as definições de catolicismo popular por três autores: Queiroz (1973), que se refere a catolicismo rústico, que tem “um esquema religioso básico, formado de ritos, crenças, cultos dos santos e uma hierarquia de ‘agentes do culto’” (*apud* OLIVEIRA, M.F., 2019, p. 44); Brandão (2004), que trata por catolicismo popular e aponta que este tem características do catolicismo institucional; e Rosendahl (2005), que também se refere por catolicismo popular e chama atenção para a liderança religiosa assumida por leigos que atuam na ausência de padres e bispos. (OLIVEIRA, M. F., 2019)

Oliveira (2019) aponta, ao longo do texto, marcas do catolicismo popular que perpassam as festividades de Nossa Senhora da Abadia, mas não se detém a explorá-las.

São citadas as trocas e distribuição de serviços religiosos, a comunicação e expressão de alguns ritos pela música e a alternância e complementariedade entre o sagrado e o profano, além da devoção aos santos e culto às representações imagéticas destes, como já citado. (OLIVEIRA, 2019)

Outra tese analisada foi a de Silva (2018), intitulada: “A festa dos Reis Magos: tradição e modernização na microrregião do sudoeste de Goiás”. Na pesquisa, o autor relaciona os festejos aos Reis Magos ao catolicismo popular, sendo aqueles uma prática deste. Apesar disso, Silva não se debruça sobre a investigação das origens, conceitos e constituições do catolicismo popular, circunscrevendo a discussão à questão sincrética. O autor define assim o catolicismo popular:

Não quer dizer que, a força da imposição colonial impediu a veiculação de práticas religiosas com novos gestos, símbolos e ritos, que mantiveram a crença e a religiosidade como resistência ao contexto de escravidão e opressão. Esse é o sincretismo religioso em funcionamento, um conjunto de práticas e religiosidades como resistência ao cotidiano, uma expressão social da crença e da tradição. No qual, a devoção constrói e reconstrói a prática segundo a vivência daquele que crê, seja opressora ou não. (SILVA, 2018, p. 75)

Vaz (2019) também abordou o catolicismo popular em sua tese: “Deus e o Diabo no Sertão da Terra Firme: imaginário, subjetivação e poder nas fronteiras do sagrado (Planalto Catarinense – 1892-1920)”. No entanto, o tema também não é central em sua pesquisa, que se dedica a investigar as práticas de subjetivação e tecnologias de poder mobilizadas através do imaginário religioso. Assim, o catolicismo popular figura apenas em exemplos que demonstram como a burocracia da igreja acionou determinados mecanismos para criar no imaginário coletivo uma forma de sagrado “limpa”.

Por sua vez, a ação dos padres na relação com o catolicismo popular será o de gerir conteúdos imagéticos, subtraindo os elementos simbólicos considerados supersticiosos, higienizando e normalizando o conteúdo devocional, produzindo uma gestão do imaginário, constituindo assim um regime de sacralidade." (VAZ, 2019, p. 152)

Outra tese analisada que apresenta discussões sobre o catolicismo popular é a de Silva (2019), que tem o título de: “A construção de um taumaturgo: a prática missionária de Frei Damião de Bozzano no nordeste brasileiro (1931-1997)”. A pesquisa investiga como foi construída a figura do frade capuchino como santo, a partir

de registros e memórias de devotos. O autor trabalha o conceito de catolicismo popular, pensando-o sempre a partir do nordeste.

Partindo da perspectiva das Ciências da Religião, percebemos que o Nordeste brasileiro vivenciou, ao longo dos séculos, um Catolicismo Popular, ou rústico, que se caracteriza por ser um conjunto de representações e práticas religiosas, ligando o ser humano ao sobrenatural, pela intercessão dos santos independentemente da ingerência dos religiosos institucionais. O termo popular busca distinguir cultural e socialmente um povo e também um comportamento religioso que se diferencia do oficial. No Brasil, o Catolicismo Popular revela-se por atos concretos ligados ao cotidiano, tais como rezar, para pedir chuva; benzer uma pessoa doente. Junto a isso, destaca-se o culto aos santos, procurando uma resposta positiva para os seus problemas e reinterpretando os preceitos do catolicismo oficial. (SILVA, 2019, p. 144)

O autor vai além das discussões apresentadas até agora ao propor (não de forma inédita) o conceito de Catolicismo Popular Sertanejo (grafado com iniciais maiúsculas). Para Silva (2019), este seria o catolicismo popular praticado no nordeste, com características familiares, vivenciado pelas classes subalternas e em áreas rurais.

O conceito de Catolicismo Popular Sertanejo também é trabalhado por Neves (2019) na tese “‘O passado é a morte das coisas’ - Padre Ibiapina: ante o esquecimento, a memória em construção”. Na pesquisa, o autor apresenta a vida do Padre Ibiapina, problematizando o esquecimento que houve da história e da atuação do padre nos sertões nordestinos durante cerca de 100 anos e como essa história foi reavivada nos dias atuais. Esta é uma das teses que se debruça mais sobre a formação do catolicismo popular.

Neves (2019) apresenta as várias denominações dadas ao que se conhece correntemente como catolicismo popular. Segundo o autor, Queiroz (2003) vai chamar de catolicismo rústico; Cascudo (1985) se refere a catolicismo ignorante; e Costa e Silva (1982) vai denominar de catolicismo sertanejo. (NEVES, 2019, p. 97). Neves define catolicismo popular como sendo

uma religião caracterizada pelo misticismo. Espontâneo, criativo, leigo, dispensando a mediação sacramental e doutrinal da instituição eclesial e seu principal representante – o padre –, o catolicismo popular procura proteção através de um contato imediato com o sagrado – na sua fascinação e repulsa – que ele encontra na natureza e

na história, realizando, assim, uma ressignificação da vida cotidiana. (2019, p. 96)

O autor segue a discussão sobre o catolicismo não-oficial dedicando uma subseção ao Catolicismo Popular Sertanejo. Para Neves (2019), assim como para Silva (2019), este catolicismo popular que leva a adjetivação de sertanejo é aquele praticado no nordeste, que tem características próprias que o diferenciam daquele praticado em outras regiões do país. Para o autor, a figura do conselheiro é central no Catolicismo Popular Sertanejo e “é profundamente marcada pela tradição dos beatos e beatas, segundo o costume dos sertanejos, com suas cantorias e rezas populares; além disso, ele é também caracterizado pelo medo do diabo e pelo hábito de rezar o terço e o ofício.” (p. 96)

No desenrolar da escrita, o autor defende que as formas de manifestação de crenças e ritos religiosos se renovam no Catolicismo Popular Sertanejo. No entanto, apesar dessas transformações, os praticantes desta religião seguem necessitando da intermediação do catolicismo romano em alguns rituais, como nos sacramentos. Apesar disso, Neves (2019) chama a atenção para o processo de censura e condenação da Igreja Oficial para com os adeptos do catolicismo popular, inclusive o sertanejo.

atitude da Igreja Oficial muitas vezes é condenatória, repressiva, através das ações adotadas pelo clero em relação a essas manifestações do povo e seus fenômenos religiosos ‘heterodoxos’; só recentemente, a Igreja se tornou mais tolerante. Mesmo assim, documentos como o de Puebla (1979, p.451) usam expressões como “purificar a religião do povo”, criando, assim, uma situação confusa para o povo católico, que, de um lado, segue, com maior ou menor interesse, as diretrizes e imposições eclesiásticas oficiais, mas, por outro lado, esconde fatos por medo de censura. (NEVES, 2019, p. 99)

O conceito de catolicismo popular sertanejo (desta feita, com iniciais em minúsculo) também é discutido em outra tese selecionada para análise. Em “Sert-tão romeiro: a memória hierofânica do catolicismo popular sertanejo e sua espacialização em Juazeiro do Norte-CE”, Oliveira (2019) analisa a construção da ideia de memória hierofânica, com base no sistema religioso do catolicismo popular sertanejo em Juazeiro do Norte-CE.

Oliveira (2019) propõe a reflexão sobre o catolicismo popular sertanejo a partir de uma perspectiva histórica da formação do território e da sociedade brasileiros,

considerando processo de colonização impetrado na época da invasão ao que viria a ser o Brasil. Essa incursão europeia ao atual Brasil foi marcada, segundo o autor, por “uma função perversa da apropriação colonial, exploração dos nativos e destituição das suas terras, acompanhada de genocídios e etnocídios” (OLIVEIRA, 2019, p. 102), com efetiva participação da Igreja.

Nesse cenário, o catolicismo popular se constitui como uma forma de prática do catolicismo ligada aos grupos marginalizados, formados, especialmente, pelos indígenas colonizados e negros escravizados. Esses grupos ressignificaram a religião oficial, apesar do controle rígido por parte da oficialidade da Igreja, e promoveram um processo de criatividade religiosa da evangelização do povo pelo povo. (OLIVEIRA, 2019)

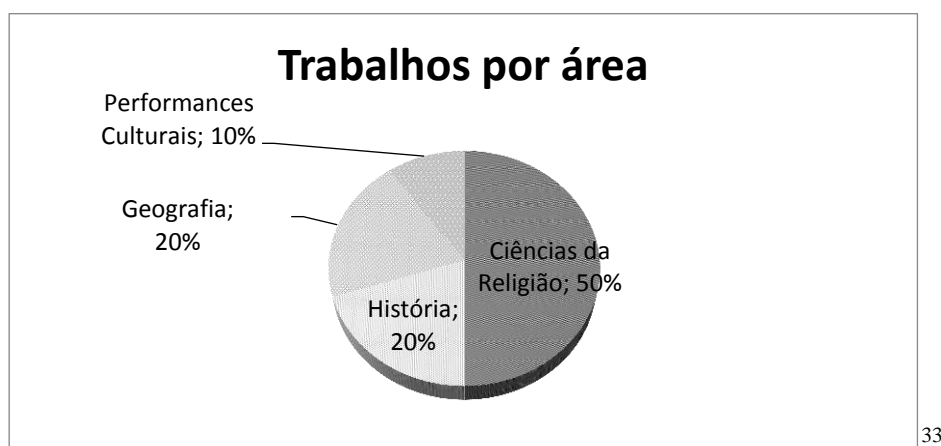
Posto isso, o catolicismo popular não deve ser reduzido a uma mera avaliação da dominação colonial – ao fazermos isso, perdemos a possibilidade de compreensão da força do que é o fenômeno do catolicismo popular. Sua compreensão deve partir do entendimento de sua originalidade que se deve à ressignificação dos símbolos, dos ritos, dos signos, das crenças, etc.. (OLIVEIRA, 2019, p.109)

No nordeste, esse catolicismo popular vai se revestir de características específicas, já apresentadas através de outros autores aqui trabalhados, o que se constitui no catolicismo popular sertanejo. Oliveira (2019) identifica como período de fortalecimento desta forma de catolicismo meados do século XIX, com a separação política entre o Estado e Igreja e a consequente disputa por poder entre ambos. Esse cenário distanciou ainda mais as classes populares do catolicismo romanizado, fazendo com que a religião popular se tornasse cada vez mais autônoma (OLIVEIRA, 2019). Com base nesse distanciamento entre a Igreja Católica e o povo sertanejo, o que se via era a ação de leigos pregando a fé, o que permitiu o desenvolvimento dos sistemas de crenças, símbolos, ritos e signos do catolicismo popular sertanejo em detrimento da religião oficial. (p. 116)

2.2 Comparação entre os trabalhos

A análise dos trabalhos selecionados evidencia uma concentração de produções na região centro-oeste, com destaque para as pesquisas realizadas em cursos de universidades de Goiás. Observa-se também um número baixo de pesquisas (20% das teses analisadas) que se dedicam a conceituar e a traçar um panorama histórico da

formação dessas religiosidades populares. Nota-se também que as produções são frutos de pesquisas empreendidas em cursos de pós-graduação em Ciências da Religião e suas variações (50% dos textos), seguidos dos cursos na área de História (20% das teses) e Geografia (também 20%), conforme demonstrado no gráfico abaixo.



O levantamento aponta caminhos que podem ser seguidos na pesquisa que enseja esta revisão de literatura, como, por exemplo, o aprofundamento das discussões sobre a formação do Catolicismo Popular Sertanejo e as permanências negras e indígenas neste. O presente artigo não se propõe a esgotar a reflexão sobre tais temas, mas na próxima seção indicaremos caminhos que podem ser seguidos no desenvolvimento da investigação, no tocante às contribuições dos povos nativos e escravizados à constituição do Catolicismo Popular Sertanejo.

3. Negros, indígenas e o Catolicismo Popular Sertanejo

Quando os europeus chegaram ao Brasil, existiam mais de 1500 povos indígenas espalhados pelo território invadido (LUCIANO, 2006). Com a escravidão de africanos em solo brasileiro, o país recebeu, entre 1500 e 1850, cerca de 4,9 milhões de negros escravizados, trazidos de várias regiões da África. (GOMES, 2019).

Foi nesse cenário que o Catolicismo Oficial encontrou as culturas indígena e negra e lançou estratégias de dominação sobre esses povos, servindo de braço do império na invasão e colonização do território brasileiro. “Primeiramente, essa ação cultural se fixou pelo entendimento da falta de almas dos povos escravizados; depois,

³³ Gráfico elaborado pelo autor. 2021

pela imposição e aculturação religiosa como mecanismo de inclusão dos dominados.” (MOREIRA, 2018, p. 46)

Nos sertões nordestinos, esse processo de imposição de uma fé, de uma civilização pretensamente superior, de valores e hábitos europeus resultou em um apagamento de marcas identitárias dos povos colonizados. “Vítima de toda essa construção perversa, a identidade dos sertanejos e sertanejas mestiços, negros, indígenas ou brancos pobres foi forjada muda e silenciada.” (MOREIRA, 2018, p. 46).

Martin-Barbero (2001), analisando os dispositivos de hegemonia, vai identificar processos como o que aconteceu na formação do Catolicismo Popular Sertanejo como uma forma não só de reação, mas de resistência dos saberes populares, o que, no caso do Brasil, se refere agudamente aos conhecimentos negro e indígena. Para fazer essa avaliação, Martín-Barbero recorre à figura alegórica da bruxa:

A bruxa sintetiza para os clérigos e os juízes civis, para os homens ricos e os cultos, o mundo que é preciso abolir. Porque é um mundo descentrado, horizontal e ambivalente que entra em conflito radical com a nova imagem do mundo que esboça a razão: vertical, uniforme e centralizado. O saber mágico – astrológico, medicinal ou psicológico – permeia inteiramente o conceito popular do mundo. [...] Esse caráter de dominação, isto é, de ruptura entre progresso e libertação, as classes populares perceberam muito antes de que fosse convertido em discurso político, o perceberam e o enfrentaram a seu modo nos movimentos que resistiram à enculturação. (p. 144, 145, 147)

O Catolicismo Popular Sertanejo surge como estratégia de resposta e resistência ao processo de extermínio de saberes de indígenas e negros. Essa expressão de fé vai modificar o Catolicismo Oficial, a partir dos saberes originários, para que este atenda às necessidades do cotidiano. Essa adaptação vai resultar em manifestações em que as práticas ritualísticas de negros e indígenas estão presentes. (OLIVEIRA, 2019)

A lista de manifestações do Catolicismo Popular, especialmente do Sertanejo, que envolvem saberes herdados dos ameríndios brasileiros e dos africanos escravizados é extensa: as rezas e bênçãos, o culto a santos populares não-canônicos, rituais em harmonia com a natureza e seus elementos, entre outros. Essas são algumas das formas como as culturas africana e indígena encontraram de resistir frente à opressão promovida pela religião do colonizador branco.

Tomemos como objeto de reflexão as rezas e bênçãos como forma de cura. Essas práticas de cuidado surgem, provavelmente na Idade Média, e no Brasil colônia tomam a forma como conhecemos hoje: uso de ritos religiosos, gestuais e orais, com o uso de ervas (ALVES, 2016). No Brasil, esses rituais de cura encontram um ambiente em que tanto africanos, quanto indígenas têm nas plantas um meio de alcançar o restabelecimento da saúde, tanto no campo físico ou espiritual.

Para se ter uma ideia desse cenário em que a prática das rezas se desenvolve no país, os indígenas locais, quando da invasão portuguesa ao território que se tornou o Brasil, “já conheciam mais de 2 mil plantas medicinais” (LUCIANO, 2006, p. 177). Os africanos que foram trazidos para cá e habitaram tanto o litoral quanto os sertões, têm, tradicionalmente, nas plantas um dos elementos mais potentes na concentração no *àse*, que é “o princípio que torna possível o processo vital.” (SANTOS, 2002, p. 39).

Esta relação íntima e ritualística com as plantas leva-nos a pensar outro aspecto do Catolicismo Popular Sertanejo que também está relacionado com a presença dos saberes de indígenas e negros: a relação estabelecida com a natureza. (SANTOS, 2002; LUCIANO, 2006). No modo como o sertanejo exerce o seu catolicismo, tem uma intimidade muito significativa com os elementos e fenômenos naturais, seja na interpretação dos sinais do cosmos ou pela crença da influência de rituais nos eventos da natureza, como chuva ou ventos.

Por isso, não são raras manifestações religiosas populares que surgem e se constituem a partir da observação da natureza. Têm-se como exemplo o culto às santas populares Maria e Augustinha, que ocorre no povoado de Poções, interior de Juazeiro-BA e mobiliza centenas de fieis todos os dias 2 de novembro, data dedicada às santas. A memória coletiva local aponta que as irmãs santas morreram na região durante uma viagem e, no ponto onde foram enterradas, nasceram duas árvores de angico (*Anadenanthera colubrina*³⁴) que permanecem sempre verdes, mesmo nos períodos de estiagem prolongada. Para os fieis, essa manutenção do aspecto verde, mesmo durante a seca, tem um caráter miraculoso, o que levou à devoção às irmãs e a atribuição de outros eventos milagrosos. (SOUZA, 2020)

³⁴ <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/190109/1/Livro-Nordeste-740-745.2018.pdf>

Apesar das contribuições dos povos originários e dos africanos, não se deve simplificar a constituição do Catolicismo Popular Sertanejo como uma sobreposição dos conhecimentos distintos de cada povo.

O catolicismo que se enraíza no Brasil está marcado por sua origem europeia, mas também pelo encontro que essa tradição teve aqui com as tradições africanas e indígenas. Sua originalidade, contudo, deve ser buscada mais na forma como se realiza esse encontro do que na soma dos elementos dessas culturas. Ou seja, acreditamos que o encontro das culturas advenientes com autóctone produziu um modo partilhado de a cultura popular pensar a relação entre o sagrado e o profano. (STEIL *apud* MOURA, 2009 p. 57)

Mesmo com todas essas características apontadas (e foi apenas uma amostra), os saberes indígenas e africanos no Catolicismo Popular Sertanejo não são reconhecidos como tal. Esse “esquecimento” está presente também em outras esferas da sociedade, para além do campo acadêmico/científico. A posição e as ações do colonizador explicam esse processo à medida que, primeiro pela Igreja como braço do Estado, e depois este próprio através de medidas jurídicas perseguem e sufocam, principalmente, as práticas religiosas negras, mas também indígenas. Primeiro pela negação da “alma” a esses povos e da salvação através do batismo e da catequese (e, portanto, da negação da fé originária), depois por um arcabouço legal que criminalizava a práticas religiosas africanas. (CAMPOS; KOURYH, 2015)

4. Considerações finais

As discussões acadêmicas em torno do catolicismo popular são muitas e variadas. Por isso, a revisão de literatura se mostra uma ferramenta importante para se conhecer o estado das reflexões, os aspectos que estão sendo investigados e as possibilidades de futuros estudos. Neste contexto, o levantamento feito no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES para o presente artigo apontou caminhos importantes para a continuidade dos estudos sobre o catolicismo popular, em especial aquele praticado no nordeste e que tem características específicas e, por isso, chamado de sertanejo.

Outra possibilidade observada a partir da revisão de literatura é o aprofundamento das reflexões sobre as contribuições de negros e indígenas à formação

do catolicismo popular. Interessa-nos, especialmente, os processos de colonialidade da fé, na perspectiva decolonial, e de dominação e aniquilamento dos saberes dos povos nativos e escravizados no campo da religião. Outro ponto importante e que precisa ser explorado são as permanências dos elementos contributivos desses povos no catolicismo popular em perspectiva histórica até à contemporaneidade.

Este artigo apresenta discussões embrionárias acerca desse aspecto. Observa-se, de acordo com o presente estudo, que muitos elementos dos conhecimentos afro-ameríndios brasileiros estão envolvidos na concepção histórica e no exercício cotidiano e atual do catolicismo popular. No entanto, estes são apontamentos que merecem aprofundamento da reflexão.

Dito isto, compreende-se a necessidade de estudos que se proponham a investigar o catolicismo popular sob uma ótica decolonial, buscando compreender os processos históricos para além da necessidade de se traçar uma linha do tempo na constituição desta forma de exercício da fé. O desafio é refletir esses processos, desde a invasão europeia até a contemporaneidade, a partir da perspectiva das classes subalternizadas.

5. Referências

ALVES, Maria Jeane dos Santos. **Terapêutica popular: a "cura" pelas benzedadeiras enquanto modo de cuidado**. 2016. 102 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia Clínica, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2016.

CAMPOS, Zuleica Dantas Pereira; KOURYH, Jussara Rocha. Religiões Afro-brasileiras: perseguições antigas e novas. **Revista de Teologia e Ciência da Religião**, Recife, v. 5, p. 161-177, dez. 2015. Disponível em: <http://www.unicap.br/ojs/index.php/theo/article/view/609/527>. Acesso em: 01 jun. 2021.

DIAS, Júlio César Tavares. **Cosme e Damião: aproximações e tensões no campo religioso brasileiro**. Tese (Doutorado em Ciência da Religião), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5875955. Acesso em: 24 jun. 2021.

GAMA, Rafael da. **“Por uma religião nacional”: a separação entre igreja e estado e a disputa religiosa entre católicos e protestantes em Belém do Pará (1889-1931)**. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7722458. Acesso em: 24 jun. 2021.

GOMES, Laurentino. **Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019. 1 v.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: MEC/SECAD; LACED/Museu Nacional, 2006, p. 128-171.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às Mediações: Comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução de Ronaldo Polito et al. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MARTINS FILHO, José Reinaldo Felipe. **Música e identidade no catolicismo popular em Goiás: um estudo sobre a Folia de Reis e a Romaria ao Divino Pai Eterno**. Tese (Doutorado em Ciências da Religião), Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2019. Disponível em:
https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7644184. Acesso em: 24 jun. 2021.

MONTELES, Nayara Joyse Silva. **Ecossonâncias: o protagonismo da mulher no tambor de crioula**. Tese (Doutorado em Performances Culturais), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020. Disponível em:
https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10068630. Acesso em: 24 jun. 2021.

MOREIRA, Gislene. **Sertões Contemporâneos: Rupturas e Continuidades no Semiárido**. Salvador, BA: Eduneb/Edufba, 2018.

MOREIRA, Walter. Revisão de Literatura e Desenvolvimento Científico: conceitos e estratégias para confecção. **Janus**, Lorena-Sp, v. 1, n. 1, p. 21-30, 2004. Disponível em:
<http://unifatea.com.br/seer3/index.php/Janus/article/view/102/92>. Acesso em: 26 jun. 2021.

MOURA, Elen Cristina Dias de. **Entre ramos e rezas: o ritual de benzeção em São Luiz do Paraitinga, de 1950 a 2008**. 2009, 208 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp099784.pdf>. Acesso em 06 nov. 2020.

NEVES, Gilvan Gomes das. **“O passado é a morte das coisas”: padre Ibiapina: ante o esquecimento, a memória em construção**. Tese (Doutorado em Ciências da Religião), Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em:
http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/1131/2/gilvan_gomes_neves.pdf. Acesso em: 24 jun. 2021.

OLIVEIRA, Marlene Flauzina. **Festa de Nossa Senhora da Abadia em Jatai/GO: uma experiência de interpretação geográfica.** Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados-MS, 2019. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7881399. Acesso em: 24 jun. 2021.

OLIVEIRA, Paulo Wendell Alves de. **Ser-tão romeiro: a memória hierofânica do catolicismo popular sertanejo e sua espacialização em Juazeiro do Norte-CE.** Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=8015676. Acesso em: 24 jun. 2021.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os nagô e a morte: pàde, àsèsè e o culto égun na bahia.** 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SILVA, Aerton Alexander de Carvalho. **A construção de um taumaturgo: a prática missionária de frei damião de bozzano no nordeste brasileiro (1931-1997).** Tese (Doutorado em Ciências da Religião), Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7876468. Acesso em: 24 jun. 2021.

SILVA, Washington Maciel da. **A festa dos Reis Magos: tradição e modernização na microrregião do sudoeste de goiás.** Tese (Doutorado em Ciências da Religião), Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7268992. Acesso em: 24 jun. 2021.

SOUZA, Jadnaelson da Silva. **Santas Maria e Augustinha: a representação popular da fé de uma comunidade.** In: WORKSHOP NACIONAL DE EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA PARA A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO BRASILEIRO, 9., 2020, Juazeiro. **Anais [...].** Juazeiro: Universidade do Estado da Bahia. Ppgesa, 2020. p. 166-170. Disponível em: https://5613d587-67bb-4147-bade-095fde2ad02f.filesusr.com/ugd/c2492e_fcfa2efd0c414bb98dc3ee7b861575d3.pdf?index=tru. Acesso em: 01 jun. 2021.

VAZ, Rafael Araldi. **Deus e o Diabo no Sertão da Terra Firme: imaginário, subjetivação e poder nas fronteiras do sagrado (planalto catarinense - 1892-1920).** Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7808682. Acesso em: 24 jun. 2021.

COMUNICAÇÃO DE CONFLITOS: ENUNCIADOS DE CAATINGUEIROS ATRAVESSADOS POR OUTROS MUNDOS³⁵

Aurilene Rodrigues³⁶

RESUMO

Este artigo analisa o modo pelo qual os processos comunicacionais dos caatingueiros nos fazem ver os sentidos produzidos acerca dos conflitos vivenciados por eles com a chegada de projetos modernizantes na caatinga. O objetivo principal foi tornar sensíveis as suas expressões linguageiras, historicamente ignoradas. A interpretação deu-se por meio da Análise do Discurso. Dentre todos os conflitos, o maior de todos é o desaparecimento do povo caatingueiro e com ele um modo de existência.

Palavras-chave: processos comunicacionais; discurso; caatingueiros; Caatinga; modernização.

COMMUNICATION OF CONFLICTS: STATEMENTS FROM CAATINGUEIROS ACROSS FOR OTHER WORLDS

ABSTRACT

This article analyzes the way in which the communicational processes of the caatingueiros make us see the senses produced about the conflicts they experience with the arrival of modernizing projects in the caatinga. The main objective was to make sensitive their language expressions, historically ignored. The interpretation took place through Discourse Analysis. Among all the conflicts, the biggest one is the disappearance of the Caatingueiro people and with it a way of existence.

Keywords: communicational processes; speech; caatingueiros; Caatinga; modernization.

COMUNICACIÓN DE CONFLICTOS: DECLARACIONES DE CAATINGUEIROS A TRAVÉS PARA OTROS MUNDOS

RESUMEN

Este artículo analiza la forma en que los procesos comunicacionales de los caatingueiros nos hacen ver los sentidos producidos sobre los conflictos vividos por ellos con la llegada de proyectos modernizadores a la caatinga. El objetivo principal fue sensibilizar sus expresiones lingüísticas, históricamente ignoradas, la interpretación se realizó a través del Análisis del Discurso. Entre todos los conflictos, el mayor es la desaparición del pueblo caatingueiro y con ello una forma de existencia.

³⁵ Trabalho apresentado no *Conexão Pós: Resistência pela Ciência e Colaboração na Pesquisa* do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 5 e 6 de dezembro de 2019.

³⁶ Doutora em Comunicação (UNEB/USP). Docente no DCH-III (UNEB). Juazeiro-BA. Brasil. E-mail: arlima@uneb.br

Palabras clave: procesos comunicacionales; discurso; caatingueiros; Caatinga; modernización.

Introdução

Este artigo faz um recorte da tese de doutorado³⁷ defendida em junho de 2020 acerca da comunicação de conflitos enunciados por caatingueiros do Sertão do São Francisco. Esses enunciados e os processos de enunciação materializados nesse trabalho nos fazem ver que os projetos modernizantes³⁸ que atravessam o mundo caatingueiro³⁹ não se sustentam se forem considerados a partir das problematizações dos próprios caatingueiros. Os processos comunicacionais analisados demonstram que os conflitos são enunciados desde o ponto de vista do modo de existência dessa população e o maior deles parece ser o fato de que para os projetos vingarem tal como foram concebidos, o povo precisa desaparecer. Não se trata de um objetivo explicitado pelos projetos, mas a forma como esses vêm sendo implantados, excluir a população local parece ser uma condição. Para os caatingueiros é o aprofundamento dos problemas.

A pesquisa demonstrou que as expressões linguageiras dos caatingueiros não são ouvidas e nem foram previstas nesses projetos. As falas transcritas das entrevistas com os caatingueiros, assim como os documentos analisados demonstram que os discursos dos representantes desses projetos ignoram ou acreditam que se opõem à perspectiva caatingueira dentro de noções vagas, como por exemplo a noção de desenvolvimento. Procurei demonstrar que os sentidos produzidos por essa população acerca desses conflitos são passíveis de serem ouvidos e compreendidos, mas isso exige uma atenção diferente. É preciso ouvi-los como uma manifestação própria, fora dos discursos dominantes. Os processos comunicacionais dos caatingueiros são praticados como ato político, mesmo sem forças suficientes para intervir, desenvolvendo a enunciação de novos problemas diante dos acontecimentos.

³⁷ “Comunicação de conflitos – enunciados de caatingueiros atravessados por outros mundos” – ECA/USP - 2020

³⁸ Criação de um Parque de Conservação, o Boqueirão da Onça; Instalação de Parques Eólicos e Exploração de Minérios por grandes empresas mineradoras.

³⁹ Lugar onde hoje se denomina bioma caatinga e onde habita uma população que se auto-denomina de caatingueiros. Neste trabalho me refiro à população caatingueira do município de Sento-Sé Bahia.

Para dar materialidade discursiva a essas questões busquei na tese, mapear a comunicação que ora se efetiva “nas caatinga”, atravessando esse mundo; interpretar a comunicação dos caatingueiros, ouvindo a língua “das caatinga”; caracterizar essa população e seus modos de existência; comunicar os conflitos enunciados por eles, apontando os problemas formulados; discutir as questões epistemológicas e políticas implicadas nos processos comunicacionais que envolvem modos de vida tradicional e projetos de modernização.

Para o desenvolvimento da tese me vali dos procedimentos metodológicos da pesquisa empírica, adotando apenas traços de alguns procedimentos da pesquisa etnográfica (GEERTZ, 2008) uma vez que esse tipo de pesquisa implicaria em um trabalho exaustivo, considerando a dimensão do município⁴⁰ e a abrangência do campo problemático. O apelo a um método que tem a sua origem na antropologia se dá não por haver uma divergência de opinião entre os objetivos dos projetos e os dos caatingueiros, mas uma diferença cultural, pois não se trata de ouvir uma outra parte de uma realidade, mas ouvir de outro modo.

Travancas (2011, p.100) ressalta que “a etnografia faz parte do trabalho de campo do pesquisador. E é entendida como um método de pesquisa qualitativa e empírica que apresenta características específicas”. Considerar essa pesquisa como um campo empírico, foi o grande desafio.

Tentei ser fiel à linguagem dessa gente no uso das suas palavras e no modo como as dizem, uma língua em movimento, fortemente marcada por traços da oralidade e ancorada nos saberes da experiência e do pertencimento ao seu território existencial. Ao ouvir, transcrever, traduzir e contextualizar atentamente as falas desse povo pude perceber a intensidade e a complexidade dos conflitos que emergem nos seus enunciados e nos seus processos de enunciação. Esses processos foram referenciados no arcabouço teórico da Análise de Discurso Francesa (ADF), sobretudo nas obras de Bakhtin/Voloshinov (2006) e Authier-Revus (2004) e nos estudos de pesquisadores brasileiros a exemplo de Roseli Fígaro (2012) e Helena Nagamini Brandão (2012).

⁴⁰ De acordo com dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010), o município está situado em uma área de 12 871,039 km², sendo a terceira maior extensão territorial do Estado da Bahia, com uma população estimada de 40.703 hab.

Esses e outros autores contribuíram na condução das análises, embora nem sempre tenham sido citados diretamente.

Comunicação de caatingueiros: ouvindo a língua das caatingas

Dominique Wolton (2004, p. 15), no livro “Pensar a Comunicação”, diz que “o mais fácil, na comunicação, ainda são as ferramentas; o mais complicado, os homens e a sociedade”. Esse trabalho trata justamente desse segundo aspecto: as relações de comunicação entre o povo caatingueiro e agentes da modernização. Nesse sentido, esse autor compreende que

A comunicação é, antes de mais nada, uma *experiência antropológica* fundamental. Do ponto de vista intuitivo, comunicar consiste em compartilhar com o outro. Simplesmente não há vida individual e coletiva sem comunicação. E o que caracteriza cada experiência pessoal, como a de qualquer sociedade, é definir regras de comunicação. Não há seres humanos sem sociedade, como não há sociedade sem comunicação. E é por isso que a comunicação é, ao mesmo tempo, uma realidade e um *modelo cultural*. (Wolton, 2004, p.30)

A dimensão antropológica da comunicação é um aspecto fundamental desse trabalho, uma vez que se propõe a discutir o modo de pensar e de se comunicar de um grupo social, tradicional, frente a projetos modernizantes que atravessam o seu mundo.

Compreendo a comunicação da mesma forma explicitada por Fígaro (2012, p.10): como sendo uma “característica constitutiva do humano, presente em toda relação social”. Essa concepção contraria a ideia de comunicação como mera informação. Um outro aspecto importante para a compreensão da comunicação como constitutiva do humano, ressaltado por Fígaro é o fato dessa se efetivar pelas linguagens, especialmente a linguagem verbal, não como uma “ferramenta”, que expressaria o pensamento do exterior para o interior, mas como um meio de “produção da vida em sociedade”.

No texto “Enunciação e construção do sentido” (BRANDÃO, 2012), a autora discute questões da Análise do Discurso - AD na perspectiva de autores que são a referência básica no desenvolvimento acerca dos discursos analisados na tese, porque me situaram nos aspectos linguísticos e extralinguísticos do processo discursivo, nas suas aproximações e distanciamentos, como essa autora mesmo destaca.

A perspectiva teórico-metodológica adotada foi justamente a de tratar a linguagem verbal, “no âmbito das relações de sentidos, construídas no processo comunicacional, na formulação de enunciados e discursos” (FÍGARO, *Op. Cit*, p.10), estando, contudo, atenta ao processo histórico que se apresentou na pesquisa. Os autores referenciados compareceram nas análises na medida em que foram suscitados, embora muitas vezes não houvesse menção a eles, juntamente com outros pesquisadores que estudam os modos de existência da população caatingueira, a exemplo da professora Maria Rita do Amaral Assy⁴¹ e do professor Esmeraldo Lopes⁴².

As pesquisas sobre o modo de existência dos caatingueiros demonstram que essa gente se faz, se constitui, na relação com o outro caatingueiro, sobretudo pela linguagem. É importante frisar isso porque não é um povo que cria monumentos arquitetônicos ou marcas visíveis, tal como a civilização ocidental reconhece, pelo contrário, as suas construções são perecíveis e a própria relação com a propriedade da terra nem sempre se constitui oficialmente por meio de títulos ou de outros documentos oficiais. Essa é uma comunicação essencial, uma vez que o seu corpo e tudo à sua volta, como o próprio chão onde vive e os corpos celestes que vislumbra são permeados de sentidos para a sua existência, que se manifesta essencialmente pela linguagem.

A oralidade, como forma agregadora das demais formas de expressão é a fonte dos enunciados produzidos cotidianamente para situar a si e aos outros, diante das adversidades. Todos sabem saber de tudo o que se passa ao seu redor e o modo como as pessoas lidam com as questões. Os enunciados do caatingueiro não visam uma explicação das coisas, mas a demonstração de como as coisas são: **é assim**. Essa expressão parte do saber da experiência e demonstra que essa gente está o tempo inteiro se situando e buscando nos situar nos processos em discussão. Há muito ainda a ser pensado sobre a linguagem dos povos tradicionais, considerando o modo como foram construindo a sua linguagem e se construindo nesse processo.

⁴¹ Professora Dra, psicóloga, aposentada do Departamento de Ciências Humanas III, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, pesquisadora dos modos de existência da população caatingueira.

⁴² Professor Msc, sociólogo, aposentado, pesquisador dos modos de existência da população caatingueira

A formação étnica dos caatingueiros envolve muitas origens e é possível que os conhecimentos sobre outros povos ajudem a mostrar a singularidade de sua comunicação. No mundo deles, as palavras podem vir antes das coisas, o que muda muito a relação com as palavras e com o próprio mundo. É o caso, por exemplo, das palavras não poderem ser ditas para não serem atraídas. Por exemplo, ao se dizer o nome de uma certa doença, diz-se: **aquela doença**; quando está se contando que algo feriu uma pessoa, diz-se: **lá nela**. Esse modo de se situar no mundo tem de certa forma, uma aproximação com o que Santana (2019) viu no seu estudo sobre a “Cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil”⁴³. Esse autor cita o pesquisador argentino Adolfo Colombres, quando esse afirma que a imagem vem depois da palavra. “No pensamento bantu, a imagem não é anterior à palavra, já que é o ‘nommo’ que engendra a imagem da coisa, tão logo tenha criado a coisa. Ao nomear o objeto ausente, a palavra transforma-o em imagem ou ‘se’ transforma em imagem” (SANTANA, 2019, p. 164-5).

O esforço aqui é justamente fazer ver os sentidos que são produzidos por essa forma de comunicação, tanto na sua materialidade linguística, quanto no seu contexto de enunciação e de produção discursiva. Essa materialidade está presente no que se diz, mas especialmente no como se diz. É um dizer fazendo, como as *cercas* no discurso de seo Domingos ao se referir às estratégias usadas pelos caatingueiros para impedir a passagem da empresa de energia eólica pelas suas terras. Esse discurso não explica, situa, leva a crer, a fazer, a ser.

A comunicação se fazendo na comunicação: a voz do caatingueiro não estava prevista

Para o desenvolvimento das análises das entrevistas e dos documentos elencados, busquei me situar teoricamente e metodologicamente nas relações entre texto, enunciado e discurso, na tentativa de compreender ativamente os processos comunicacionais dos caatingueiros, adotando uma postura de tradutora dos sentidos

⁴³ Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em estudos da tradução do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

produzidos no contexto dos conflitos vivenciados pelas transformações dos seus modos de vida. O texto produzido na forma de tese foi tecido ao longo do processo de pesquisa, o qual mostrou que não existia um discurso já consagrado. O momento da pesquisa coincide com o momento de elaboração do discurso em um processo comunicacional que estava acontecendo.

O texto é um tecido, confeccionado por uma inteligência; desse ponto de vista, tem um responsável, um autor: uma industriosa máquina humana de produção. Mas, o texto só aparece como um produto industrioso quando enunciado, torna-se discurso. Quando entra numa corrente histórica. Entra no rio de significados com outros discursos, fazendo sentido à medida que está em relação e em diálogo com outros”. (FÍGARO, 2012 p.13).

O texto/tese é, portanto, esse tecido linguístico, que neste caso buscou imprimir o estilo, o modo de falar, de dizer do caatingueiro, privilegiando no discurso as palavras e as expressões usadas por eles. A autoria e a responsabilidade final são da pesquisadora, mas indubitavelmente, construído coletivamente. Essa construção partiu dos textos vivenciados no cotidiano de conflitos admitidos pelos caatingueiros, os quais foram se transformando em enunciados na medida em que passaram a comunicar as suas questões, as tensões, dúvidas e inquietações até então ignorados pelos responsáveis dos projetos modernizantes que adentram o seu mundo. Nesse sentido, a tese seja justamente os enunciados sobre os conflitos que não aparecem nas formas hegemônicas dos discursos.

A voz do caatingueiro não estava prevista. O direito à voz não estava instituído. Ela foi acolhida na tese. “O texto é potencialmente um enunciado e passa a ser enunciado quando cumpre a função comunicacional, produzido por um enunciador, sujeito histórico, situado, que entra na comunicação, ou seja, apresenta-se, revela-se na enunciação” (FÍGARO, 2012, p.13). Vale ressaltar que não é somente o sujeito, mas o contexto também constitui esse processo e pode-se dizer que a fala transcrita passou então à condição de enunciado ao longo da pesquisa. A própria tese pretendeu fazer parte do processo comunicacional sobre o qual ela se debruça.

Comunicação como ato, criação: um modo de ver, agir, pensar, realidade

Em Bakhtin/Voloshinov (2006, p. 127) encontramos,

Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão. Assim, cada um dos elementos significativos isoláveis de uma enunciação e a enunciação toda são transferidos nas nossas mentes para um outro contexto, ativo e responsivo. A compreensão é uma forma de diálogo, ela está para a enunciação assim como uma réplica está para outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra.

Nesse processo de tradução/compreensão ativa busquei dialogar com os entrevistados, tanto no momento da entrevista, quanto diante da transcrição no momento da análise, tornando potente as suas vozes, os sentidos dos seus processos enunciativos, tão caros para esse povo. Assim, busquei me fazer presente, atenta e responsabilmente ativa diante da construção dos processos de enunciação e dos enunciados formulados pelos entrevistados, vendo e me fazendo ver no outro a partir das várias palavras ditas nos diálogos que se inter cruzaram na tese.

O princípio arquitetônico supremo do mundo real do ato é a contraposição concreta, arquitetonicamente válida, entre eu e outro. A vida conhece dois centros de valores, diferentes por princípio, mas correlatos entre si: o eu e o outro, e em torno destes centros se distribuem e se dispõem todos os momentos concretos do existir. [...] Esta divisão arquitetônica do mundo em eu e em todos aqueles que para mim são outros não é passiva e casual, mas ativa e imperativa. Esta arquitetônica é tanto algo dado, como algo a-ser-realizado [*danai zadana*], porque é a arquitetônica de um evento (BAKHTIN, 2010, p. 142-3)

Considerando esse princípio arquitetônico descrito por Bakhtin, estabeleci uma ponte entre mim e os outros possíveis, nos valendo da Análise do Discurso (AD), assim como de outros campos do saber, como a filosofia, a linguística, a antropologia, a sociologia e a pedagogia, entre outros. De alguma forma esses saberes foram buscados para efetivar os propósitos aqui colocados. Considerei assim como Fíguro (2012, p.10) que “o campo da comunicação tem por objeto conhecer o processo comunicativo, ou seja, as interações que se dão entre sujeitos históricos e os modos de produção/recepção de técnicas, estéticas e sentidos dessas inter-relações”. Nessa perspectiva, os processos comunicativos nesta pesquisa se referem às interações entre os sujeitos, mas especialmente, ao modo como o caatingueiro desenvolve os seus processos de

enunciação, considerando os seus modos de pensar, de se fazer caatingueiro, transformando a si e interferindo de forma coletiva, no contexto das transformações que ora atravessam o seu mundo.

Esse processo de enunciação foi atentamente visto, ouvido, percebido por mim na sua materialidade, ou seja, no texto, no enunciado e no discurso. Nessa escuta e escritura, salta uma Língua Caatingueira, um pouco diferente daquela língua portuguesa tal qual habitualmente costumamos ouvir, parece não existir aí uma gramática inteiramente prevista. Na fala há a performance da voz. Assim, não dá para resumir a fala do caatingueiro porque não são as palavras somente que definem o texto, mas as relações, os desenhos que a gramática faz, desenho do diálogo.

Nessa perspectiva, os enunciados não são apenas representações, ou seja, não re – apresentam mentalmente o que está no mundo, através da mente: língua; e mundo: coisas, fatos. Mas agem como ato/ação, criam um modo de ver, agir, pensar, estar no mundo, tem ação material, realidade. Quando o enunciado é um fato, ele tem uma existência própria no tempo e no espaço. Quando ele é um ato, a ação dele pode perdurar, não está demarcado no tempo e no espaço. A conversação não se dá por inteiro, é virulenta.

Um exemplo desse tipo de enunciado como ato/criação aconteceu durante a pesquisa, quando a caatinga pegou fogo em uma área do Parque Boqueirão da Onça, em Sento-Se⁴⁴. O comentário das pessoas era: **aí tem coisa**. Primeiro, porque não havia uma explicação plausível, a caatinga nessa região não costuma pegar fogo e segundo, porque são muitos os interesses em jogo, atualmente. É um outro tipo de atenção, pistas vão surgindo, há uma construção coletiva do discurso. Ele é assim, elaborado coletivamente, cada um acrescenta com a sua experiência ou vivência. Essas conversações são uma prática diária nos terreiros das casas, nas aguadas, embaixo dos imbuzeiros e nas pequenas praças das sedes dos povoados. No caso deste processo de pesquisa, o discurso do caatingueiro não estava previamente formulado, foi se fazendo no processo e o próprio processo de pesquisa se desenvolveu nas conversações, na enunciação dos problemas apresentados, ouvidos aqui e ali.

⁴⁴ Esse episódio ocorreu no mês de setembro de 2018. Portanto, já com esta pesquisa em andamento.

De acordo com Brandão (2012, p. 19), “o discurso ultrapassa o nível puramente gramatical, linguístico. O nível discursivo apoia-se sobre a gramática da língua e sobre os aspectos extralinguísticos que condicionam a sua produção”. Essa compreensão considera o fato de que o discurso diz respeito também às condições empíricas de sua produção e elas nos interessam, sobretudo porque se vincula ao funcionamento da língua como uso. Nessa pesquisa, é preciso lembrar, a língua está em movimento, na formulação de enunciados e processos de enunciação que provavelmente se desenvolveram no ato da pesquisa, uma vez que as coisas estavam ocorrendo e nunca antes tinham ocorrido. Um exemplo dessa situação é a relação entre as pessoas e as onças. Os caatingueiros não sabiam que elas estavam previstas no Parque e que eles próprios, não. Foi aos poucos e ao longo do processo de pesquisa que a coisa foi se clarificando, até chegar a dizer: **a onça tem voz**. Esse animal que sempre disputou o território com os criadores, agora reinará, absoluto. Esse é um discurso que emerge das conversações. Foi preciso então, esperar o tempo em que a informação chegaria aos moradores do lugar. Todos esses processos enunciativos se deram a partir dos conhecimentos linguísticos disponíveis e dos conhecimentos extralinguísticos construídos no contexto histórico necessários para dar conta das questões propostas na pesquisa.

Comunicação do caatingueiro: algo mais filosófico, experiência, reflexão da vivência

Para o caatingueiro, a experiência é algo mais filosófico, é praxis; é a extração de uma sabedoria, uma reflexão da vivência. Ao falar sobre o *saber da experiência*, Bondía (2002, p.21) ressalta que:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece [...] A primeira coisa que gostaria de dizer sobre a *experiência* é que é necessário separá-la da informação. E o que gostaria de dizer sobre o *saber de experiência* é que é necessário separá-lo de saber coisas, tal como se sabe quando se tem informação sobre as coisas, quando se está informado [...] A experiência funda também uma ordem epistemológica e uma ordem ética. O sujeito passional tem também sua própria força, e essa força se expressa produtivamente em forma de saber e em forma de práxis. O que

ocorre é que se trata de um saber distinto do saber científico e do saber da informação, e de uma práxis distinta daquela da técnica e do trabalho.

Esse saber da experiência “que nos passa”, “que nos acontece”, “que nos toca”, se faz e se refaz no contexto de práticas discursivas em que os sujeitos, neste caso, os caatingueiros, organizam, planejam, inventam e se reinventam coletivamente, cotidianamente. Para a AD, de acordo com Brandão (2012, p. 26)

[...] esse sujeito essencialmente marcado pela historicidade, não é o sujeito abstrato da gramática, mas um sujeito situado no contexto sócio-histórico de uma comunidade, num tempo e espaço concretos. É um sujeito interpelado pela ideologia, sua fala reflete os valores, as crenças de um grupo social. Não é único, mas, divide o espaço de seu discurso com o outro, na medida em que, na atividade enunciativa, orienta, planeja, ajusta sua fala tendo em vista um interlocutor real, e também porque dialoga com a fala de outros sujeitos, de outros momentos históricos, em um nível interdiscursivo.

O sujeito do discurso da AD já ganha uma perspectiva histórica, quando “[...] se constitui, se reconhece como tendo uma determinada identidade na medida em que interage com outros discursos, com eles dialogando, comparando pontos de vista, divergindo, etc”. (BRANDÃO 2012, p. 26). Nesse sentido, o caatingueiro se reconhece como caatingueiro no caatingueiro. Por outro lado, os estudos sobre as populações caatingueiras realizados por Lopes (2012) e Assy (2014), assim como a pesquisa ora apresentada demonstram que na experiência discursiva, o caatingueiro não confronta com o seu interlocutor, ao que ele diz, acrescenta algo. No entanto, isso não impede que haja tensão entre ambos. Esse aspecto da linguagem pesquisada se relaciona com o conceito de formação discursiva da AD ao pressupor que toda formação discursiva é atravessada por outras formações discursivas. “[...] uma formação discursiva está sempre em interação com outras formações discursivas em que vários discursos estão ora em relação de conflito, ora de aliança, e a linguagem é vista como uma arena de lutas.” (p. 22)

A formação sócio-histórica do caatingueiro se dá no contexto de mudanças de configurações políticas, econômicas e geracionais, sem contudo, haver mudanças no ambiente, especialmente no seu habitat, considerando que o bioma caatinga permanece bastante preservado e o modo de vida tradicional, também permanece quase inalterado,

não havendo assim atualização histórica⁴⁵. Nesse sentido, o discurso é histórico, porque o sujeito é histórico. O caatingueiro experimenta a história de uma forma cíclica. As transformações são contingências de uma mesma existência. Possivelmente, eles já estejam onde gostariam de estar. Para esse povo o mundo não é uma ideia, mas uma experiência, não está previamente estabelecido; nada é totalmente garantido. Algumas expressões demonstram essa percepção do mundo. Ex: **se chover...; se Deus quiser...**

Nesse sentido, as reflexões de Bakhtin/Voloshinov (2006, p. 122) sobre enunciação e interação social são mais esclarecedoras acerca das questões observadas na pesquisa. “A estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social. A enunciação como tal só se torna efetiva entre falantes”. Esses falantes, os caatingueiros, têm consciência do seu mundo, do papel e do poder da palavra na constituição do humano, na interação com outros.

A narrativa pode criar existência, experimentando as palavras até poder dizer

Trazendo o poder da palavra para a filosofia da linguagem de Bakhtin, temos que a palavra é plurivalente, por isso, o dialogismo é uma condição constitutiva do sentido. A partir dessa compreensão esse filósofo,

[...] elabora o conceito de polifonia, analisando textos literários e da literatura popular, por ele denominada também de carnavalesca, em que o narrador se investe de uma série de máscaras e representa várias vozes a falarem simultaneamente, sem que uma dentre elas seja preponderante e julgue as outras. (BRANDÃO, 2012, p. 33)

Nessa perspectiva, o pensamento de Authier-Revuz (2004) nos ajuda a pensar essa questão, uma vez que radicaliza o princípio do dialogismo, explorando-o sob a forma de heterogeneidade. Essa autora, “[...] elabora uma teoria da enunciação em que o princípio do dialogismo resulta numa concepção do discurso assentada na característica heterogênea da linguagem e numa concepção de sujeito afetado pela divisão entre o consciente e o inconsciente” (BRANDÃO, 2012 p. 35). Esse pensamento é assentado na compreensão de que o discurso é heterogêneo porque o sujeito é heterogêneo, afetado pelo outro-interlocutor, pelo outro-interdiscursivo.

⁴⁵ A esse respeito ver Lopes (2012)

Essa diversidade de textos que compõem os discursos dos caatingueiros foi afetada pelos discursos que circulam no cotidiano das conversas e se manifestaram na pesquisa como verbalização/ação, quando por exemplo, as *cercas* saltam aos nossos olhos no dizer fazendo do seo Domingos; quando a professora Francisca interfere na fala do seo Chicada, seu esposo, mostrando o que acontece quando os funcionários da Brennand tentam cortar os imbuzeiros; quando o professor Domingos e seo Domingos questionam o 1% pago pela empresa pela produção de cada torre eólica, uma vez que o conceito de propriedade para o caatingueiro está ligado à sua existência e para o empresário está ligado ao capital privado. Essa diversidade de discursos entrecruzou a minha produção discursiva e levantou os problemas enfrentados e que puderam ser ouvidos ao longo desta pesquisa.

Essa propriedade da linguagem que pode ser “[...] apreendida no fio do discurso, na superfície, na materialidade linguística do enunciado, através de marcas, indícios que mostram/sinalizam o ‘outro’,” (BRANDÃO 2012 p. 35) foi fortemente perseguida por mim, através de uma escuta e de uma escritura atenta para evidenciar o que se apresenta na linha e não somente nas entrelinhas das falas transcritas. São delimitações mostradas na superfície linguística, na materialidade linguística do enunciado, índices que denunciam o lugar de um e do outro, neste caso o lugar do caatingueiro, dos empresários, dos ambientalistas e o meu próprio lugar como pesquisadora.

Nesse contexto de produção de sentidos dos discursos produzidos, é preciso destacar mais uma vez, que os caatingueiros veem as coisas, assim como o discurso, acontecendo e nesse processo o sujeito vai se fazendo. A negociação para eles é precisa; a escolha da palavra é precisa. Existem marcas em seu discurso que não possuem sinônimos. Diante de uma situação em que a família possa ser julgada, por exemplo, sente uma **contrariação**, uma contrariedade que segue cortando, fulminando, dilacerando o coração. Esse processo de enunciação é um fenômeno que se produz e é histórico, abarca um período. Vemos o que emerge, o que salta.

Para o caatingueiro, a narrativa pode criar existência, experimentando as palavras até poder dizer. A significação está na frase e o sentido é do nível do enunciado. Assim, a nossa atenção foi centrada nem tanto nas informações, mas nos sentidos materializados nos fios discursivos enunciados, no como, na ação de enunciação. Essa foi a perspectiva adotada: uma audição atenta das falas, das suas

palavras, com o intuito de fazer ver os sentidos que são produzidos, tanto na sua materialidade linguística, quanto no seu contexto de enunciação e de produção discursiva, buscando tornar sensíveis as expressões languageiras realizando enfim, a sua comunicação.

Considerações Finais

O desenvolvimento do problema da tese se deu em meio ao desenvolvimento dos processos de enunciação e dos enunciados formulados pelos pesquisados. De início, já se sabia que havia uma grande tensão entre o modo de vida dessa população e os projetos de modernização que atravessam esse mundo.

As entrevistas transformaram-se em conversas, nas quais ‘saltavam’ uma língua portuguesa, fincada na vivência e na experiência de um fazer coletivo. Por essa razão, optei por não categorizar as falas dos entrevistados, dar explicações sobre o que era dito ou tão pouco extrair apenas as informações que porventura fossem consideradas relevantes. Exercitei as transformações que aqueles enunciados provocavam em mim, modificando a minha lógica de pensar ou me reconhecendo nela. Ao me aproximar do território existencial do caatingueiro, pude ‘ver’ os conflitos sendo situados nas suas falas. Havia um esforço para mostrar em palavras o que se via. Nesse momento, o problema de pesquisa foi sendo redimensionado: eles não eram ouvidos. As suas vozes não foram previstas em nenhum dos projetos em curso: instalação de Parques Eólicos e empresas mineradoras; criação do Parque de Conservação. O meu desafio então fora: como tornar sensíveis as expressões languageiras do caatingueiro e como viabilizar na matéria escrita dessa tese esses processos comunicacionais de tal forma que se efetivasse uma comunicação? Não bastava ouvir as vozes dos caatingueiros, transcrevê-las e buscar meramente realizar uma transmissão, pois foi se configurando outra perspectiva de tratar aquilo que ocorria, mais do que a formulação de uma outra opinião a respeito. O ponto de vista caatingueiro não se limitava a interpor uma oposição, um confronto, nem mesmo uma resistência às mudanças que se faziam. Havia um pensamento vivo sobre o que se passava, produzido a partir do modo como experimentava-se tudo aquilo.

Foi preciso, assim, redimensionar também o meu lugar de pesquisadora, me tornar uma tradutora das suas falas, contextualizando-as dentro do seu universo

existencial e dos sentidos produzidos por elas. Nessa perspectiva, essas vozes tornaram-se enunciados dos conflitos à medida que seus processos de enunciação puderam ser ouvidos, vistos e considerados. Entraram na corrente de comunicação estabelecida pela tese. Ela própria foi fazendo parte do processo comunicacional que se desenvolvia. Não é justamente isso que acontece quando pesquisamos? Acabamos fazendo parte da própria comunicação que se comunica. Vale a pena ressaltar que não havia uma perspectiva desde sempre concebida. Ao ser desenvolvida, abriu-se mais um campo de enunciação. Fui entendendo o que se passava, quais eram os problemas que eram enunciados na perspectiva dos caatingueiros, como também os caatingueiros serviam-se do momento da entrevista para erguer as palavras, achar jeito de dizer, tentando deixar muito claro o que estava sendo dito: ‘entendeu?’.

Buscando tornar sensíveis essas expressões, coloquei-me como ouvinte e tradutora atenta das suas palavras, dos seus processos de enunciação e das formulações de seus enunciados. Nesse sentido, alguns autores da Análise do Discurso contribuíram para que eu pudesse dizer o que ouvia na língua ‘das caatinga’ e fazer ver essa comunicação na posição de “analista” dessa linguagem, no contexto dos sentidos produzidos por ela, especialmente porque é pela linguagem, sobretudo a oral, que essa gente se constitui como um povo. Ao ser desenvolvida, essa pesquisa pretendeu mostrar a perspectiva do caatingueiro, no modo como estão percebendo e enfrentando as transformações que estão ocorrendo em seu território, através dos seus processos comunicacionais.

Referências

ASSY, Maria Rita do Amaral. **A força inventiva da voz ignorada**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC – SP, 2014.

ASSY, Maria Rita do Amaral. **A criação ignorada da existência**. Universidade do Estado da Bahia – Juazeiro, 2017.

AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOSHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 16 ed. São Paulo, Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BRANDÃO, Helena Nagamine. Enunciação e construção do sentido. In: **Comunicação e análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, 2002.

FÍGARO, Roseli (org). **Comunicação e análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1 ed. Rio de Janeiro: LCT, 2008.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras, 2019.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 4ª Ed. – São Paulo: Atlas, 2004.

LOPES, Esmeraldo. **Caatingueiros e Caatinga** – A agonia de uma cultura. Maceió: Gráfica Grafipel, 2012.

SANTOS, Tiganá Santana Neves. **A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunsenki Fu-kiau**: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil. Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.

WOLTON, Dominique. **Pensar a Comunicação**. Brasília: Editor Universidade de Brasília, 2004.

ANÁLISE DOS ASPECTOS ECONÔMICOS DO TURISMO RELIGIOSO EM BOM JESUS DA LAPA-BA

Cynara Santo-Sé Alves⁴⁶
Deyse Queiróz
Paula Renata

RESUMO

O turismo religioso avança a economia em muitos países e municípios, chegando a compor o Produto Interno Bruto (PIB) de algumas cidades do Brasil, constituindo um gerador de renda para diferentes setores da economia local. Essa pesquisa teve como objetivo compreender a importância do turismo religioso para Bom Jesus da Lapa-Ba e quais as consequências e estratégias utilizadas pelo comércio para movimentar o mercado econômico mediante a nova realidade (covid-19). A metodologia utilizada foi a abordagem qualitativa através da pesquisa de campo, no qual se aplicou, para coleta de dados, um questionário e entrevista semiestruturada aos comerciantes do município. Essa investigação constatou que o turismo religioso é de total importância para Bom Jesus da Lapa-Ba, sendo o principal fator que movimenta a economia. Ademais boa parte do seguimento comercial sofreu consequências drásticas em decorrência da pandemia, ressaltando que utilizaram novas estratégias comerciais para manter as vendas.

Palavras-chaves: Turismo religioso. Pandemia. Estratégias. Comércio. Fé.

ANALYSIS OF THE ECONOMIC ASPECTS OF RELIGIOUS TOURISM IN BOM JESUS DA LAPA-BA

ABSTRACT

Religious tourism leverages the economy in many countries and municipalities, making up the Gross Domestic Product (GDP) of some cities in Brazil, constituting an income generator for different sectors of the local economy. This research aimed to: Understand the importance of religious tourism for Bom Jesus da Lapa-Ba and what are the consequences and strategies used by commerce to move the market through the new reality (covid-19). The methodology used was a qualitative approach through field research, in which a questionnaire and semi-structured interview with merchants in the municipality were applied for data collection. This investigation found that religious tourism is of total importance for Bom Jesus da Lapa-Ba, being the main factor that drives the economy. Furthermore, much of the commercial segment suffered drastic consequences as a result of the pandemic, noting that they used new commercial strategies to maintain sales.

Keywords: Religious tourism. Pandemic. Strategies. Business. Faith.

ANÁLISIS DE LOS ASPECTOS ECONÓMICOS DEL TURISMO RELIGIOSO EN BOM JESUS DA LAPA-BA

RESUMEN

El turismo religioso apalanca la economía en muchos países y municipios, constituyendo el Producto Interno Bruto (PIB) de algunas ciudades de Brasil, constituyendo un generador de

⁴⁶ Docente UNEB. caalves@uneb.br.

ingresos para diferentes sectores de la economía local. Esta investigación tuvo como objetivo: Comprender la importancia del turismo religioso para Bom Jesus da Lapa-Ba y cuáles son las consecuencias y estrategias que utiliza el comercio para mover el mercado a través de la nueva realidad (covid-19). La metodología utilizada fue un enfoque cualitativo a través de investigación de campo, en la cual se aplicó un cuestionario y entrevista semiestructurada con comerciantes del municipio para la recolección de datos. Esta investigación encontró que el turismo religioso es de suma importancia para Bom Jesus da Lapa-Ba, siendo el principal factor que impulsa la economía. Además, gran parte del segmento comercial sufrió consecuencias drásticas como resultado de la pandemia, destacando que utilizaron nuevas estrategias comerciales para mantener las ventas.

Palabras clave: Turismo religioso. Pandemia. Estrategias. Negocio. Fe.

Introdução

O Turismo religioso é ligado à religião, atraindo um público de todos os lugares com a finalidade de participar de romarias, conhecer lugares históricos como igrejas, grutas, templos., sempre no exercício da fé e busca pela espiritualidade. Essa modalidade vem ganhando cada vez mais espaço no mercado financeiro porque aquece a economia em muitas cidades pelo mundo, que atrai pessoas sejam pela fé, ou até mesmo por curiosidade. Mas, também, é uma realidade que vem sendo estudada por teóricos que detalham os principais aspectos dessa modalidade de turismo. Sua importância é significativa, compondo o Produto Interno Bruto (PIB) de algumas cidades pelo Brasil, no qual, além do fator econômico, é um gerador de renda para diferentes setores, como hotéis, transporte, restaurantes, e o ramo do entretenimento. Nesse contexto, existe, também, o fator social que com ele envolve a cultura, costumes, dos membros daquela comunidade, ou seja, é uma área que abrange o todo da sociedade.

Atualmente, o mundo enfrenta uma nova realidade, vive-se tempos difíceis, dias de incertezas, vidas interrompidas, negócios fechando as portas, novas modalidades de empregos etc. Causados por um vírus letal e transmissível, o covid-19 também conhecido coronavírus, é uma doença infecciosa e recém-descoberta, que está sendo estudada para que a propagação do vírus seja interrompida, visto que, gerou inúmeras vítimas. Aparecida do Norte, Bom Jesus da Lapa-BA, Juazeiro do Norte-CE e Nova Trento-SC, são os destinos mais procurados por visitantes. Nessa perspectiva criou-se uma nova modalidade lives, a siberdevoção que na atualidade muitas pessoas já tem

acesso a meios de comunicação tecnológicos. Já que se tornou impossível eventos religiosos em plena pandemia.

Nessa perspectiva, Santos (2020) discute em seu trabalho sobre o turismo religioso pelo mundo e sua adaptação em tempos de pandemia com a nova modalidade há uma preocupação do meio religioso em manter fortalecido o vínculo de devotos. Oliveira (2017), traz uma abordagem sobre o turismo religioso em Aparecida do Norte e sua influência local, no Brasil e no mundo. Santos e Severo (2018), analisa em seu trabalho a influência da fé cristã na economia através do marketing e do turismo religioso em Camboriú e Nova Trento-SC. Nogueira (2013), discute sobre os eventos religiosos e sua importância no desenvolvimento da região em Juazeiro do Norte. Um dos setores mais atingidos pelo vírus foi o turismo, de modo que, o número de viagens, passeios, excursões teve uma queda significativa, isso porque o isolamento social é indispensável para diminuir a contaminação, ou seja, por um tempo viagens foram canceladas, afetando economicamente as cidades que dependem do turismo para o desenvolvimento local.

O intuito deste trabalho é entender a importância do turismo religioso na cidade de Bom Jesus da Lapa, município do estado da Bahia, uma cidade de grande potencial turístico que atrai inúmeras pessoas por ano, com o propósito de conhecer pontos turísticos como a gruta de pedra e luz e o rio São Francisco além da culinária local, entre outros.

O estudo é de extrema relevância não só para a comunidade acadêmica como também para a sociedade que passará a entender mais sobre o assunto. Nessa concepção, sente-se a necessidade de analisar os aspectos do turismo religioso em Bom Jesus da Lapa. Com isso, analisa-se: Compreender a importância do turismo religioso para Bom Jesus da Lapa-Ba e quais as consequências e estratégias utilizadas para movimentar o mercado da mesma, com a nova realidade?

Desse modo, o objetivo geral da pesquisa dessa pesquisa é: Compreender a importância do turismo religioso para Bom Jesus da Lapa-Ba e quais as consequências e estratégias utilizadas para movimentar o mercado da mesma, com a nova realidade. Para o alcance do objetivo geral contamos com os seguintes objetivos específicos são: entender a partir de quando surgiu o turismo religioso em Bom Jesus da Lapa; analisar todas as vertentes do turismo religioso; investigar as esferas comerciais que mais

crecem no turismo religioso de Bom Jesus da Lapa e como está sendo em período de pandemia; analisar as principais estratégias para o crescimento econômico dos comerciantes.

Para a realização da pesquisa, foi escolhido, a abordagem qualitativa, com a finalidade de entender o turismo religioso em Bom Jesus da Lapa, junto com a pesquisa exploratória e descritiva, através de livros, trabalhos acadêmicos e *sites*. É uma observação juntamente com questionários para os sujeitos dessa pesquisa. Na primeira seção trata-se do surgimento do turismo religioso em Bom Jesus da Lapa, bem como seu desenvolvimento. Na segunda seção, do turismo religioso nas cidades brasileiras e o crescimento econômico. Onde descreve algumas cidades pelo Brasil que tem essa espécie de turismo. Na terceira seção, fala-se sobre o turismo e desenvolvimento, destacando sua importância nas cidades. E na quarta e última seção, será tratado sobre como a pandemia atingiu de maneira direta no turismo.

2 Turismo Religioso, Cidades Brasileiras e Crescimento Econômico

O turismo é atividade que gera benefícios para todos os membros de uma comunidade. Nessa perspectiva, Teixeira (2016) enfatiza que atualmente cresce cada vez mais a compreensão de que o turismo é uma atividade econômica, tendo grande influência em diversos setores como religioso, político, cultural, ecológico e rural. Ainda de acordo com o mesmo autor, cabe aqui acrescentar que diferentemente de outras atividades econômicas, esta necessita de um percentual menor de investimento, isso porque utiliza-se de recursos do próprio contexto no qual se insere, como maneira de investimento turístico. No entanto, o que mais cresce economicamente nessa atual conjuntura é o turismo religioso. Este tipo de turismo aparentemente é novo, porém era uma prática constante dos nobres medievais que iam em grupo em busca do lugar sagrado, eles caracterizavam essa ação como peregrinação, no qual todos iam em busca de espírito nos lugares tidos como sagrados (PINTO, 2006). Nos dias atuais, o turismo religioso é praticado por pessoas que procuram a fé em diversas manifestações religiosas, procissões, missas, festas da igreja, entre outras, com o intuito de buscar respostas para seus problemas (PINTO, 2006). Destaca-se, de outros tipos de turismo pois têm características que se igualam ao turismo cultural, afinal de contas surgiu de alguma determinada cultura de um povo (ARDIGÓ, 2016). Ademais, é necessário que

se busque alternativas para o desenvolvimento, que suprem as demandas de todos os envolvidos do contexto, tendo um grande enfoque para o benefício de todos e para a valorização de seus patrimônios, como já foi citado acima é que se deve ter um grande olhar para a conservação da cultura da cidade (DIAS, 2010). Os destinos mais procurados no Brasil são: o santuário de Aparecida do Norte em São Paulo, Bom Jesus da Lapa, na Bahia, Juazeiro do Norte no Ceará e Nova Trento em Santa Catarina. Essas cidades têm como objetivo principal promover a cidade e o comércio e com princípio maior atrair cada vez mais o número de pessoas a cada ano, através de estratégias que atualmente são por meios de comunicação. A exemplo do crescimento do turismo religiosos nas cidades brasileiras, dentre as citadas Santa Catarina teve um grande avanço, de acordo com Ardigó (2016) teve como consequência um advento “ a beatificação de madre Paulina, e sua canonização, em maio de 2002 pelo papa João Paulo II, a cidade que já possuía uma relação com a religiosidade, passou a receber um número crescente de peregrinos de todo o país e do exterior.” Podemos analisar aqui que com a beatificação cresceu os números de fiéis turistas nessa cidade. Como também a construção do santuário de Santa Paulina como ilustrado na Figura 1 o números de fiéis aumentou consideravelmente.

Figura 1- Santuário de Santa Paulina-SC.



Fonte: SC Turismo (2019).

Já em Juazeiro do norte, os romeiros viajam até a cidade de pau de arara, ônibus, esses são os transportes mais comuns por eles, é característicos deles também, sempre ir

em grupos e cantando os benditos, em devoção a padre Cícero, assim se concentram milhares de fiéis o ano todo, em alguns momentos até fica intransitável, pois eles deslocam para diversos lugares da cidade em grande aglomeração, os principais: Estátua do Padre Cícero, de 27 metros de altura, a trilha do Santo Sepulcro, e Museu Vivo Padre Cícero, na Colina do Horto Fig.(2); Basílica de Nossa Senhora das Dores onde começa a história do Juazeiro; Capela do Perpétuo Socorro, onde está enterrado o Padre Cícero; Santuário do Coração de Jesus, mantido pelos salesianos; e o Santuário de São Francisco (PEREIRA, 2015). Podemos analisar aqui como já foi citado acima, a maioria dos pontos turísticos, e que tem mais concentração são patrimônios históricos e naturais da cidade. Como apontado na Figura 2 a imagem do Padre Cícero é um grande atrativo de Juazeiro do norte-CE.

Figura 2- Estátua de Padre Cícero em Juazeiro do Norte-Ce.



Fonte: Bessa (2015).

Cabe aqui acrescentar a maior romaria do Brasil e também compreende o maior culto mariano do mundo, Aparecida do Norte que reúne milhares de fiéis o ano todo, o fluxo de pessoas é ainda maior em outubro, quando ocorre romaria de aparecida na basílica nova situada no interior de São Paulo, além disso, os visitantes aproveitam a oportunidade para conhecer a cidade e fazer compras, movimentando a economia local (PINTO, 2006).

Salienta-se que a romaria de aparecida do norte é reconhecida mundialmente e é de extrema importância para a cidade e para o país, pois atrai turistas de outros países

para conhecer a cidade, passando por pontos turísticos, conhecendo a cultura, gastronomia, fatores esses que aquecem a economia e auxiliam no desenvolvimento local. A cidade de Aparecida do Norte em São Paulo, recebe um grande público de pessoas anualmente, especialmente em outubro, quando é festejado o dia de Nossa Senhora Aparecida, a padroeira do Brasil. A Figura 3 mostra como é o fluxo de pessoas nesse período de romaria.

Figura 3- Santuário de Aparecida do Norte-Aparecida-SP.



Fonte: Veja (2012).

A cidade de Bom Jesus da Lapa é conhecida como capital baiana da fé, é palco da segunda maior romaria do Brasil, de acordo com Ribeiro (2010) no mês de agosto especificamente visita-se Bom Jesus milhares de pessoas todos os anos, o que difere Bom Jesus da Lapa das demais é o morro e as grutas, que traz um ar de espiritualidade e místico. Além disso, há outros pontos turísticos como a barrinha, o rio São Francisco e a catedral de Nossa Senhora do Carmo. Esses pontos são os mais frequentados por romeiros e turistas que circulam sempre em grupo. Nessa perspectiva, cabe aqui enfatizar que esta cresce a cada ano, beneficiando a igreja, comerciantes e toda população que se prepara para trabalhar nessa época. São muitas as pesquisas nesse contexto da romaria de Lapa (como carinhosamente é chamada), porém as lacunas como, por exemplo, saber quais as estratégias os comerciantes estão aderindo para o sucesso econômico que cresce a cada ano. A Figura 4 ilustra o festejo na última romaria antes da pandemia, e o número de romeiros ali presentes, renovando sua fé.

Figura 4- Romaria de Bom Jesus da Lapa- BA.



Fonte: Rodrigues (2019).

Imagem da romaria de 2019, com os romeiros na explanada do Bom Jesus, professando sua fé e agradecendo as graças alcançadas.

2.1 Conceito histórico e surgimento do turismo em Bom Jesus da Lapa-BA

Bom Jesus da Lapa é uma cidade localizada no oeste do estado da Bahia, sua história é sempre lembrada e contada todos anos nos períodos de romaria, à relatos que após a chegada do monge Francisco de Mendonça Mar em 1691, segundo histórias populares, o monge abrigou-se em uma caverna, fazendo ali sua morada, trazendo com ele a imagem do Bom Jesus crucificado e a imagem de nossa senhora da Soledade, a partir daí pessoas foram atraídas para a gruta e nesse ambiente místico faziam pedidos e orações.

Com o passar do tempo, os números de visitantes iam aumentando, se tornando tradição na cidade e com isso desenvolveu-se o santuário do Bom Jesus, como hoje é conhecido, vale ressaltar que Francisco desempenhava um papel social importante, ajudando os pobres e idosos que necessitavam de cuidados na região. Vale lembrar que além de visitantes da região, visitantes de outras localidades passavam pelo povoado e se hospedavam em pousadas, desde então começou o turismo religioso como é conhecido atualmente.

O surgimento de vários santuários começou a distinguir-se em locais afastados das cidades, em meio à natureza inóspita. Na austeridade desses locais desabitados e isolados, o aparecimento desses templos propiciou o desenvolvimento das comunidades locais. O fato importante a destacar é que ocorreram deslocamentos contínuos de pessoas em toda a história da humanidade cuja origem motivacional principal era de cunho religioso.(MAIO, 2003, p.3)

Para os moradores da cidade a uma valorização desse aspecto econômico, pois é uma grande fonte de renda da cidade, em que tudo gira em torno do turismo, além da preocupação não só das autoridades locais, como também dos comerciantes que dependem do turismo religioso, em preparar a cidade para receber turistas. É importante destacar, o trabalho da igreja nesse contexto de preparação e organização da Lapa, pois tudo é realizado em virtude da programação dessa entidade, tendo como maior preocupação manter a fé dos romeiros.

Steil ressalta:

Podemos ver nesses posicionamentos a disputa por dois legados deixados pelo monge fundador do santuário: o espiritual e o material. Se entre os moradores prevalece a reivindicação do legado material, para o clero trata-se de salvar a “religiosidade e a fé dos romeiros” sem perder a hegemonia sobre os negócios e a arrecadação financeira que a romaria realiza.(STEIL, 2003, p.5).

Ao longo tempo, essa peregrinação foi se tornando cada vez mais comum, aumentando o número de pessoas ano pós ano, e atualmente é uma das romarias mais visitadas do país. A também conhecida capital baiana da fé, Bom Jesus da Lapa é sede de uma das maiores romarias do Brasil ocupando terceiro lugar, atraindo pessoas de todos os lugares do Brasil e do mundo, Bom Jesus da Lapa é uma cidade conhecida por ser acolhedora e receptiva.

Alguns setores são de fundamental importância para Lapa, pois através deles, é possível movimentar o mercado da mesma, esses fatores econômicos movem a economia de Bom Jesus da Lapa como: a pesca, a agricultura, a pecuária, o comércio, o turismo, prestação de serviços, entre outros. (JESUS; PIRES; ARAÚJO,2016)

Nesse contexto, entende-se que o turismo foi a primeira atividade econômica da cidade que porém não é a única, ou seja, o turismo é um fator econômico importante para a cidade, mas que em períodos que não ocorrem as romarias na cidade, de fevereiro

a maio, há outros setores para aquecer o mercado, não sendo fortemente impactada nesses períodos. De junho a janeiro, a cidade atende uma demanda maior de pessoas e consequentemente haverá a requisição de produtos e serviços, bem como alimentação, hospedagem, entretenimento, entre outros serviços, vale ressaltar a importância de aprimorar esses meios de produtos e serviços a serem prestados a esse público. Essas vertentes do turismo religioso iniciaram-se há alguns séculos com os primeiros peregrinos que visitavam a vila e a cada ano após foi crescendo e se desenvolvendo. Nos tempos atuais, além de gerar renda e emprego para os moradores, geram também oportunidade para pessoas de outras localidades, que veem na romaria, uma oportunidade de comercializar seus produtos já que nesse período o público tem um aumento considerável.

2.2 Turismo e Desenvolvimento

O Desenvolvimento está diretamente ligado ao crescimento econômico das cidades, visto que, engloba elementos essenciais para a população tais como: saúde, segurança, educação e ao bem-estar social de todos os componentes da sociedade, numa cidade turística é reforçado tal importância, pois os beneficiários vão além dos membros daquela comunidade. O turismo surge como uma alternativa para o desenvolvimento local de muitas cidades pelo mundo, é uma estratégia imprescindível para crescimento da cidade. Para Nogueira (2013), Crescimento e desenvolvimento foi uma alternativa desenvolvida por países no pós segunda guerra para que o PIB alavancasse, uma vez que a renda do país não era suficiente. A partir daí esses países buscaram alternativas para o desenvolvimento do país, explorando as riquezas locais. Nessa conjuntura, o turismo se tornou o principal gerador de renda de cidades, seja religioso, cultural ou de consumo, o turismo é essencial para que cidades países e municípios se desenvolvam, pois assim, a qualidade de vida dos moradores aumenta e inevitavelmente a geração de emprego.

Para que haja desenvolvimento econômico a experiência histórica ensina que é essencial que as instituições garantam, em primeiro lugar, a ordem pública ou a estabilidade política, em segundo lugar, o bom funcionamento do mercado, e, em terceiro lugar, boas oportunidades de lucro que estimulem os empresários a investir e inovar. (PEREIRA, 2006, p.6).

Deve-se ter uma atenção para atenção voltada a esse crescimento, pois é uma relação ganha-ganha tanto do setor público, garantindo estabilidade, segurança e abertura comercial. E assim haja investimento por parte dos empresários que conseqüentemente irá gerar mais oportunidade de emprego, além da cidade se tornar mais atrativa para turistas.

Santos e Severo (2018) ressaltam que a peregrinação é algo comum no Brasil, inúmeras pessoas viajam para cidades com santuários, para pagar promessas, e agradecer as graças recebidas, por acreditarem que milagres acontecem nesses lugares que para eles são sagrados. A fé inabalável desses fiéis movimenta cidades inteiras, pois a uma preparação das mesmas pra recepcioná-los, o que possibilita o investimento do governo do estado voltado para o turismo religioso na economia local.

Os períodos de romarias deixam as cidades com o fluxo intenso a Lapa recebe o público para romaria a partir de junho se estendendo até janeiro, por ano milhares de visitantes passam pela cidade, os períodos mais intensos são em agosto na romaria do Bom Jesus e em setembro na romaria de nossa senhora da Soledade. Nesse período, Bom Jesus da Lapa comporta uma maior quantidade de pessoas.

[...] O turismo religioso produz uma cadeia produtiva, além de usufruir todas as atividades econômicas dos lugares visitados, envolve o conjunto de fornecedores e projetos finais que arrecadam com o consumo dos turistas e com as atividades tipicamente voltadas para o turista, como a venda de passagens, as estadas em hotéis, pousadas, dentre outros serviços. O consumo envolve uma realidade mais ampla da comunidade receptora. Nessas cidades santuários, há presença constante do comércio anexada à atividade religiosa, onde se vendem os artigos de interesse dos peregrinos, restaurantes, farmácias e artigos religiosos, além dos estacionamento e alojamentos.(TEIXEIRA, 2016, p.8).

Esses conjuntos de fatores que formados pelo turismo, são fundamentais para o desenvolver da sociedade, vale lembrar que essas necessidades devem ser atendidas, os eventos religiosos necessitam da colaboração do comércio para que possa fluir de maneira harmoniosa, como também, o comércio dessas cidades dependem de eventos religiosos para se manterem. Ou seja, ambas andam lado a lado. Com o cenário atual, a princípio tornou-se inviável passeios turísticos, viagens, entre outros. Algumas alternativas foram tomadas para que a vontade de viajar permaneça. O turismo é compreendido como uma fonte de recurso benéfica para cidades, países e municípios

economicamente falando e do ponto de vista espiritual é entendido como um alimento para a alma.

2.3 Turismo e Pandemia

Muitos setores na economia enfrentam uma grande dificuldade com a atual realidade, o surto do COVID-19 que impossibilitou áreas como por exemplo: o turismo, que em todos os locais foram proibidas viagens, eventos, afetando não só empresas de passagens aéreas, como também as cidades que recebem esse público, é um setor que teve queda por conta do coronavírus.

O surto de coronavírus levou os governos de muitos países a impor restrições às viagens não essenciais aos países afetados pelo COVID-19, suspendendo indefinidamente viagens de turismo, vistos de trabalho e vistos de imigrantes. Alguns países proibiram completamente todas as formas de viagem para dentro ou para fora de suas fronteiras, fechando todos os aeroportos do país. (KHATIB, 2020, p.5).

Essa preocupação dos países em manter a população em território tem como objetivo principal impedir que o vírus propague entre as pessoas, para que o número de vítimas diminua, isso porque muitos tiveram vidas interrompidas causados pelo COVID-19, em contrapartida, muitos estabelecimentos tais como: empresas, hotéis, restaurantes, entre outros, foram obrigados a fecharem por período indeterminado.

Essa política de distanciamento social dificultou alguns ramos de entretenimento e lazer, que com o passar do tempo foi se agravando a situação. Isso porque é uma doença recente, e as políticas públicas ainda não são eficazes para que esses negócios se mantenham, como também não está sendo suficiente para a diminuição da contaminação.

Políticas como a 'política de permanência em casa' e a 'política de distanciamento social' ou "política de isolamento social" danificaram gravemente a renda de restaurantes, bares, lojas e hotéis em muitos locais, em alguns casos resultando no fechamento. Destruiu muitas empresas no setor de hospitalidade de maneira que não eram previstas, e o governo falhou em assumir a responsabilidade pelo fracasso de pequenas e grandes empresas que não sobreviveram ao surto de coronavírus devido à política de distanciamento social imposta pelo governo e restrições de bloqueio. Ou a política de distanciamento social foi implementada muito cedo ou a política foi levada ao extremo por cidadãos e viajantes que tinham medo de patrocinar essas

empresas por medo de contrair a doença COVID-19. (KHATIB, 2020, p.13)

Há um certo receio em viajar em período pandêmico, mesmo que necessário pois o risco de contrair a doença é grande, portanto, os habitantes seguem medidas impostas pelo governo, que é ficar em casa, mantendo o isolamento social, com o intuito de se proteger contra a doença.

De acordo com Santos (2020, p.16) ouve uma preocupação do meio religioso em manter fortalecido o vínculo de devotos mantendo assim uma forte conexão, que em meio a pandemia, os santuários transformaram os encontros em ciber-encontros para manter a segurança dos romeiros, além disso, com a impossibilidade deles se locomoverem aos santuários, as imagens foram transportadas pelas ruas, no intuito de manter a tradição. Nesse contexto é observado uma preocupação da igreja em manter os devotos, mesmo que no mundo virtual, dando continuidade as crenças e devoções de sus fiéis. Que estão impossibilitados de manter os costumes existentes há milhares de anos. Não obstante, alguns setores tiveram queda significativa, com parada do turismo, alguns meios buscam uma saída para enfrentar esse problema, não ficando para trás, a igreja católica resolveu aderir o meio digital como a internet, antes era bem utilizado por determinado público, mas não com a mesma proporção que atualmente. Rádio e televisão são os meios de transmissão mais utilizados, nos tempos atuais, abriu-se espaço para a internet. Na cidade de Bom Jesus da Lapa, em período de pandemia, houve melhorias na infraestrutura de pontos turísticos das cidades e ao redor do santuário para melhor receber turistas e romeiros quando passar esse período pandêmico. Com a nova realidade que o mundo enfrenta, a romaria de Bom Jesus da Lapa, no ano de 2020 foi realizada virtualmente assim mantendo a tradição mesmo que de outra forma, após 320 anos de história e de romarias as celebrações virtuais são a única opção para os festejos, para que assim seja preservado a saúde dos romeiros e visitantes.

3 Procedimentos Metodológicos

A pesquisa aqui demonstrada é de natureza qualitativa por assim se caracterizar, por se tratar de fenômenos da educação, ela possibilita ao pesquisador maior participação no processo e resultados que serão obtidos na pesquisa (MARCONI;

LAKATOS, 2007). Quanto ao tipo de pesquisa, a escolha foi pela Pesquisa de Campo, que se trata da obtenção da coleta de dados em campo, ele permite ao pesquisador que ele tenha contato com o pesquisado em seu ambiente. Nesse contexto, foi adotado entrevista e questionário para a coleta de dados da pesquisa. Quanto aos objetivos ela se caracteriza como descritiva e exploratório, com o objetivo de entender o turismo religioso visto que envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que sabem mais sobre o objeto de pesquisa, ela se diferencia das demais, pois utiliza-se de técnicas padronizadas de coletas de dados, tais como: questionário e observação (GIL, 2008).

Dessa maneira, instrumento utilizado foi a entrevista semiestruturada. Na entrevista semiestruturada é preciso ter perguntas que possibilitem o entrevistado a ter um diálogo aberto com o pesquisador, é direcionado para grupos específicos, além disso é necessário uma naturalidade ao passar de uma pergunta para outra e o pesquisador pode criar novas perguntas dentro do contexto caso surja alguma dúvida que seja necessária para a compreensão do fenômeno pesquisado. (MANZINI, 2012). Dessa maneira, na análise de dados os entrevistados foram decodificados com E1 e E2 (entrevistados 1 e 2). A análise dos dados foi feita pela Triangulação por apresentar três aspectos importante para o estudos dos fatos pesquisados, o primeiro aspecto consiste no levantamento de dados concretos e as narrativas dos entrevistados; o segundo aspecto refere-se ao discussões de autores que estudam o assunto e por fim o terceiro aspecto está no conjunto de circunstâncias que de uma forma generalizada da realidade. (MARCONDES, 2014).

4 Resultados e Discussões

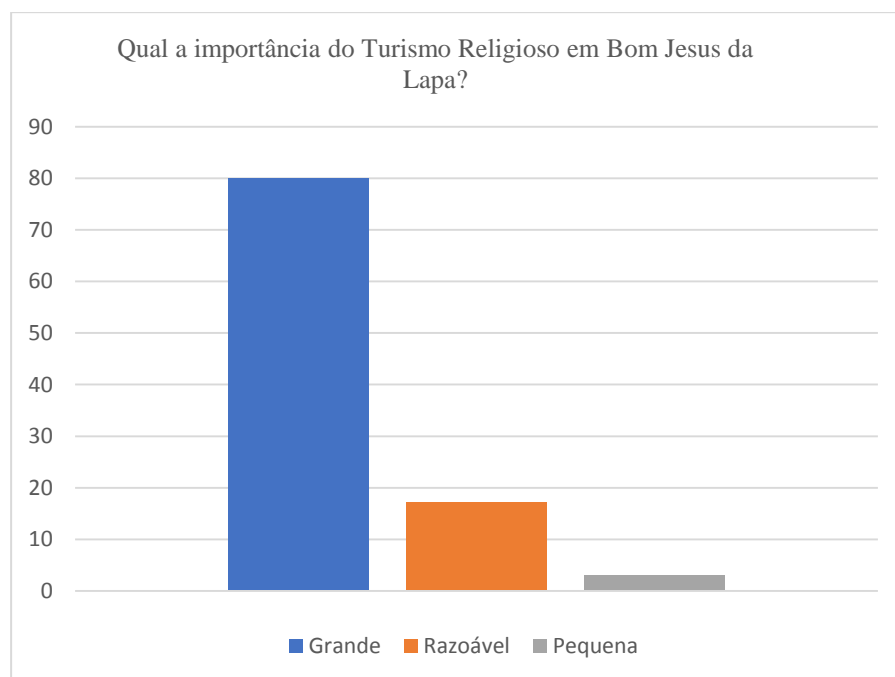
Nesta seção será apresentado os resultados e análises das discussões da pesquisa de campo. Foram entrevistados duas pessoas, dentre elas, um lojista e um empresário do ramo hoteleiro que responderam questões sobre esses setores da economia lapense. Foi realizado também um questionário com 35 pessoas que trabalham neste circuito da economia .

O questionário foi desenvolvido através do google forms e enviado via WhatsApp para os participantes, por conta do período pandêmico, para manter a segurança dos envolvidos. Alguns participantes da pesquisa optaram por responder as

questões do questionário no local de trabalho, tomando todas os cuidados e medidas de distanciamento, realizado com os vendedores ambulantes e vendedores que se situam em boxes próximos a gruta, esse processo contribuiu para identificar os fatores econômicos presentes em Bom Jesus da Lapa, tais como a sua importância e desenvolvimento.

Sabe-se que o turismo não é o único gerador de renda da Lapa, de acordo com o gráfico (1), mas é considerado um dos mais importantes, de modo que há uma preocupação por parte dos setores público e do privado na realização de melhoria na cidade para que se torne mais atrativa, visto que o cenário atual dificulta a movimentação desse mercado neste primeiro gráfico é apresentada a importância do turismo religioso em Bom Jesus da Lapa-Ba, segundo seus participante.

Gráfico 1- Qual a importância do turismo religioso para Bom Jesus da Lapa



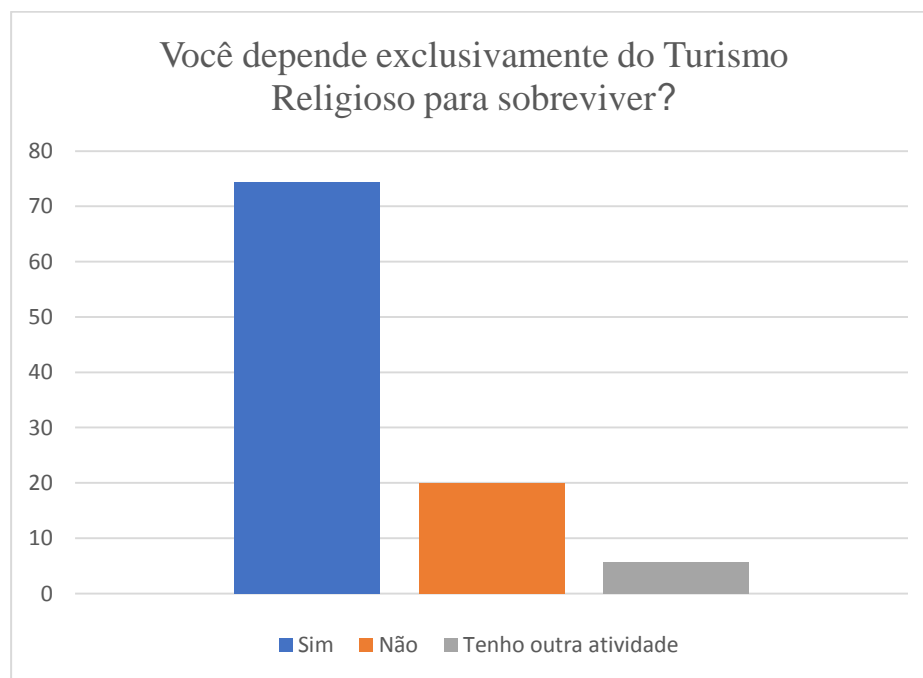
Fonte: Dados da Pesquisa (2021)

Para 80.0% o turismo religioso é de grande importância para a cidade. 17.1% dos participantes consideram a importância do turismo religioso razoável. 2.9% considera pequena a importância do turismo religioso em Bom Jesus da Lapa. De

acordo com Almeida (2019), o turismo religioso é de extrema relevância para o crescimento econômico da cidade, pois muda boa parte dos setores, ocasionando um significativo desenvolvimento do local; além disso contribui também para o meio cultural e a valorização das tradições.

No gráfico 2, observa-se que a maioria dos participantes dependem exclusivamente do turismo religioso para sobreviver, evidenciando esse fator econômico de total importância para o município.

Gráfico 2- Você depende exclusivamente do turismo religioso para sobreviver?



Fonte: Dados da Pesquisa (2021)

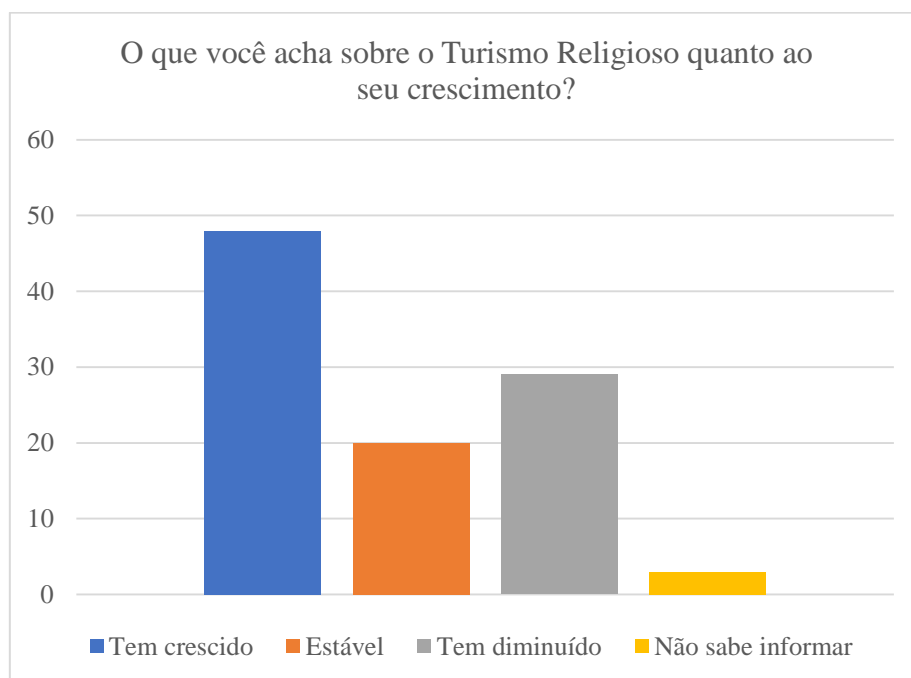
No segundo gráfico, observa-se que a maioria dependem exclusivamente do turismo religioso para sobreviver, 20% tem outra atividade, dentre essas algumas pessoas tiveram que realizar outra atividade pois com a parada do turismo, se tornou necessário obter outra fonte de renda e apenas 6% não depende exclusivamente do turismo religioso. Nessa perspectiva o turismo religioso acrescenta ganhos econômicos na qualidade de vida das pessoas que vivem no local, pois se constitui de

um seguimento que possibilita aos visitantes o espairecer, relacionar com outro contexto e ter novas visões de mundo (PEREIRA, 2008).

No gráfico (3), é apontado o Turismo religioso, bem como seu crescimento, visto que a cidade é voltada para essa modalidade de turismo, é importante destacar que esse crescimento, faz com que a cidade se torne ainda mais atrativa.

Para Santos (2018), as gestões municipais do Brasil têm tido um molhar mais atento aos turismos religiosos, investindo nessa categoria, fazendo reformas e ampliando atrações, entre outros aspectos, pois percebeu a geração de renda e empregos.

Gráfico 3- O que você acha sobre o turismo religioso quanto ao seu crescimento?



Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

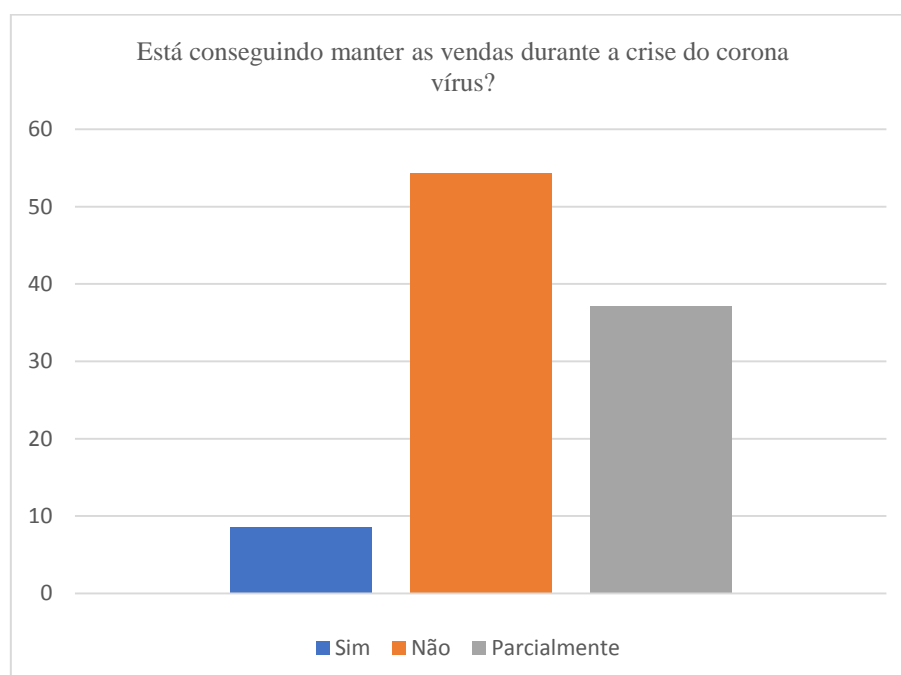
Segundo os dados apresentados, o Turismo religioso tem crescido, para grande parte dos participantes da pesquisa, porém, alguns fatores fizeram com que esse setor descesse uma cessada. Nos últimos tempos, o turismo estava desenvolvendo-se, entretanto, esse crescimento diminuiu, pois, enfrenta-se uma pandemia mundial. Para 48,0% dos

participadores, Com o desenvolvimento da cidade o turismo estava crescendo. para 29.0% tem diminuído, ocasionado pelo covid-19. para 20,0% está estável e 3% não souberam informar.

No gráfico (4), busca-se saber sobre as vendas, se os pesquisados conseguiram mantê-las durante essa crise do corona vírus?. Em sua maioria, 54,3% responderam que não conseguiram manter as vendas, 37,1% responderam que conseguiram parcialmente, e apenas 8,1% responderam que conseguiram.

Desse modo, pesquisas mostram que as primeiras categorias que sofreram perdas econômicas durante o período de pandemia da covid-19, foram as de turismo; isso em decorrência de que as medidas adotadas para o não contágio do vírus é de isolar-se socialmente (TOMÉ, 2020). Mesmo um ano após o início da epidemias, muitas cidades ainda tem como estratégia o fechamento do comércio para evitar que o vírus se propague, essa decisão tem um forte impacto para vendedores, que dependem exclusivamente das vendas para conseguir sobreviver. Essa decisão afetou de maneira significativa os vendedores, de modo que esses fechamentos de comércio, impossibilitou as vendas nesse período, por serem produtos considerado não essenciais ocasionando essa queda.

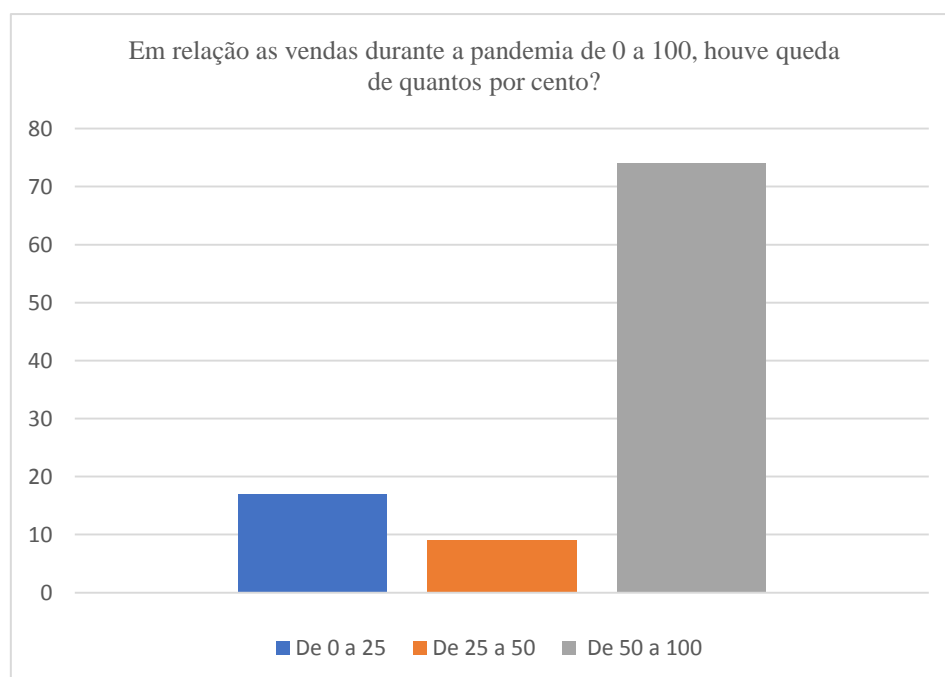
Gráfico 4- Está conseguindo manter as vendas durante a crise do corona vírus?



Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

A queda nas vendas nesse período chegou a 74% durante a pandemia como mostrado no gráfico (5), 37,1% estão parcialmente, e apenas 8,6% conseguem manter as vendas.

Gráfico 5- Em relação as vendas durante a pandemia de 0 a 100 houve queda de quantos por cento?



Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

O gráfico (6), mostra parcialmente o número de pessoas que tiveram que utilizar de estratégias para conseguir ter sucesso nas vendas e não ficar no vermelho. 40%

disseram que sim e 60% disseram que não. Podemos refletir que as estratégias de vendas, são de grande importância para o crescimento de qualquer categoria comercial, e é o que se diferencia de uma empresa para outra, com os objetivos de manter clientes fiéis e conquistar novos (FIGUEIREDO, 2016).

Figura 6- Teve que criar estratégia para conseguir vender?

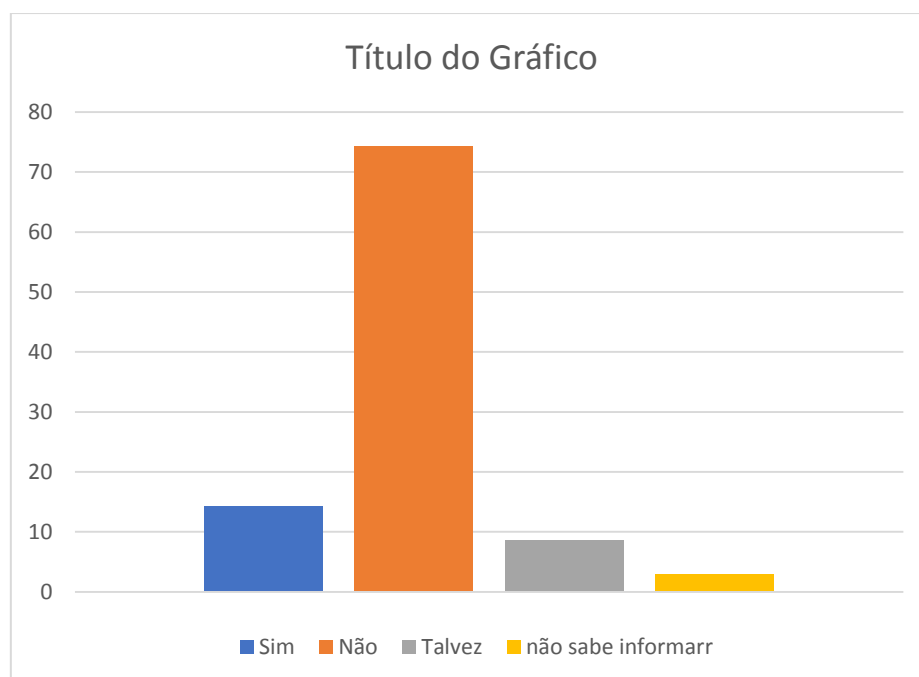


Fonte: Dados da Pesquisa (2021)

Quando perguntado se houve melhora nas vendas no gráfico (7), 74,3% responderam que não houve melhora nesse período de um ano. 14, 3% sim, 8,6% Talvez e 2,9% não souberam informar. Segundo Bernardes (2020), o atual contexto vive um período de pandemia que atinge tanto as pequenas como as grandes empresas, pois

passaram grande parte do tempo de portas fechadas, em grande número houve falência e poucos ramos tiveram ganhos.

Figura 7- Houve melhora nas vendas após o início do período de vacinação?

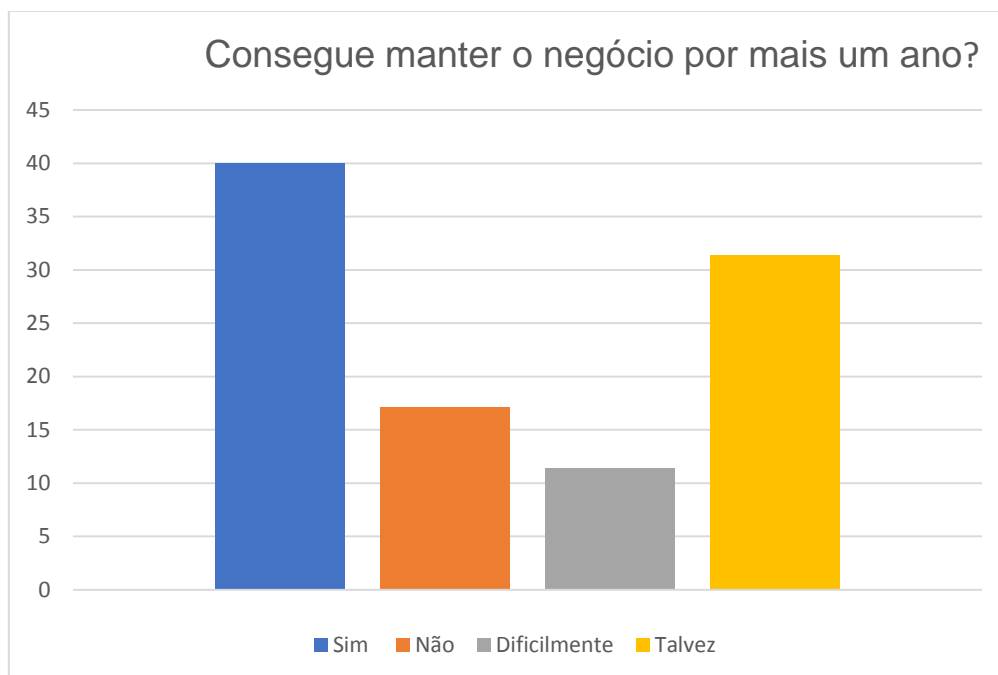


Fonte: Dados da Pesquisa (2021)

Muitas empresas vivem a incertezas nesse período, se irá dar continuidade ou não, sabe-se com a vacinação em massa há uma possibilidade de melhora, porém o cenário ainda é crítico e número de contágios é alto. No gráfico (8), 40% conseguem manter o negócio por mais um se a situação assim permanecer, 17,1% não, 11,4%

dificilmente e 31,4% talvez. É necessário que as empresas antecipem estratégias e que se atentem em relação a continuação ou não de seu negócio, para que os prejuízos não aconteçam ou que pelo menos sejam pequenos (BERNARDES, 2020).

Gráfico 8- Diante de todas as restrições impostas pelo período pandêmico foi possível manter o negócio por mais um ano?

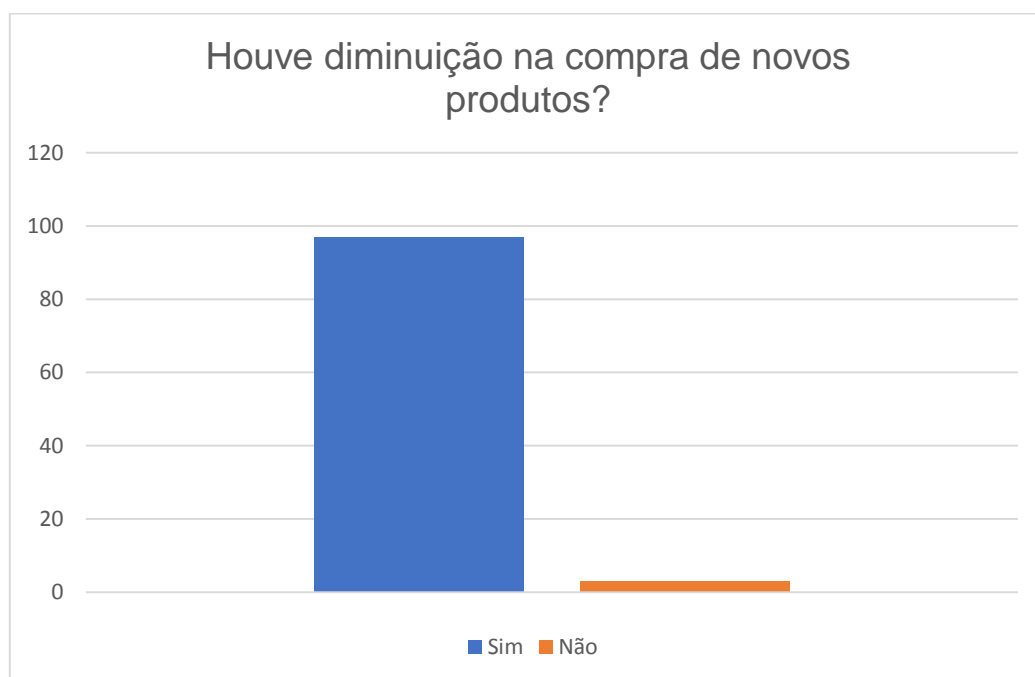


Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

No gráfico (9) é apontado a diminuição na compra dos produtos 97%, com a parada do turismo não há como renovar o estoque de produtos, pois os produtos não estão tendo saída. Em decorrência da pandemia algumas empresas tiveram

consequências nos setores de estoque, isso porque os produtos não estavam vendendo, para se ter noção antes ocorrido os armazéns que estocavam os produtos chegavam a 95 % de sua capacidade, agora com os números das vendas atual essa porcentagem despencou (BOLO, 2020).

Gráfico 9- Houve diminuição na compra de novos produtos?



Fonte: Dados da Pesquisa (2021)

Mesmo antes da pandemia algumas empresas já utilizavam as redes sociais para divulgar seus produtos, com o início da epidemia, os comerciantes, que antes não utilizavam as redes sociais para vender seus produtos, passaram a utilizar essa

ferramenta como estratégia para conseguir vender nesse período. como mostrado no gráfico (10), o número de pessoas que utilizam os meios tecnológicos é de 62,9% nesse período e 37,1% não utilizam esses meios para vender. A divulgação de produtos é uma estratégia inteligente para a competitividade atual, assim, divulgar é mostrar ao consumidor a relevância do produto e chamar a atenção dele, resultando no aumento das vendas, além disso é bom entrar em contato depois com o cliente para mostrar a importância do feedback (FIGUEIREDO, 2016).

Nota-se a importância na criação de estratégias, para dar continuidade aos negócios, utilizando recursos acessíveis tais como: redes sociais, que atualmente, todos têm acesso.

Figura 10- Chegou a utilizar ou está utilizando redes sociais para a divulgação dos produtos?



Fonte: Dados da Pesquisa (2021)

4.1 Análise das entrevistas com comerciantes da cidade de Bom Jesus da Lapa - BA

Por conta do atual momento de pandemia, foram feitas entrevistas com duas pessoas dos seguimentos de comércio de Bom Jesus da Lapa para além de entender a

importância compreender as consequências do momento pandêmico. Nesse intuito foi feito o seguinte questionamento: como está sendo para enfrentar a nova realidade no negócio em plena pandemia?

Os entrevistados relatam que está cada vez mais difícil lidar com a realidade atual, isso porque o fluxo de pessoas que utilizam o serviço caiu consideravelmente impactando drasticamente o comércio e a economia local e mundial. O entrevistado E1 ressalta:

Está sendo bem difícil, estamos passando aí por um momento crítico, praticamente dois anos sem trabalhar. (Entrevistado E1, 2021)

O entrevistados E2 Em consonância:

Estamos fechando no negativo!.(Entrevistado E2, 2021).

Houve uma queda no número de ocupações em hotéis, pousadas e demais hospedarias, a compra de produtos não essenciais tornou-se difícil, com a da pandemia tornou-se impossível, viagens, comemorações, celebrações, encontros, e assim, sucessivamente. Com mais de um ano de pandemia, as empresas buscam-se reinventar e manter seu negócio por mais tempo, por esse motivo, estratégias são criadas para que continuem suas atividades. Por essa razão, tenta-se entender: Como está sendo possível manter o empreendimento em plena pandemia?

Segundo E1:

Então, devido a esse momento crítico, a gente tem que tá adaptando né, buscando empreender e fazendo novos investimentos na área de marketing para melhor divulgação. (Entrevistado E1, 2021).

E2 acrescenta:

Nossa empresa não depende totalmente do turismo, por esse motivo consegue-se manter, não há estratégia! (Entrevistado E2, 2021)

Nessa perspectiva Holanda (2020) aponta que:

O atual momento é de pesquisa, planejamento e gestão de crise em todos os setores afetados com a pandemia da COVID-19. É preciso ações enérgicas e investimentos pontuais, com bom uso dos recursos

públicos, para reduzir o número de casos da COVID-19, ampliar e aperfeiçoar a condição de atendimento nos hospitais e postos de saúde e seguir os novos protocolos de biossegurança. O mundo continua preocupado em salvar vidas. Por outro lado, é fundamental repensar a retomada econômica das cidades, e o setor de Turismo possui uma grande parcela de contribuição nesse aspecto. Os planejadores turísticos precisam repensar as suas ações, adaptar-se ao contexto, ser criativo, fazer planejamentos colaborativos, inserir os residentes no processo de planejamento, definir perfis de turistas almejados, elaborar novos roteiros e aperfeiçoar os existentes, despertar imaginários sobre o destino. (p.14)

Nesse aspecto, as cidades que tem turismo religioso em grande maioria depende exclusivamente do capital resultante dela, é onde entra o papel do estado com medidas de auxílio econômicos para a subsistência dos envolvidos, e também repensar uma importante retomada desse gerador econômico, mas que seja de forma segura.

5 Considerações Finais

O intuito dessa pesquisa foi entender a importância do turismo religioso para a população lapense, que desde março de 2020, não só na cidade como também no mundo todo, foi atingida pelo novo corona vírus possibilitou entender tanto a importância, quanto o impacto que causou no comércio da cidade e dessa forma, saber se estes utilizaram estratégias para continuar com o negócio. Foi aplicado um questionário com 35 pessoas, dentre elas, vendedores ambulantes e de barracas e entrevista com dois comerciantes, escolhidos por trabalhar diretamente com o turismo religioso para responder a seguinte questão: Compreender a importância do turismo religioso para Bom Jesus da Lapa-Ba e quais as consequências e estratégias utilizadas para movimentar o mercado da mesma, com a nova realidade? essa investigação constatou que o turismo religioso é de total importância para Bom Jesus da Lapa-Ba e para todos os habitantes seja de maneira direta ou indireta, pois é o fator que movimenta a economia. Ademais boa parte desses seguimentos comerciais sofreram consequências drásticas em decorrência da pandemia. Partes do público que responderam o questionário assinalaram que utilizam estratégias nesse período para manter as vendas. O turismo religioso é um grande gerador de empregos para a cidade, famílias inteiras dependem dele para o sustento, em período de romaria quando o aumentam o fluxo de

peessoas na cidade, esses comerciantes de barracas costumam contratar pessoas para conseguir atender o público intenso. Mesmo que de forma indireta, outros setores necessitam do turismo, pois com esse aumento de pessoas, consequentemente outros serviços serão utilizados. A pandemia trouxe consequências como: Empresas fechando no vermelho, pois com a quantidade menor de pessoas na cidade, pessoas foram demitidas, isso traz malefícios para a economia local. Quando observado o período antes e pós pandemia, é notória diferença, em todos os setores tanto nas empresa e para os vendedores ambulantes, por ser uma cidade turística mesmo que não exista uma estratégia para as vendas, sempre havia público para comprar, após a pandemia, com a queda do turismo houve diminuição de compra. Em suma, por conta dos impactos provocados pela pandemia, os comerciantes tiveram que criar estratégias para conseguir manter sua renda, de acordo com a pesquisa, um dos métodos utilizados pelos autônomos foi a divulgação dos produtos nas redes sociais, além disso, uma outra parte optou por outras atividades remuneradas muitos optaram por realizar outra atividade, para conseguir sustentar-se.

Diante do exposto nota-se a importância do turismo religioso na cidade e as consequências que geradas por sua parada, é fundamental aprofundar-se no assunto que irá servir de base para futuras pesquisas voltados para esse setor necessário para toda sociedade, que enfrenta dificuldades geradas pelo vírus do covid-19, em que há poucos estudos na área.

Referências

ALMEIDA, Lorrana Laila Silva de; ENOQUE, Alessandro Gomes; JÚNIOR, Antônio de Oliveira. **Turismo religioso como fonte de desenvolvimento local: um estudo acerca da produção do espaço urbano a partir da prática turística religiosa.** Marketing & Tourism Review. v. 4 n. 2 (2019): v.4, número 2. 2019 Disponível em: <<https://revistas.face.ufmg.br/index.php/mtr/article/view/5538>>.

ARDIGÓ, Carlos Marcelo; et al. O turismo religioso e o processo de comunicação de marketing: um estudo do santuário de santa paulina em nova trento – sc. **Revista Turismo - Visão e Ação - Eletrônica, Vol. 18 - n. 2 - mai. - ago.** 2016. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=261056060007>>

ARAÚJO, Manoel Antônio Oliveira; JESUS, Samira Nayara Gonçalves de; PIRES, Paulo Fernando de Oliveira. Hotelaria: práticas gerenciais em empreendimentos da

cidade de Bom Jesus da Lapa. **Caderno de Ciências Sociais Aplicadas**. Bom Jesus da Lapa, 2016.

AZEVEDO, Denio Santos; HOLANDA, Francisco Sandro Rodrigues; LIBERATO, Mônica Maria. Impactos da pandemia da Covid-19 nos Empreendimentos Turísticos de Aracaju/Sergipe/Brasil. *Revista Interdisciplinar em Cultura em Sociedade. (RICS)*, São Luís, v. 6, n. 2, p. 209-226, jul./dez. 2020. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/view/15825>.

BAUER, M W. GEORGE G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som** -13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BESSA, Thiago. **Encontro da embratur discute turismo religioso em Juazeiro do Norte**. pousadasombradojua.com.br. 2015. Disponível em: <https://www.pousadasombradojua.com.br/encontro-da-embratur-discute-turismo-religioso-em-juazeiro-do-norte/> Acessado em: 07/05/2021.

BERNARDES, Juliana Reis; LIMA, Thais Cristina Pereira; SILVA, Bárbara Letícia de Souza. **Os impactos financeiros da covid-19 nos negócios**. Revista da FAESF, vol.4. Número especial COVID 19, 2020. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://www.faesfpi.com.br/revista/index.php/faesf/article/download/115/101&ved=2ahUKEwi3kNOoye3wAhWcHbkGHbUDDWUQFjAAegQIBhAC&usq=AOvVaw0mGOgQ9Ab1TXzfTadoLhzY&cs=hid=1622246053827>.

BOLO, Gianni Arnold Pasache. **O Impacto do Covid 19 nos Processos de Distribuição**. 2020. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://engemausp.submissao.com.br/22/arquivos/333.pdf&ved=2ahUKEwjT7t-Vy-3wAhWqHbkGHbzaBaoQFjAAegQIBRAC&usq=AOvVaw2ia9JC42BQyhV2tEKCNO ns>.

BRISOLA, Elisa Maria Andrade; MARCONDES, Nilsen Aparecida Vieira. Análise por Triangulação de métodos: Um Referencial Para Pesquisas Qualitativas. *Revista Univap* – revista.univap.br. São José dos Campos-SP-Brasil, 2014. Disponível em: <https://revista.univap.br/index.php/revistaunivap/article/view/228>.

COSTA, Luciane Cunha da; PEREIRA, Tatiane Moraes; RIBEIRO, Roberto Pazos; SANTOS, José Roberto Araújo dos. Turismo religioso: análise e tendências. **V Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo**. Belo Horizonte, 2008.

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa social**. – Petrópolis, Rio de Janeiro: vozes 1994.

DIAS, Isabel Nunes. Turismo Cultural e Religioso no Distrito de Coimbra: **Mosteiros e Conventos: Viagem entre o Sagrado e Profano**. Coimbra, 2010.

- FIGUEIREDO, Ana Carolina Gimenes. et.al. **Estratégia de vendas**: um estudo de caso na cooperativa de trabalho médico UNIMED de Lins/SP. Revista científica do Unisalesiano. São Paulo, 2016. Disponível em:
<https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.salesianolins.br/universitaria/artigos/no15/artigo126.pdf&ved=2ahUKEwujpbKw1-3wAhUSD7kGHU33C3YQFjAAegQIAxAC&usg=AOvVaw1bgSRuWWu-7sSmn0DuvEy7>.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- KHATIB, Ahmed Sameer El. **Economia versus epidemiologia**: uma análise do tradeoff entre mercados e vidas em tempos de covid-19. São Paulo, 2020.
- MANZINI, Eduardo José. Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em educação. **Revista percurso**. Maringá, 2012.
- MARCONI, M. De A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.
- MINAYO, M. C. S. (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: vozes, 1995.
- NOGUEIRA, Iannic Costa. **Eventos religiosos como promotores de desenvolvimento Regional** - o caso de Juazeiro do norte. 2013. 87 f. TCC (graduação em Ciência Econômicas) - Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Fortaleza-CE, 2013.
- PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. O conceito histórico de desenvolvimento econômico. **Fundação Getúlio Vargas**. 2006. Disponível em:
<<http://www.bresserpereira.org.br/papers/2006/06.7-conceitohistoricodesenvolvimento.pdf>>
- PEREIRA, Maria C. **A mobilidade urbana e o turismo religioso em Juazeiro do Norte/Ceará**. Jus, 2015. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/36874/a-mobilidade-urbana-e-o-turismo-religioso-em-juazeiro-do-norte-ceara>>.
- PINTO, Andrei Guimarães . **O turismo religioso em Aparecida (SP): aspectos históricos, urbanos e o perfil dos romeiros**. Rio Claro, São Paulo: 2006.
- RIBEIRO, Cristiane Menezes. **Turismo Religioso: Fé, Consumo E Mercado**. E-Revista Facitec, v.5, n.1, Art.6, ago-dez 2010. Disponível em:
<http://www.facitec.br/erevista/index.php?option=com_content&task=view&id=9&Itemid=2>.
- RODRIGUES, Juliana. **Romaria de Bom Jesus da Lapa é tema de encontro na Câmara de Vereadores**. sudoestebahia.com. 07/06/2019. Disponível em:

<<https://www.sudoestebahia.com/noticias/24093-2019/06/07/romaria-de-bom-jesus-da-lapa-e-tema-de-encontro-na-camara-de-vereadores>> Acessado em: 06/04/2021.

SANTOS, Jonas Félix e; SEVERO, Fágner Evangelista. **Marketing e turismo religioso: as influências da fé cristã na economia de camboriú e nova trento-sc.** Santos, São Paulo. 2018.

SILVA, Kely Cristina Mendes da. **A importancia do Turismo para o desenvolvimento econômico para o estado do Espírito Santo.** Vitória, 2004.

Disponível em:

<<https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://observatoriodoturismo.es.gov.br/Media/observatorio/Publicacoes/Outras/Monografias/KELYCRISTINAMENDESASILVA.pdf&ved=2ahUKEwjv1pa53e3wAhVNFrkGHfkLAZUQFjAAegQIAxAC&usg=AOvVaw04qj0slYjztxxfB8BORRNv>>.

SITE SCTURISMO.COM.BR. **Nova Trento.** 04/08/2019. Disponível em:
<<https://www.scturismo.com.br/nova-trento/>> Acessado em: 08/04/2021.

SITE VEJA.ABRIL.COM.BR. **Romaria de Aparecida.** 12/10/2012. Disponível em:
<<https://veja.abril.com.br/galeria-fotos/romaria-de-aparecida/>> Acessado em:
06/04/2021.

STEIL, Carlos Alberto. **Romeiros e turistas no santuário de Bom Jesus da Lapa.** Porto Alegre. 2003.

O QUE HÁ DE NOVO NO NEO-HUMANISMO? A FILOSOFIA TRANSMODERNA E DESCOLONIAL DE P.R. SARKAR

Marco Oliveira⁴⁷

RESUMO

O neo-humanismo é uma filosofia idealizada pelo eminente pensador indiano Prabhat Ranjan Sarkar que promove tanto uma revisão quanto uma reformulação do humanismo clássico, e que assim pode ser caracterizado como um modo de pensar e agir ao mesmo tempo transmoderno, por renovar os fundamentos da modernidade a partir de uma posição de alteridade, e descolonial, por desconstruir as bases da colonialidade a partir de uma condição de subalternidade. Com o seu discurso visionário e até revolucionário, o neo-humanismo então se configura como *outra* forma de conhecimento, um pensamento “outro”, a expressão renovada da epistemologia tântrica – ou da ciência de yoga milenar – a partir da qual foi concebido e elaborado como filosofia primordialmente espiritual, e profundamente mística.

Palavras-chave: neo-humanismo. Prabhat Ranjan Sarkar. transmodernidade. descolonialidade. humanismo.

WHAT'S NEW IN NEOHUMANISM? THE TRANSMODERN AND DECOLONIAL PHILOSOPHY OF P.R. SARKAR

ABSTRACT

Neo-humanism is a philosophy developed by the eminent Indian thinker Prabhat Ranjan Sarkar that promotes both a revision and a reformulation of classical humanism, and that can thus be characterized as a way of thinking and acting which is at the same time transmodern, for renewing the foundations of modernity from a position of alterity, and decolonial, for deconstructing the bases of coloniality from a condition of subalternity. With its visionary and even revolutionary discourse, neo-humanism thereby represents another form of knowledge, an “other” thinking, the renewed expression of the tantric epistemology – or ancient science of yoga – from which it was conceived and elaborated as a primarily spiritual and profoundly mystical philosophy.

Keywords: neohumanism. Prabhat Ranjan Sarkar. transmodernity. decoloniality. humanism.

¿QUÉ HAY DE NUEVO EN EL NEO-HUMANISMO? LA FILOSOFIA TRANSMODERNA Y DESCOLONIAL DE P.R. SARKAR

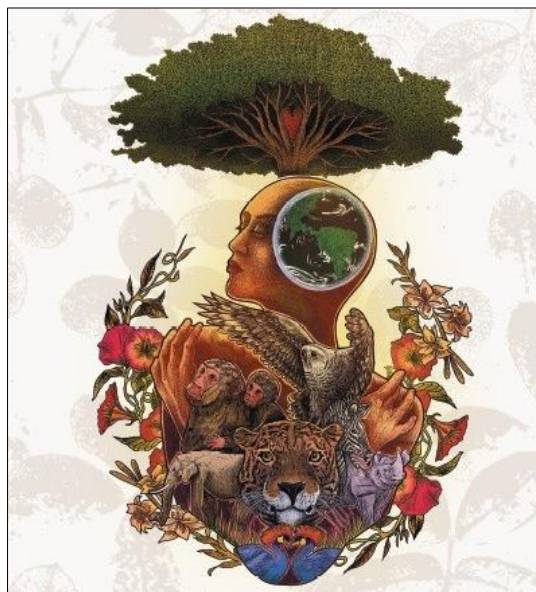
RESUMEN

El neohumanismo es una filosofía desarrollada por el eminente pensador hindú Prabhat Ranjan Sarkar que promueve tanto una revisión como una reformulación del humanismo clásico y que puede, así, definirse como una forma de pensar y actuar a la vez transmoderna, por renovar los fundamentos de la modernidad desde una posición de alteridad, y decolonial, por desconstruir las bases de la colonialidad desde una condición de subalternidad. Con su discurso visionario e incluso revolucionario, el neohumanismo se configura, entonces, como otra forma de conocimiento, un pensamiento “otro”, la expresión renovada de la epistemología tântrica —o la

⁴⁷ Maior titulação. Profissão. Instituição (SIGLA). Município. Estado. País. E-mail.

antigua ciencia del yoga—, a partir de la cual fue concebido y elaborado como una filosofía primordialmente espiritual y profundamente mística.

Palabras clave: neo-humanismo. Prabhat Ranjan Sarkar. transmodernidad. decolonialidad. humanismo.



*sam'gacchadvam' sam'vadadhvam'
sam'vomanam' si janatam
devabhagam' yatha' purve
sam'jana'na' upa'sate
sam'ani va' akuti
sama'na hridayani vah
sama'nama'stu vomano
yatha vah susaha'sati*

— Rg Veda 10-191⁴⁸

O neo-humanismo é uma filosofia idealizada pelo eminente pensador indiano Prabhat Ranjan Sarkar (1921-1990), mais conhecido como o mestre espiritual e guru tântrico Shrii Shrii Ánandamúrti (“a personificação da bem-aventurança”). Fundador da

⁴⁸ Imagem retirada da capa de uma edição do livro *A liberação do intelecto: Neo-humanismo*. Significado do mantra: “Movamo-nos unidos,/ Irradiemos um só pensamento,/ E conheçamos nossas mentes juntos,/ Compartilhemos nossas riquezas, como os sábios antigos/ Para que todos desfrutem do universo,/ Que nossas aspirações estejam integradas./ Que nossos corações se tornem inseparáveis./ Que nossas mentes formem uma mente única,/ Para que convivamos em harmonia e/ Alcancemos a união com o supremo”. (Fonte: <http://brasil.anandamarg.org/mantras.php>)

organização sócio-espiritual Ananda Marga, cujo lema em sânscrito – *Atma moksartham jagat hitaya ca* – significa “autorrealização e serviço à humanidade”, Sarkar elaborou alguns dos princípios do neo-humanismo no livro *A Liberação Do Intelecto – Neo-humanismo (Liberation of Intellect – Neo-Humanism, 1982)*, volume composto de uma série de discursos elucidando o tema em questão. Baseado em uma espécie de amor universal (*universalis* = relativo ao universo, ao todo) e radical (*radicalis* = relativo à raiz, à origem), o neo-humanismo promove tanto uma revisão quanto uma reformulação do humanismo clássico, e assim pode ser caracterizado como um modo de pensar e agir ao mesmo tempo transmoderno, por renovar os fundamentos da modernidade a partir de uma posição de alteridade, e descolonial, por desconstruir as bases da colonialidade a partir de uma condição de subalternidade.



Conforme o nome já indica, o neo-humanismo foi basicamente definido pelo próprio Sarkar como uma continuação ou extensão do projeto humanista:

[...] quando o espírito subjacente ao Humanismo é estendido a todas as coisas deste universo, animadas e inanimadas –, a isso eu denominei “Neo-Humanismo”. Esse Neo-Humanismo elevará o Humanismo ao Universalismo, o culto do amor por todos os seres criados deste universo. (2020, p. 6-7)

O humanismo, por sua vez, foi um movimento renascentista baseado no conceito romano de *humanitas*, elaborado pelo filósofo Cícero, e correspondia em parte ao

conceito grego de *paideia* (educação), que na antiguidade se referia ao sistema clássico de ensino caracterizado pelo estudo de disciplinas como a filosofia, a gramática, a retórica, a música, a matemática, a geografia, a história natural e até a ginástica, todas visando a formação do cidadão completo e perfeito. Já o *humanitas*, que se relaciona aos termos atuais *humano* e *humanidade*, diz respeito ao desenvolvimento das virtudes e da ética-moral, promovendo o equilíbrio entre o pensamento e a ação, por um lado, e entre o individual e o social, por outro. Durante o Renascimento, quando a inteligência europeia (re)descobriu a literatura clássica greco-romana, os *studia humanitatis* ou “estudos da humanidade” (res)surgiram através de disciplinas como a gramática, a retórica, a poesia, a história e a filosofia moral, que posteriormente formariam a base do currículo das chamadas “humanidades” ou “ciências humanas” nas universidades modernas e contemporâneas. Fundado no conceito de *humanitas*, portanto, o humanismo sempre deu ênfase à educação para a formação plena e integral do ser humano, com todas as suas qualidades.

Assim como no humanismo clássico, tanto o “estudo” quanto a “razão” (ou a “lógica”) são fundamentais para o neo-humanismo elaborado por Sarkar, que considera o estudo como “análise intelectual intensiva”, ou a “assimilação interna, a assimilação subjetiva de acontecimentos objetivos” (*Ibidem*, p. 69). Para Sarkar há, de fato, dois tipos de estudo, ambos igualmente importantes e necessários: o textual (i.e. a partir da leitura) e o não-textual (i.e. a partir da escuta e da interpretação do mundo material). Em suma, segundo Sarkar, “a importância do estudo é tremenda” e o “conhecimento deve ser disseminado por todos os segmentos da sociedade”, não apenas “para que todos possam julgar tudo à luz da verdade”, mas também para que “desfrutem do doce sabor da liberdade intelectual” (*Ibidem*, p. 72-74). Se o primeiro “passo” para o estabelecimento do neo-humanismo seria o estudo, o segundo seria a “mentalidade racionalista”, criada a partir da “análise racional” dos aspectos ditos positivos e negativos do conhecimento e da “decisão lógica” sobre a sua eventual implementação ou não em prol do bem-estar universal (*Ibidem*, p. 74-75). Ao completar esse processo de “raciocínio lógico”, o ser humano finalmente conseguiria despertar a sua consciência (*Ibidem*, p.76). De acordo com Sarkar, em termos expressamente (neo-)humanistas, “esse estado de consciência desperta é o que se chama de ‘mentalidade racionalista’”.

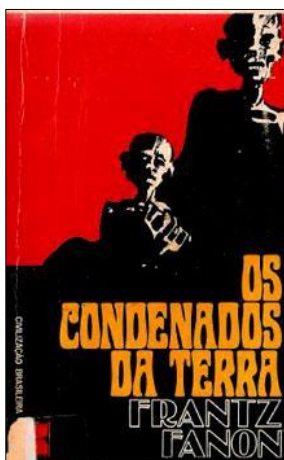
Na esteira da “Idade das Trevas”, assim denominada pelos próprios humanistas, o humanismo renascentista, almejando o universal, partia da formação individual para a transformação social à luz da Razão, inicialmente na Europa e posteriormente ao redor do mundo, através da sua pretensa missão civilizatória. Infelizmente, esse humanismo assumidamente iluminado sofria do que Sarkar chamaria de “geo-sentimento” (i.e. a identificação com um determinado local geográfico) e de “sócio-sentimento” (i.e. a identificação com um determinado grupo sociológico), enquanto o seu universalismo presumidamente civilizado refletia um eurocentrismo predominantemente *branco, macho e cristão* que conquistava o(s) espaço(s) e o(s) tempo(s) das Américas, da África, da Ásia e até da Oceania através do imperialismo e do colonialismo estabelecidos durante a Modernidade, instaurada a partir do Renascimento dos séculos XV-XVI e instituída a partir do Iluminismo dos séculos XVII-XVIII. De forma contraditoriamente desumana, os *outros* seres humanos foram ora desclassificados como não humanos, ora classificados como sub-humanos pelo que Sarkar chamaria de “pseudo-humanismo”, como nos casos dos ameríndios exterminados e/ou aculturados, os africanos escravizados e/ou discriminados e os asiáticos explorados e/ou exotizados.

Ao desvendar ou desmascarar esse lado “escuro” da modernidade, como diria o semiólogo argentino Walter Mignolo (2017), o conceito de transmodernidade elaborado pelo filósofo argentino Enrique Dussel (2016), entre outros, busca transcender (ou descolonizar) a retórica de uma única modernidade eurocêntrica e universal para então realizar (ou imaginar) uma modernidade descentrada e pluriversal. A partir dessa relativamente nova e determinadamente outra perspectiva transmoderna e descolonial, o humanismo revela-se como “uma ideologia mentirosa, a requintada justificação” do colonialismo, segundo escreve o filósofo existencialista francês Jean-Paul Sartre no prefácio do livro *Os condenados da terra (Les Damnés de la Terre, 1961)* escrito pelo psiquiatra martiniquenho Frantz Fanon, intelectual e militante do movimento de descolonização (1968, p. 16-17). Esse falso ou *pseudo* humanismo inerente às diversas formas do imperialismo/colonialismo integraria à chamada “colonialidade de poder”, conceito elaborado pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano (2005), uma “matriz” que por sua vez constituiria a base da modernidade e do sistema global atual. Através da descolonização, que na verdade seria a “criação de homens novos” (*Ibidem*, p. 26),

Fanon deslumbrava a formação ou o surgimento de um “mundo novo” (*Ibidem*, p. 33) e até de uma “nova humanidade”:

Esta nova humanidade, para si e para os outros, não pode deixar de definir um novo humanismo. Nos objetivos e nos métodos da luta está prefigurado esse novo humanismo. Um combate que mobiliza todas as camadas do povo, que exprime as intenções e as impaciências do povo, que não receia apoiar-se quase exclusivamente nesse povo, é necessariamente triunfante. O valor de tal tipo de combate reside no fato de que ele cria o máximo de condições para o desenvolvimento e a invenção culturais. (*Ibidem*, p. 205)

Assim, pela perspectiva descolonial de Fanon e do seu outro e “novo” humanismo, a “grande noite em que estivemos mergulhados” se transformaria no “dia novo que já desponta [e que] deve encontrar-nos firmes, avisados e resolutos” (*Ibidem*, p. 271).



Ainda na perspectiva descolonial que ganhou força a partir dos anos 60, surgiu o neo-humanismo proposto por Sarkar, que de certo modo ecoa os pensamentos e sentimentos de Fanon ao dizer que “[i]ndependentemente do grau de escuridão cimeriana, a aurora carmesim virá em seguida” (2016, p. 42). De fato, o neo-humanismo de Sarkar constitui uma crítica implícita ao (pseudo-)humanismo caracterizado por complexos de inferioridade da parte dos colonizados e complexos de superioridade da parte dos colonizadores. Segundo Sarkar, estes “perpetuam a exploração na esfera social

injetando um complexo de medo nas mentes das pessoas que desejam explorar” (2020, p. 45). O propósito dessa “injeção” do complexo de inferioridade nas mentes dos colonizados seria evidentemente a exploração em suas múltiplas formas, principalmente a psíquica (ou psicológica) mas também a econômica, política e cultural. A história mundial assim demonstraria que “sempre quando um grupo explorava outro na esfera econômica, eles primeiro criavam exploração psíquica pela infusão de complexos de inferioridade nas mentes da massa explorada” (*Ibidem*, p. 48). Em outras palavras, haveria de se constatar que “em cada caso de exploração econômica, a exploração psíquica foi a base”. No final das contas, seja no capitalismo, seja no (neo-)colonialismo, a história da humanidade assim se resumiria, no olhar de Sarkar, a “uma tentativa contínua e ardilosa de criar complexos de inferioridade nas mentes dos explorados”.

Ao mesmo tempo em que representa um propósito descolonial, o neo-humanismo também apresenta uma proposta explícita para um outro e novo humanismo que não apenas renova a versão clássica mas também inaugura uma versão transmoderna, uma filosofia excêntrica e marginal, por um lado, e intercultural e global, por outro. Na visão de Sarkar, cuja perspectiva é tão oriental e tradicional quanto cosmopolita e contemporânea, estamos atualmente no limiar de uma nova era, a “era do Neo-humanismo”:

Então a nossa é a era do Neo-humanismo – o humanismo provendo elixir para cada um e para todos. Nós somos para todos, e com tudo existente temos que construir uma nova sociedade, uma sociedade Neo-humanista” (SARKAR, 1987, p. 221-222 [tradução livre]).

Assim como o chamado novo humanismo de Fanon caracterizaria uma nova humanidade “para si e para os outros”, o neo-humanismo de Sarkar seria “para cada um e para todos”. Enquanto o primeiro mira “o desenvolvimento e a invenção culturais”, o segundo visa “construir uma nova sociedade”. Finalmente, e guardadas as respectivas diferenças, ambos preveem a necessidade de “combate” ou “luta”, tanto exterior quanto interior, para o advento de uma “nova” cultura ou sociedade. Se para Fanon o combate é tanto físico quanto psicológico, pois além do uso de força para a emancipação do corpo há o emprego de esforço para a descolonização da mente, para Sarkar a luta é tanto espiritual quanto material, pois além da libertação da mente dos seus “inimigos”

(*śadripu*) internos e das suas “amarras” (*aśtapasha*) externas há a revolução sócio-econômica e político-cultural. Em última análise, como afirma Sarkar: “lutar é a essência da vida”, enquanto a “paz é o resultado da luta” (ÁNANDAMÚRTI, 2016, p. 21 e 24).

De uma forma ou de outra, e assim como no humanismo, a formação cultural tem uma função significativa na sociedade neo-humanista idealizada por Sarkar, que criou um departamento na Ananda Marga especificamente voltado para a difusão da literatura e das artes: a Renaissance Artists and Writers Association (RAWA), cujo nome já remete ao humanismo renascentista. O próprio Sarkar pode ser considerado um “homem renascentista”, ou então um *homo universalis* (“homem universal”), pois além de discursar sobre a filosofia, linguística, psicologia, biologia, ecologia, sociologia, história, política, economia, etc. compôs uma coleção de mais de cinco mil canções chamada de *Prabhát Samgiita* (Canções da Nova Aurora), várias das quais abordam temas neo-humanistas. Inclusive, a terceira canção da série, a “Navyamánavatáder Giita”, é justamente a “canção do neo-humanismo”. No campo específico das artes e da literatura, Sarkar também aprofundou a denominada ciência supra-estética e discorreu sobre a literatura (*sáhitya*), cuja característica seria o “caminhar juntos”, ou “mantendo-se lado a lado no curso da vida” (2016, p. 1). Para o filósofo indiano, um (neo-)humanista por excelência, a literatura não seria “uma criação do estrato superficial da vida social nem o encanto pitoresco de qualquer fantasia”, mas seria “o retrato real da vida — uma expressão externa dos mecanismos internos da mente — uma corajosa e poderosa expressão dos anseios oprimidos do coração humano”. Para fazer jus ao seu papel tanto artístico quanto social, a literatura deve assim “se manter num ritmo que dita o curso dinâmico da sociedade”. Mas ainda haveria outro modo de interpretar a palavra *sáhitya*, de acordo com Sarkar: “*sa + hita = hitena saha*, ou seja, ‘aquilo que coexiste para o bem-estar (*hita*)’”. Desse forma, a literatura seria uma arte “que conduz os seres humanos à verdade absoluta”, o que também aproxima o neo-humanismo transmoderno e descolonial do humanismo clássico e renascentista.



Além da criação cultural, o desenvolvimento social também é parte fundamental do neo-humanismo, cuja realização universal dependeria da implementação de uma nova teoria socioeconômica. Para esse fim, Sarkar concebeu o sistema revolucionário de PROUT, sigla para a Progressive Utilization Theory (Teoria de Utilização Progressiva), expressamente elaborada e propagada para a felicidade e o bem-estar de toda a humanidade. Idealizada como uma espécie de “terceira via” ou alternativa tanto ao capitalismo quanto ao comunismo, dois sistemas igualmente (neo)colonialistas e evidentemente defeituosos, a PROUT visa a “democracia econômica” e não apenas política através da “utilização máxima” e da “distribuição racional” de todo o potencial dos recursos do mundo e dos indivíduos e grupos que compõem a sociedade humana. Os princípios básicos da teoria estabelecem que as necessidades mínimas de determinada época deveriam ser garantidas para todos, que o eventual lucro deveria ser distribuído aos indivíduos de acordo com critérios de mérito, que o sucesso socioeconômico só deveria ser avaliado pelo aumento do padrão mínimo de vida e que nenhum indivíduo deveria poder acumular nenhuma riqueza física sem o aval da sociedade (Cf. ÁNANDAMÚRTI, 2007).



Através de iniciativas como a RAWA e teorias como a PROUT, que efetivamente abordam e abarcam as ciências humanas e sociais, Sarkar assentou as bases para um *novo, outro* renascimento fundamentado no neo-humanismo, uma filosofia universalista que representaria não apenas uma revisão e reformulação, mas também uma renovação e superação do humanismo clássico, especialmente no que se refere ao referido pseudo-humanismo “distorcido”. Nas próprias palavras de Sarkar:

O que é Neo-Humanismo? Neo-Humanismo é o Humanismo do passado, o Humanismo do presente e o Humanismo em nova explicação – do futuro. Explicar “Humanidade” e “Humanismo” sob uma nova luz alargará o caminho do progresso humano – vai torná-lo mais fácil de trilhar. O Neo-Humanismo dará uma nova inspiração e fornecerá uma nova interpretação do próprio conceito de existência humana. Ele ajudará as pessoas a entenderem que os seres humanos, sendo os seres mais ponderados e inteligentes deste universo criado, terão de aceitar a grande responsabilidade de cuidarem de todo o universo – terão de aceitar que essa responsabilidade pelo universo inteiro cabe a eles. (2020, p. 93-94)

Assim como “não há nada novo sob o sol”, de acordo com o livro bíblico Eclesiastes, aparentemente não há nada de novo no neo-humanismo, definido por Sarkar como o próprio humanismo “em nova explicação e propagado em nova maneira”. No entanto, o neo-humanismo é claramente uma filosofia tão nova quanto antiga, que defende a extraordinariedade do ser humano e que aspira libertá-lo de “todos os sentimentos de inferioridade e defeitos”, assim o inspirando a construir um “novo mundo” (*Ibidem*, p. 94). Uma vez que se considere que o mundo atual se encontra em plena crise político-econômica e na beira de um catástrofe socioambiental iminente, e sem precedentes, há de reconhecer que “os seres humanos de hoje estão seguindo um caminho defeituoso” e que existe uma “necessidade urgente de uma mudança de rumo” (*Ibidem*, p. 98). Talvez o “único remédio” seja mesmo o neo-humanismo, como afirma Sarkar, lato ou stricto senso. Ao reforçar que a essência humana é na verdade divina e não difere da essência animal, vegetal e mineral, o neo-humanismo então propõe que a mesma consciência, a mesma energia imaterial e transcendental, está presente e imanente em tudo, todas e todos, e que a sua base é o amor. Com esse discurso visionário e até revolucionário, o neo-humanismo definitivamente se configura como *outra* forma de conhecimento, um pensamento “outro”, a expressão renovada da

epistemologia tântrica – ou da ciência de yoga milenar – a partir da qual foi concebido e elaborado como filosofia primordialmente espiritual, e profundamente mística:

[D]e acordo com o Neo-Humanismo, a meta definitiva e suprema é fazer com que o núcleo existencial individual da pessoa coincida com o Núcleo Existencial Cósmico (*nádabindu yoga*, na linguagem do *Tantra*). Como resultado, a ordem existencial inteira do ser unitário se torna uma com o Núcleo Controlador da ordem existencial da Entidade Suprema da ordem cosmológica – e esta será a mais elevada expressão do Neo-Humanismo. Essa posição neo-humanista não salvará apenas o mundo humano, mas também os mundos vegetal e animal. Nessa posição neo-humanista suprema, a Humanidade universal atingirá a culminação da sua existência. Então, nada será impossível aos seres humanos; eles serão capazes de fazer toda e qualquer coisa. (*Ibidem*, p. 100)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁNANDAMÚRTI, Shrii Shrii. **Ánanda Sútram**. Tradução de Pradip Deva e Mayajit. Ananda Marga, 2007.

ÁNANDAMÚRTI, Shrii Shrii. **Coletânea de Ananda Vanii**. Tradução e revisão de Mayajit e Ganesh. Brasília, DF: Ananda Marga, 2016.

DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, janeiro/abril 2016. p. 451-73. Tradução de Rodrigo de Freitas Espinoza. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100004>>. Acesso em: 15 de agosto de 2021.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/fanon/1961/condenados/index.htm>>. Acesso em: 15 de agosto de 2021.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 32, n. 94, junho/2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.17666/329402/2017>>. Acesso em: 15 de agosto de 2021.

SARKAR, Shrii Prabhat Ranjan. **A liberação do intelecto** – Neo-humanismo. 2ª edição. Tradução de Mahadevii. Brasília, DF: Ananda Marga, 2020.

SARKAR, Shrii Prabhat Ranjan. A Prática da Arte e da Literatura. **A solução de alguns problemas**. Volume 1. Tradução de Marta Rodolfo Schmidt. Brasília – DF: Ananda Marga, 2016.

SARKAR, Shrii Prabhat Ranjan. **Neohumanism in a Nutshell: Part 2**. Calcutta: Ananda Marga Publications, 1987.

SARKAR, Shrii Prabhat Ranjan. **Prabha'ta Sam'giita** – Songs of Neohumanism. Calcutta: Ananda Marga Publications, 2013.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais** – perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142. Disponível em: bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf>. Acesso em: 15 de agosto de 2021.

BLOGS DE PETROLINA/PE E JUAZEIRO/BA E O TRATAMENTO DE PAUTAS RACIAIS

**Rute Almeida de Lima
Victória Santana Oliveira
Vitória Luísa V. A. da Silva
Céres Santos
Márcia Guena⁴⁹**

RESUMO

Este artigo apresenta parte dos resultados da pesquisa “A cobertura da questão racial nos *blogs* do Vale do São Francisco”, onde além de discutir definições sobre *blogs*, apresenta dados quantitativos sobre matérias publicadas no período de 1º de julho de 2019 a 31 de dezembro de 2019, sobre temas ligados a questão racial no Brasil nos *blogs* localizados nas cidades de Juazeiro/BA e Petrolina/PE. Nesse caso, foram objeto de estudo oito *blogs* de Petrolina e 10 de Juazeiro/BA. No total foram localizadas 122 matérias nos *blogs* de Petrolina e 113 em Juazeiro. O tema da pesquisa decorre do crescimento vertiginoso de *blogs* na região e da necessidade de termos dados sobre mídia e a questão racial recorrendo a agenda setting e a proposta de espiral do silêncio. Metodologicamente, esse artigo recorre ao Mapeamento Sistemático (MS), pesquisa quanti qualitativa e Análise de Conteúdo.

Palavras-chave: Racismo. Jornalismo. *Blogs*. Petrolina. Juazeiro.

BLOGS FROM PETROLINA/PE AND JUAZEIRO/BA AND THE RACIAL STAVE TREATMENT

ABSTRACT

This article shows a piece of the results from the research: "The approach of racial issues by blogs from the São Francisco Valley", where, besides discussing the definitions of blogs, it shows the quantitative data about the published news from July 1st 2019 to December 31th 2019, about topics related to racial issues in Brazil on the blogs placed in Juazeiro/BA and Petrolina/PE. On this specific situation, the objects of study were eight blogs from Petrolina/PE and ten from Juazeiro/BA. The amount of news that were found was 122 on the blogs from Petrolina and 113 on the blogs from Juazeiro. The research topic comes from a huge increasement on the amount of blogs that have been created and the need of having data about the media and the racial issues. Metodologicly speaking, this article runs through systematic mapping (SM), "quanty quantitative" research, Subject analysis and "silence spiral".

Keywords: Racism. Journalism. Blogs. Petrolina. Juazeiro.

BLOGS DE PETROLINA/PE Y JUAZEIRO/BA Y EL TEMA DE LAS CUESTIONES RACIALES

RESUMEN

Este artículo presenta parte de los resultados de la investigación “La cobertura de la cuestión racial en blogs del Vale do São Francisco”, donde además de discutir definiciones acerca de

⁴⁹ Coordenadora do Grupo RHECADOS

“blogs”, apresenta datos cuantitativos sobre artículos publicados en el período del 1 de julio. 2019 al 31 de diciembre de 2019, enfocados en temas relacionados con la cuestión racial en Brasil, en blogs ubicados en las ciudades de Juazeiro/BA y Petrolina/PE. En este caso se estudiaron ocho blogs de Petrolina/PE y 10 de Juazeiro/BA. En total, se encontraron 122 artículos en los blogs de Petrolina y 113 en Juazeiro. El tema de la investigación surge del vertiginoso crecimiento de los blogs en la región y la necesidad de datos sobre los medios y el tema racial. Metodológicamente, este artículo utiliza mapeo sistemático (MS), investigación cuanti-cualitativa, análisis de contenido y espiral de silencio.

Palabras clave: Racismo. Periodismo. Blogs. Petrolina. Juazeiro.

Introdução

As mudanças provocadas pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC's) têm gerado novas possibilidades e práticas tanto de produção de notícias, como na criação de novos mecanismos de divulgação imediata de notícias. Nesse sentido, os *blogs* têm dado uma nova dinâmica ao Jornalismo digital. Criado em dezembro de 1997 pelo norte-americano John Barger, os *blogs* se tornaram um fenômeno virtual que oferece aos/às internautas um espaço de expressão e comunicação através de imagens, *links* e informações. Essa ferramenta alcançou grande popularidade no ciberespaço sendo capaz de reconfigurar não apenas a realidade virtual como a indústria cultural, política e muitas outras áreas da produção do conhecimento e das relações sociais.

Voltados para os mais diversos fins, essa ferramenta oferece grandes possibilidades para que a cultura de massa possa produzir e circular informações com recursos mínimos e acessíveis. Estatísticas que variam em fontes como *Ibope/NetRatings*, *Intel* e outras apontam que há mais de 10 anos existiam cerca de seis milhões de *blogs* e nove milhões de usuários ativos no Brasil (LEMOS, 2009, p.11).

Importa compreender que tal como as demais mídias, os *blogs* também possuem linhas editoriais distintas, fundamentadas pelas identidades e compromissos com tendências ou grupos políticos. E identificar esses lugares de fala é fundamental para que se entenda as narrativas discursivas de cada um desses veículos.

A escolha do tema dessa pesquisa não foi aleatória. Deu-se em decorrência do crescimento vertiginoso de *blogs* nas cidades vizinhas de Juazeiro (BA) e Petrolina (PE), a exemplo do que já ocorre em todo o país. Na verdade, essa pesquisa fornece uma visão do cenário dos *blogs* nas duas cidades, onde os *blogs* são um instrumento abrangente, muitas vezes, priorizados por veículos jornalísticos e que carregam um

potencial singular de veiculação de ideias políticas que podem transformar a vida da população local.

Sendo assim, este artigo apresenta parte dos resultados da pesquisa “A cobertura da questão racial nos *blogs* do Vale do São Francisco”, coordenada pelas professoras Dras. Céres Santos e Márcia Guena dos Santos. O estudo analisa dados quanti-qualitativos de questões relacionadas ao racismo no Brasil nos *blogs* examinados, no período de 1º de julho de 2019 a 31 de dezembro de 2019, com a finalidade de identificar essas narrativas, bem como apresentar dados sobre a cobertura desse tema. No total foram analisados 18 *blogs*, oito de Petrolina/PE e 10 de Juazeiro/BA.

O artigo foi estruturado em duas partes: na primeira, apresentamos os marcos teóricos e metodológicos da pesquisa. É onde fazemos uma breve reflexão sobre a utilização dos *blogs* como estratégias do jornalismo na sociedade atual, fazemos reflexões sobre agenda *setting* e Espiral do Silêncio e tratamos sobre pesquisa quanti-qualitativa e Análise de Conteúdo. Na segunda etapa, apresentamos parte dos dados apurados, as análises desses materiais e as nossas Considerações Finais.

A utilização dos *blogs* como estratégia jornalística na sociedade contemporânea

No artigo “Da redação aos *blogs*: a busca por novos arranjos econômicos e alternativos ao trabalho jornalístico”, Nonato (2018) nos ajuda a entender os *blogs* como novas alternativas do trabalho jornalístico na atualidade e a identificar as ferramentas adequadas. Mas antes, precisamos entender que uma das primeiras popularizações dos *blogs* foi a sua utilização como diários pessoais, que por sua vez, era documentado por vários autores. Segundo Amaral *et. al* (2009), na atualidade, o uso de *blogs* com esta finalidade ainda é apontado por muitos autores como o seu uso mais popular.

Por sua vez Trasel (2009) ao elaborar estudos sobre a ubiquidade, isto é, a capacidade de estar concomitantemente em todos os lugares, dos *blogs* na *web*, compreendeu esta plataforma como um veículo de informação e comunicação que atinge a todos os grupos e classes sociais. “Conforme o serviço de buscas *Technorati*, em abril de 2007, o número de *blogs* monitorados ultrapassava os 70 milhões, sendo que, em média, 120 mil novos *blogs* eram criados por dia”, (SIRF *apud* TRASEL, 2009, p.93). *A priori*, em seu trabalho, Trasel (2009) elaborou conceitos e definições da ferramenta:

A definição primordial de weblog é a de um sítio dedicado a coletar links para outros sítios da rede mundial de computadores e comentá-los. A partícula ‘log’ remete aos diários de navegação (...) O prefixo ‘web’ indica a transposição desses verdadeiros guias de navegação para a rede mundial de computadores de interface gráfica (TRASEL, 2009, p.94-95).

Deste modo, entende-se que um dos objetivos principais dos pioneiros na blogosfera era também obter uma ferramenta capaz de guardar arquivos de referências interessantes numa época em que esta plataforma ainda era considerada como ‘primitiva’. Contudo, o avanço do ciberespaço e seu crescimento acelerado proporcionaram ferramentas que potencializaram a amplitude dessa ferramenta.

A globalização também atinge a Comunicação a partir da proliferação de canais de comunicação e de difusão da informação, e da emergência dos monopólios, que começam a se formar no final do século XIX e se transformaram em grandes empresas, corporações e conglomerados multinacionais. (THOMPSON *apud* NONATO, 2018, p.4).

No prefácio do livro “Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação”, Lemos (2009, 17-18) traz a seguinte consideração a respeito da pluralidade do ciberespaço nos dias de hoje: “a reconfiguração da cibercultura criou um ambiente mais rico, já que hoje, como usuários, temos mais opções de escolha de informação e, pela primeira vez, podemos publicar e distribuir, de forma planetária, conteúdo em forma de áudio, texto, foto, vídeo”.

Enquanto artefatos culturais, os *blogs*, possuem linhas editoriais que são construídas ideologicamente através de ideias diferentes, uma vez ocupados por internautas e comunicadores/as que compreendem grupos culturais diversos no ciberespaço. Amaral *et. al* (2009) destacam ainda que esse instrumento comunicacional pode ser considerado um grande símbolo de aceitação social e representar canais confiáveis de comunicação.

As novas mídias trouxeram maior agilidade e eficiência para comunicadores e internautas. A noção de política e outros assuntos foram alargados em tempo real, superando o rádio e a televisão. “A globalização afetou não só os modos de produção dos produtos comunicacionais, como também os profissionais e as rotinas da área da comunicação”, (NONATO, 2018, p.4).

O jornalismo digital e, junto a ele, os *blogs* e as redes sociais, atuam com inovações no fazer jornalístico que foram incorporadas e adotadas como alternativas pelos profissionais da área, visto que a tecnologia resultou na modificação de todas as nossas relações, entre elas as profissionais. É fundamental que jornalistas e comunicadores entendam a crise do sistema midiático tradicional e a precarização do trabalho jornalístico para compreender onde estão sendo inseridos nesse novo contexto e estejam preparados para atender as demandas do mercado e da sociedade atual.

as inovações trazidas pelo blog está o fato de que o jornalista não precisa da estrutura de uma empresa para se comunicar, tem a possibilidade de escrever em qualquer local e, principalmente com isenção, sem a interferência de interesses comerciais e/ou das empresas de comunicação, ideias que, a princípio, remetem à realização de um sonho. Nessa condição, o jornalista se vê como um empreendedor social. (NONATO, 2018, p.7)

Nesse sentido, os *blogs* aparecem como uma ferramenta que permite o desenvolvimento dessas habilidades para os jornalistas na atualidade. Ainda, surgem como uma alternativa rentável que não exige condições operacionais de alto custo e possibilitam uma postagem e atualização de conteúdos de forma rápida e acessível.

Também utilizamos neste artigo os pressupostos da *Agenda Setting*, segundo Wolf (2006). Ele defende que as pessoas têm a tendência de conhecer e discutir aquilo que é vinculado com maior destaque nos *mass media*, isto é, o conjunto de meios de comunicação em massa: “em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos”. (SHAW, 1979, p. 96, *apud* WOLF, 2006, p.62).

A partir disso, pressupõe-se que muito da compreensão da realidade social que as pessoas têm é baseada no conteúdo disseminado pelos *mass media*. Dessa forma, essa compreensão da realidade acaba sendo reflexo de uma representação que não é capaz de traduzir integralmente a verdade.

Na medida em que o destinatário não é capaz de controlar a precisão da representação da realidade social, tendo por base um standard exterior aos *mass media*, a imagem que, por intermédio dessa representação, ele forma, acaba por ser distorcida, estereotipada ou manipulada. A hipótese coloca, portanto, o problema de uma

continuidade a nível cognitivo, entre as distorções que se geram nas fases produtivas da informação e os critérios de relevância, de organização dos conhecimentos, que os consumidores dessa informação absorvem e de que se apropriam (ROBERTS, 1972, p. 380 apud WOLF, 2006, p. 63).

Sendo assim, Wolf (2006) afirma que os *mass media* criam representações de “pacotes” da realidade em que os indivíduos “vivem”, exclusivamente, em função de ou através da mediação simbólica dos meios de comunicação de massa. Dessa maneira, a hipótese do *agenda setting* toma como postulado um impacto direto dos *mass media* sobre os destinatários, que acontecem segundo dois níveis: primeiro, a “ordem do dia”, que define os temas, assuntos e problemas vinculados aos mídias de massa, e, depois, a “hierarquia de importância e de prioridade” que organiza os elementos dispostos na “ordem do dia”.

Além disso, sobre essa forma de organização das informações, Wolf (2006, p.65) afirma que o “modo de hierarquizar os acontecimentos ou os temas públicos importantes, por parte de um sujeito, assemelha-se à avaliação desses mesmos problemas feita pelos *mass media*”. Ademais, é importante lembrar que a ação do agendamento é mais significativa no que diz respeito às escolhas dos assuntos discutidos do que em como esses assuntos estão sendo discutidos. Outro mecanismo de agenda-setting é a omissão, a não cobertura de certos temas, a cobertura intencionalmente modesta ou marginalizada que alguns assuntos recebem.

Este tipo de agenda-setting funciona, certamente, para todos os *mass media*, para lá das diferenças técnicas, jornalísticas, de linguagem, pelo simples fato de o acesso a fontes alternativas àquelas que garantem o fornecimento constante de notícias, ser bastante difícil e oneroso. Entre os diferentes *mass media* podem existir modos diversos de provocar o efeito de agenda-setting por omissão, mas todos, em certa medida, incorrem nele e com certeza também o sistema informativo no seu conjunto (WOLF, 2006, p. 65).

Logo, a hipótese do agenda *setting* defende que os *mass media* são eficazes na construção da imagem da realidade que o sujeito vem estruturando. Essa imagem pode ser pensada como um modelo em relação ao qual a nova informação é confrontada para lhe conferir o seu significado e inclui o quadro de referência e as necessidades, crenças e expectativas que influenciam a formação da opinião pública. A reflexão sobre a Espiral do Silêncio, desenvolvida nos anos 60 pela estudiosa alemã Noelle Neumann,

(apud MENDONÇA e BRAGA, 2015), para quem a mídia desempenha um importante papel no processo de convencimento das minorias. Isto é, os mídias priorizam o discurso da maioria ou que se apresenta desta forma, em detrimento de discursos considerados impopulares, fato que potencializa o silenciamento de alguns grupos.

Sendo assim, quando um indivíduo está inserido em um meio onde suas opiniões diferem do conceito estabelecido pela maioria, existe a tendência de que ele omita o que pensa para continuar integrado a um grupo e fugir do isolamento. Nesse sentido, devemos considerar que, por vezes, a narrativa pode nem mesmo corresponder a opinião da maioria. Entretanto, sua exposição massiva, potencializa sua influência na dita ‘opinião popular’.

Métodos de Pesquisa

Além de pesquisa documental indireta, esse trabalho recorre à pesquisa quanti-qualitativa, ao Mapeamento Sistemático (MS) e Análise de Conteúdo. Através da Pesquisa quanti-qualitativa buscamos compreender os dados apresentados por meio de tabelas e gráficos, dessa forma, foi possível examinar e explicar possíveis razões ou motivações que esclareçam o cenário apresentado pelos dados. Deste modo, a interpretação e o entendimento das informações coletadas na pesquisa tornam-se cruciais, pois ajuda no processo de compreensão dos fenômenos através da coleta de dados narrativos, estudando particularidades e experiências individuais.

Bardin (2004, p. 27) considera a Análise de Conteúdo como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações”, que permite uma diversidade de análises. Pode contribuir na análise de ‘significados’ (temática), mesmo que tenha semelhanças com análise dos ‘significantes’, que faz análises lexical e de procedimentos. Bardin (2004) entende que Análise de Conteúdo contribui para a descrição objetiva e precisa do que é dito sobre um determinado tema, lugar e espaço.

Para utilizarmos a Análise de Conteúdo, foi necessário recorrer ao processo de Mapeamento Sistemático (MS) para a localização das matérias alvo da pesquisa. Segundo Falbo (2018):

Um Mapeamento Sistemático (MS) é uma revisão ampla dos estudos primários existentes em um tópico de pesquisa específico que visa identificar a evidência disponível nesse tópico. Assim, um MS é um estudo secundário que tem como objetivo identificar e classificar a

pesquisa relacionada a um tópico amplo de pesquisa (KITCHENHAM; CHARTERS, 2007, apud FALBO, 2018, p.1).

O MS envolveu três fases após a definição do tema e objetivos da pesquisa. A primeira delas se deu pela busca e coleta de matérias nos *sites* escolhidos para a pesquisa: realizou-se a consulta às fontes de pesquisa. Essa fase compreendeu também a definição do *string* de busca. A segunda fase de aplicação do mapeamento sistemático foi a filtragem do *corpus*: uma vez indicados, os textos a serem analisados foram selecionados por meio da aplicação de critérios de seleção de inclusão e de exclusão.

A terceira etapa consistiu na apresentação dos resultados colhidos desde o início da pesquisa, registrados e sintetizados em tabelas. Sobre este estágio, são esclarecedoras as palavras de Falbo (2018):

Resultados de um MS ajudam a identificar lacunas nesta área, capazes de sugerir pesquisas futuras e prover um guia para posicionar adequadamente novas atividades de pesquisa (KITCHENHAM; CHARTERS, 2007; KITCHENHAM et al., 2011; PETERSEN et al., 2008). Assim, MSs visam prover uma visão geral de um tópico e identificar se há subtópicos nos quais mais estudos primários são necessários. (FALBO, 2018, p.1).

Apresentação de dados quantitativos da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida de 1º de julho de 2019 a 31 de dezembro de 2019 em 18 *blogs*, sendo 10 de Juazeiro/BA e oito de Petrolina/PE conforme tabela abaixo:

LISTA DE BLOGS JUAZEIRO-BA	LISTA DE BLOGS PETROLINA-PE
Rede GN (Geraldo José)	Ponto Crítico de Ângela Santana
Preto no Branco	Carlos Brito
60 graus	Waldney Passos
Portal Zap	Blog Josélia Maria
Vale Comentar	Edenevaldo Alves
Ação Popular	Blog do Banana
Vale em Foco	Blog do Daniel Campos
A Notícia do Vale	Blog do Patrício Nunes
Ramos Filho	TOTAL DE BLOGS: 8

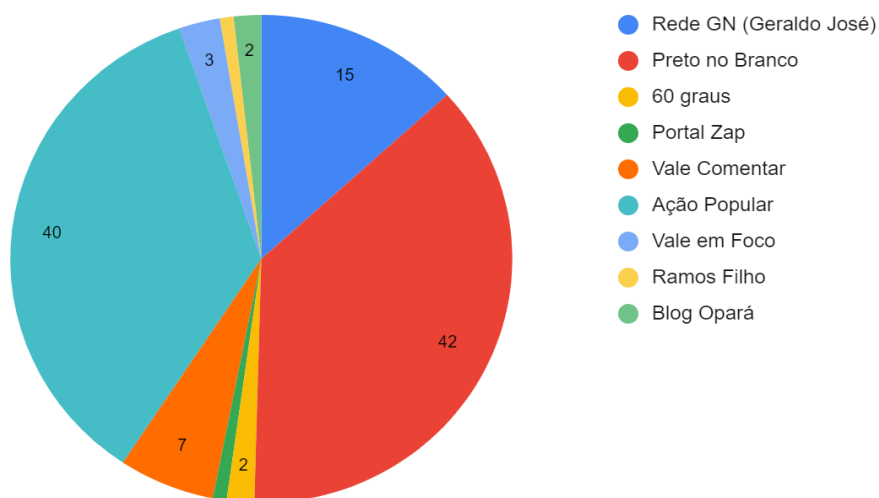
Blog Opará	
TOTAL DE BLOGS: 10	

Apresentação de dados quantitativos da pesquisa nos *blogs* de Juazeiro (BA)

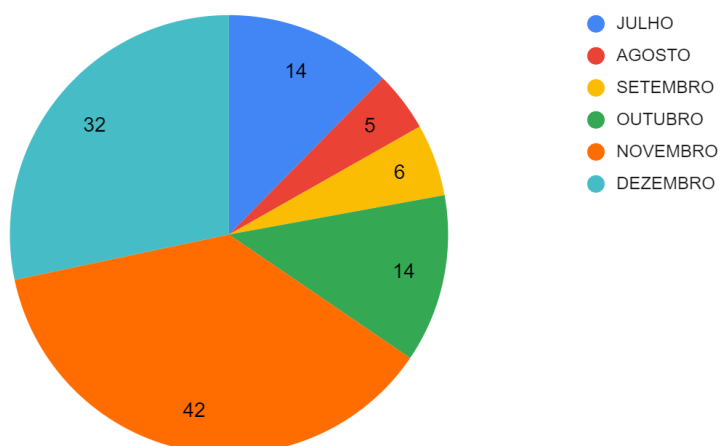
No período de 1º de julho de 2019 a 31 de dezembro de 2019, identificamos 113 matérias nos 10 blogs de Juazeiro/BA. Constata-se que os *blogs* Preto no Branco e Ação Popular são os que mais publicaram matérias ligadas a essa pesquisa. Nota-se que os meses de maior publicação foram novembro (42), dezembro (32), outubro (14) e julho (14). As matérias foram distribuídas, mensalmente da seguinte maneira:

BLOGS JUAZEIRO- TOTAL DE MATÉRIAS CONTENDO PALAVRAS-CHAVES PROPOSTAS (Julho-Dezembro 2019)							
NOMES DOS BLOGS	JULHO	AGOSTO	SETEMBR O	OUTUBR O	NOVEM BRO	DEZEMB RO	TOTAL
Rede GN (Geraldo José)	2	0	1	3	9	0	15
Preto no Branco	6	1	2	6	17	10	42
60 graus	0	0	0	0	1	1	2
Portal Zap	0	0	0	0	0	1	1
Vale Comentar	0	0	0	2	2	3	7
Ação Popular	4	3	2	3	11	17	40
Vale em Foco	1	1	0	0	1	0	3
A Notícia do Vale	0	0	0	0	0	0	0
Ramos Filho	0	0	1	0	0	0	1
Blog Opará	1	0	0	0	1	0	2
TOTAL	14	5	6	14	42	32	TOTAL DE MATÉRIAS: 113
TOTAL DE BLOGS: 10							

Quantidade de matérias por blog



Quantidade de matérias por mês



Foram utilizadas 22 palavras-chave para localizar matérias que contemplassem o contexto racial: “intolerância religiosa”, “racismo”, “negro”, “Candomblé”, “cultura negra”, “racismo religioso”, “macumba”, “orixás”, “aguadê”, “terreiros”, “Umbanda”, “mãe de santo”, “pai de santo”, “babalorixá”, “yalorixá”, “lei 10.639”, “preconceito religioso”, “preconceito”, “20 de novembro”, “consciência negra”, “13 de maio”, “Exu”.

Vale destacar, que esses dados se referem ao total de 113 matérias publicadas no período pesquisado - 1º de julho de 2019 a 31 de dezembro de 2019 - e que foram

localizadas por meio do mecanismo *Google Advanced Search*, de palavras-chave e dos domínios dos *sites* pesquisados. Na verdade, localizamos mais 13 matérias com algumas das palavras-chaves. Entretanto, ao ler o conteúdo notou-se que não havia nenhuma relação com questões raciais, tema desta pesquisa.

Das 22 palavras-chave verificamos que não foi localizada nenhuma matéria no período de 1º de julho de 2019 a 31 de dezembro de 2019 com “Exu”, “13 de maio”, “lei 10.639”. A primeira palavra, Exu, sempre aparece, apenas relacionada à cidade pernambucana e/ou ao cantor e compositor Luiz Gonzaga. As palavras que possuem relação com religiões de matriz africana, como “pai de santo”, “mãe de santo”, “orixás”, “aguadê”, “terreiros”, “Candomblé”, “babalorixá”, “yalorixá” também não aparecem nos títulos ou em conteúdo publicado, com exceção de “Umbanda” que foi possível localizar duas sobre o tema e “macumba” que aparece em uma publicação, mas de forma pejorativa e, indiretamente, em uma outra matéria como feitiçaria.

Foi possível identificar que o uso da expressão “cultura negra”, está relacionada a eventos promovidos pelas prefeituras, instituições ou pelo Movimento Negro. Já “racismo religioso”, não apareceu vinculado a nenhuma temática racial. Entretanto, “negra/o”, “20 de novembro” e “consciência negra” aparecem com frequência. O termo “negra/o” apareceu 34 vezes em títulos de matérias, na maioria, relacionada ao dia 20 de Novembro - Dia Nacional da Consciência Negra. Verificou-se a existência de duas publicações relacionadas ao tema “cabelo crespo”.

Com relação aos títulos das publicações que usaram a palavra “racismo”, ela aparece 26 vezes. Já “Quilombo” e “preconceito”, uma vez em títulos de publicações. Já o termo “Palmares” foi localizado em três postagens. Com relação aos *blogs* analisados, torna-se possível inferir que no *site A Notícia do Vale* não houve a publicação de nenhuma matéria sobre questões raciais ou relacionadas às palavras-chave propostas. Opará, Ramos Filho, Vale Comentar, Vale em Foco, 60 Graus e Portal Zap possuem menos de 10 publicações sobre temáticas raciais, cada. Sendo o último um portal voltado para entretenimento. O *blog* Rede GN apresenta 15 matérias que contemplam a temática racial no período de 1º de julho de 2019 a 31 de dezembro de 2019.

O destaque quanto ao número de publicações cabe aos portais Ação Popular com 40 e Preto no Branco com 42 matérias publicadas. Os dois veículos de comunicação

possuem abordagens distintas quanto às temáticas raciais. É possível identificar no conteúdo publicado no Ação Popular alguns pontos questionáveis, como algumas matérias que possuem títulos e conteúdos que reproduzem formas de preconceito e intolerância religiosa, especialmente quando o tema abordado se refere às religiões de matriz africana. Entretanto, o *site* também apresenta bons textos informativos relacionados a outras questões raciais, como algumas publicações de cunho cultural.

Por outro lado, o Preto no Branco apresenta, no período da pesquisa, publicações de editoria policial, divulgação de eventos e ações relacionadas à pauta racial, além de matérias que denunciam preconceito, racismo, violência e acontecimentos no campo político que implicam em alguma consequência para a população negra. Enfatizamos que boa parte do conteúdo desses *sites* foi publicada entre os meses de outubro de 2019 e dezembro de 2019.

Creditamos o volume de publicações, em especial no mês de novembro de 2019, ao fato de ser o mês em que se celebra o Dia Nacional da Consciência Negra, quando há um aumento no número de eventos em prol da conscientização. Além disso, nesse mês e ano, participantes de um evento organizado pelo Movimento Negro em Petrolina/PE foram agredidos e presos por policiais do 2º Batalhão Integrado Especializado (2º Biesp). Fato que teve grande repercussão na imprensa.

Apresentação dos dados quantitativos na pesquisa nos *blogs* de Petrolina (PE)

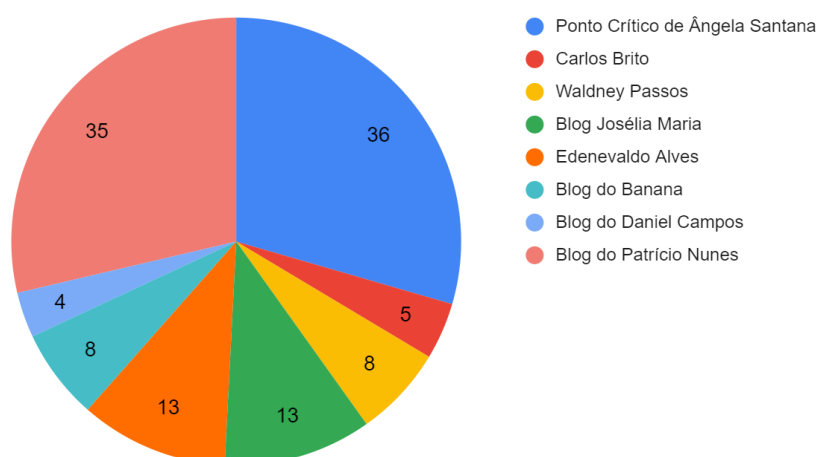
Em Petrolina/PE, a pesquisa foi realizada em oito *blogs* e foram localizadas 122 matérias. Identificamos que os meses de maior publicação foram: novembro (67), outubro (13), julho (14) e agosto (11). O *blog* Ponto Crítico se destacou com o maior número de notícias ligadas à temática racial dentro do período estudado, totalizando 36 matérias.

Nele, as matérias contemplam vários ângulos da notícia e seu conteúdo se destaca pela divulgação de eventos e ações relacionadas à pauta racial, evidenciando a cultura negra e a publicação de matérias de denúncia contra racismo; violência e acontecimentos que implicam em alguma consequência para essa população. Logo atrás, vem o *blog* do Patrício Nunes com um total de 35 matérias e os *blogs* Josélia Maria e Edenevaldo Alves, ambos com 13 postagens.

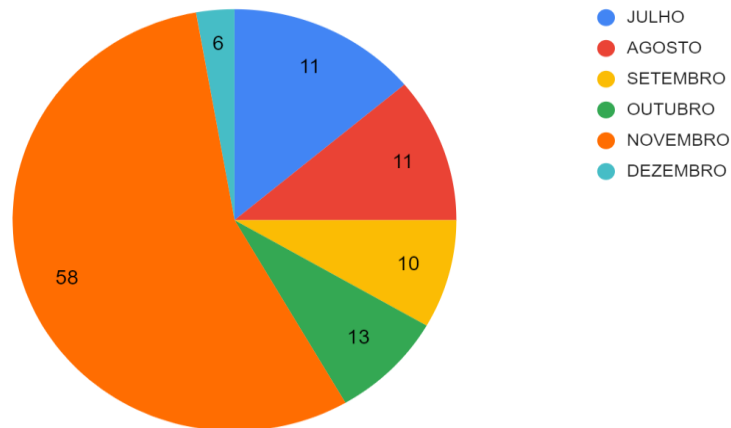
As matérias foram distribuídas, mensalmente da seguinte maneira:

BLOG PETROLINA- TOTAL DE MATÉRIAS CONTENDO PALAVRAS-CHAVES PROPOSTAS (julho-dezembro 2019)							
NOMES DOS BLOGS	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO	TOTAL
Ponto Crítico de Ângela Santana	5	4	3	3	20	1	36
Carlos Brito	0	0	0	1	3	1	5
Waldney Passos	0	1	1	2	3	1	8
Blog Josélia Maria	0	1	2	1	8	1	13
Edenevaldo Alves	3	0	0	0	9	1	13
Blog do Banana	1	0	0	1	6	0	8
Blog do Daniel Campos	0	1	0	0	3	0	4
Blog do Patrício Nunes	5	4	4	5	15	2	35
TOTAL	14	11	10	13	67	7	TOTAL DE MATÉRIAS: 122
TOTAL DE BLOGS: 8							

Quantidade de matérias por blog



Quantidade de matérias por mês



Em Petrolina-PE, foram utilizadas 36 palavras-chave para localizar as matérias de cunho racial nos blogs pesquisados dentro do período estabelecido: “intolerância religiosa”, “racismo”, “negro/a”, “Candomblé”, “cultura negra”, “racismo religioso”, “macumba”, “orixás”, “aguadê”, “terreiros”, “Umbanda”, “mãe de santo”, “pai de santo”, “babalorixá”, “yalorixá”, “lei 10.639”, “preconceito religioso”, “preconceito”, “20 de novembro”, “consciência negra”, “13 de maio”, “Exu”, “preto/a”, “quilombola”, “afro”, “crioulo/a”, “Palmares”, “crespo”, “indígena”, “feitiçaria”, “pardos”, “escravista”, “abolição”, “escravos”, “Oxum” e “escravização”.

Destacamos que as 122 matérias analisadas no período de 1º de julho de 2019 a 31 de dezembro de 2019 foram localizadas através do mecanismo *Google Advanced Search*, de palavras-chave e dos domínios dos *sites* pesquisados. Das 36 palavras-chave, verificamos que foram localizadas apenas 24: “pretas”, “racismo”, “negro/a”, “preconceito”, “quilombola”, “afro”, “intolerância religiosa”, “crioula”, “palmares”, “crespo”, “indígena”, “Umbanda”, “Candomblé”, “feitiçaria”, “macumba”, “pardos”, “escravista”, “abolição”, “escravos”, “Oxum”, “escravização”, “exu” e as expressões “20 de novembro” e “consciência negra”.

Não foi localizada nenhuma matéria com as expressões “cultura negra”, “racismo religioso”, “lei 10.639”, “preconceito religioso” e “13 de maio”. Palavras e expressões que possuem relação com religiões de matriz africana como “orixás”, “aguadê”, “terreiros”, “babalorixá”, “yalorixá”, “mãe de santo” e “pai de santo” também não foram encontradas nos títulos ou em conteúdo publicado, com exceção de “Exu” que aparece apenas uma vez relacionada ao cantor e compositor Luiz Gonzaga.

Foi possível identificar que o uso das expressões “cultura negra” e “racismo religioso” também não aparecem vinculados a nenhum título ou conteúdo publicado no período de 1º de julho de 2019 a 31 de dezembro de 2019. Entretanto, “negro(a)” e “racismo” aparecem com frequência. Outras palavras e expressões como “quilombos”, “desigualdade racial”, “afrocoletividade”, “genocídio negro”, “genocídio da juventude negra”, “antirracista”, “Unegro”, “preconceito racial”, “Zumbi”, “Dandara”, “ancestralidade negra”, “igualdade racial”, “afrolab”, “afrohub”, “afrodescendente”, “negritude” e “violência policial” foram localizadas”.

O termo mais usado foi “negros/as” que apareceu 59 vezes em conteúdos majoritariamente relacionados ao dia 20 de novembro - Dia Nacional da Consciência Negra, seguido de “quilombola”, “racismo” e “indígena” que apareceram nove, oito e oito vezes respectivamente. “Palmares” e “preta” aparecem seis vezes. A palavra “racial” e a expressão “violência policial” aparecem cinco vezes nos títulos das manchetes que tinham como alvo o povo preto. A expressão “igualdade racial” e a palavra “afro” aparecem três vezes cada uma. As palavras “crespo”, “preconceito”, “Zumbi”, “Dandara” assim como as expressões “ancestralidade negra” e “genocídio da juventude negra” aparecem apenas duas vezes, cada.

Com relação aos *blogs* analisados, constata-se que nos *blogs* Daniel Campos e Carlos Britto foram os que tiveram inferior número de publicações sobre questões raciais ou relacionadas às palavras-chaves propostas. Além destes, os *sites* Waldiney Passos e *Blog* do Banana também possuem menos de 10 publicações sobre temáticas raciais. Os *blogs* Josélia Maria e Edenevaldo Alves apresentam 13 matérias, cada. Deste modo, o destaque quanto ao número de publicações cabe aos portais Ponto Crítico e *Blog* do Patrício Nunes com 36 e 35 publicações, respectivamente.

Os dois veículos de comunicação possuem abordagens distintas quanto às temáticas raciais. É possível identificar no conteúdo publicado no *Ponto Crítico* textos informativos, não tendenciosos e relacionados a essas questões, que além de informar, evidenciam aspectos culturais e valorização da cultura negra. O *blog* Patrício Nunes, por exemplo, apresenta, no período da pesquisa, um foco maior em publicações de editoria policial, divulgação de eventos e ações relacionadas à pauta racial. Todavia, há um destaque para denúncias de violência policial de fatos ocorridos em novembro de 2019, quando participantes de um evento organizado pelo Movimento Negro em Petrolina/PE

foram agredidos e presos por policiais do 2º Batalhão Integrado Especializado (2º Biesp).

Considerações Finais

A pesquisa identificou a prática de silenciamento midiático para temas relacionados à população negra, reprodução de estruturas excludentes presentes na sociedade brasileira, situação que tem uma dimensão singular de peculiaridades. Senão vejamos: nas cidades de Petrolina/PE e Juazeiro/BA alguns *blogs* têm uma boa receptividade, penetração na população que usam essas mídias como fonte de notícias e informações. Por essa razão, o discurso presente nesses *sites* e nessas matérias tornam-se narrativas importantes no processo da luta antirracista ou de reprodução de representações e estereótipos.

O *blog* de Juazeiro/BA, Vale em Foco, no período da pesquisa não postou, sequer, uma matéria. Nos outros *blogs* mapeados na cidade: 60 graus; A Notícia do Vale; Ação em Foco; Blog Opará; Geraldo José; Portal Zap; Ramos Filho; Rede GN; Preto no Branco; Vale Comentar; Vale em Foco - foi possível identificar semelhanças nas editoriais apresentadas: as ações institucionais e as matérias publicadas estão diretamente relacionadas, a temática racial. Esses *sites* publicaram matérias cujos conteúdos foram de divulgação de eventos e promoção de campanhas que buscam fazer frente ao racismo. Essas iniciativas, aliás, no geral, partem das Prefeituras, Câmaras de vereadores e ativistas do Movimento Negro.

Na cidade baiana de Juazeiro, os termos mais utilizados nos títulos das notícias selecionadas foram: “negro/a”, “quilombolas”, “racismo”, “pretas”, “pardas”, “preconceito racial”, “racial”, “Zumbi”, “Dandara”, “indígenas”, “afro” e “negritude”, um total de 12 palavras. A palavra “negro/a(s)” foi a que mais apareceu, agora num total de quarenta e três vezes.

Na cidade vizinha, em Petrolina, constatamos semelhanças nas linhas editoriais dos *blogs* pesquisados: policial, institucional e divulgação de eventos. Na maioria dos *blogs* analisados - Carlos Brito, Waldiney Passos, Josélia Maria, Edenevaldo Alves, Blog do Banana e Blog do Daniel Campos – percebemos a ausência de determinados temas e a negação dessas narrativas discursivas nos leva a identificar a prática de invisibilidades e impedimentos midiáticos.

Em Petrolina, as palavras “pardas”, “quilombos”, “exu”, “negritude” e as expressões “desigualdade racial”, “20 de novembro”, “genocídio negro” e “preconceito racial” foram usadas apenas uma vez. Na análise pode-se constatar que nas duas cidades, a palavra mais citada foi “negro/a”. Interpretamos a baixa quantidade de matérias na maioria dos blogs como um silenciamento sobre o assunto, e, também, como uma negação das temáticas que foram objeto de pesquisa deste trabalho. Entendemos essa invisibilidade como a prática de um *modus operandi* que naturaliza essa ausência, também entendida como racismo estrutural.

Pensar a Espiral do Silêncio nos dados apurados nessa pesquisa, nos leva a refletir que em um país com aspectos históricos conhecidamente racistas, como o Brasil, os dados aqui apresentados se enquadram nesse contexto e, portanto, não são exceção ao cenário nacional. Nesse sentido a pesquisa nos possibilitou identificar três tipos de posicionamento por parte dos veículos de imprensa frente às questões raciais no período analisado pela pesquisa:

- a- *Blogs* onde não foi possível localizar nenhuma matéria relacionada às pautas raciais;
- b- Um outro grupo de *sites* que se caracteriza pela presença de uma produção que abarca questões raciais, mas que, em alguns casos, possuem conteúdo não solidário a luta antirracista;
- c- Um outro grupo formado por *blogs* que disponibilizam espaço para debater questões raciais de maneira responsável.

A carência de cobertura midiática, ou de conhecimento da sociedade brasileira, dos problemas em curso, relacionados às discussões raciais e, ainda, a falta de preocupação com o conteúdo divulgado, apareceram nessa pesquisa. Como exemplo, destacamos uma matéria publicada pelo *blog* Vale em Foco, em 15 de agosto de 2019 intitulada como “*Mototaxista encontra macumba no centro de Juazeiro e toca fogo para quebrar maldição*”, meses depois em 11 de outubro de 2019, um outro *site*, no *blog* Ação Popular, também publicava uma matéria de título questionável; “*Macumba braba em Juazeiro*”, que tratava de acontecimentos negativos que teriam ocorrido com pessoas ligadas ao governo do município e que supostamente se tratava de “macumba feita pela oposição”. Ambas servem para destacar o ainda papel das mídias para a manutenção, retroalimentação do racismo estrutural no Brasil.

Observamos que essas matérias não são informativas porque enfatizam discursos preconceituosos, a exemplo do tratamento dado às religiões de matriz africana, que ‘satanizam’ essas religiões e que se fazem presentes em nossa sociedade, apesar da luta antirracista. Alguns discursos, inclusive, estimulados pelo atual Governo Federal.

Sem dúvida essa pesquisa contribui não só para um mapeamento quantitativo dos *blogs* nas cidades de Petrolina/PE e Juazeiro/BA, mas também, para uma identificação das posturas que adotam quando da cobertura de temas relacionados à população negra.

Referências

AMARAL, A. *et al.* **Blogs.com**: Estudos sobre blogs e comunicação. 21. ed. São Paulo-SP: Momento Editorial, 2009, p. 7-287.

BARDIN, Laurence; **Análise do Conteúdo**. 70. ed. São Paulo: Persona, 2004, p. 10-222.

FALBO, Ricardo de Almeida. Mapeamento Sistemático. V. 01. Disponível em: https://inf.ufes.br/~falbo/files/MP/TP/Sobre_MS.pdf. Acesso em: 04 abr 202

MENDONÇA, Rhayssa Fernandes; BRAGA, Claudomilson Fernandes. **A Espiral do Silêncio e as Representações Sociais**: os meios de comunicação, a legitimação e a naturalização. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Rio de Janeiro, 4 set. 2015, p. 1-14.

LE MOS, André. Prefácio. In: AMARAL, A. *et al.* **Blog.com**: estudos sobre blogs e comunicação. 21 Ed. São Paulo-SP: Momento Editorial, 2009, p. 07-20

NONATO, Cláudia. **Da Redação aos Blogs**: a busca por novos arranjos econômicos e alternativas ao trabalho jornalístico. Revista Famecos, São Paulo-SP, v. 25, n. 1, p. 1-21, jan./2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/28086>. Acesso em: 8 nov. 2020.

TRASEL, Marcelo. A vitória de Pirro dos blogs: ubiquidade e dispersão conceitual na web. In: AMARAL, A. *et al.* **Blog.com**: estudos sobre blogs e comunicação. 21 Ed. São Paulo-SP: Momento Editorial, 2009, p. 93-108

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 8ª edição. Lisboa: Presença, 2006.

RESENHA

A ESCRITA CRIATIVA: ORIGINALIDADE, BLOQUEIOS E FASES

MARCHIONI, Rubens. **Escrita criativa: da ideia ao texto.**
São Paulo: Contexto, 2018.

João de Sá Araújo Trapiá Filho⁵⁰
Geam Karlo-Gomes⁵¹

Com o objetivo de “revelar o segredo da arte fascinante de criar e escrever” (MARCHIONI, 2018, p.11), a obra *Escrita criativa: da ideia ao texto* (2019), de Rubens Marchioni, lançando mão de diversas áreas – propaganda, jornalismo, literatura, filosofia –, apresenta técnicas de escrita destinadas a “quem já é escritor ou quem quer começar a escrever – seja ficção ou não” (Ibid.).

O próprio modo de construção do texto revela a realidade criativa: uma envolvente “costura” de ideias, fontes, citações, orientações, sugestões e recomendações do autor sobre a arte de criar e escrever. Em outras palavras, ele recorre a vozes e ideias de escritores, pensadores – grandes nomes que foram criativos, fossem literatos ou não, como Carlos Drummond de Andrade, escritor brasileiro, e Tupac Amaru Jose Gabriel Condorcanqui, líder indígena do Peru.

Uma obra tão abundante, expressiva e multifacetada só poderia ter sido escrita por quem detém uma experiência de semelhante abrangência. Rubens Marchioni, escritor, jornalista, publicitário e palestrante, buscou nas suas profissões a pluralidade dos exemplos que são apresentados para corroborar ou até mesmo refutar a sua ideia a respeito da escrita criativa e dos seus elementos, apresentando a face democrática do livro.

⁵⁰ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Integrante do ITESI - Grupo de Pesquisa em Estudos Sobre o Imaginário, Linguagens e Culturas (UPE/CNPq). E-mail: jsatf@hotmail.com.

⁵¹ Doutor em Literatura e Interculturalidade. Professor Adjunto da Universidade de Pernambuco (UPE) e Professor dos Programas de Pós-Graduação Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares - PPGFPPI/UPE e de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos PPGESA/UNEB. Líder do Grupo de Pesquisa Itinerários Interdisciplinares em Estudos Sobre o Imaginário (UPE/CNPq). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9569-1497>. E-mail: gkgomes@uneb.br.

Nesta resenha, buscou-se analisar a primeira parte da obra, intitulada *Criatividade: pensar de maneira diferente para encontrar caminhos inesperados*, que se divide em três grandes tópicos: 1 *Para começo de conversa*; 2 *Originalidade. E tudo se faz novo*; e 3 *Etapas e bloqueios. Caminhos e descaminhos*.

No primeiro tópico, *Para começo de conversa*, percebe-se o caráter dialógico, reflexivo e didático do livro, que orienta o escritor veterano, ou o novo escritor, a preocupar-se com os vários fatores que favorecem a criação da escrita, inclusive com o próprio corpo, que precisa estar com acessórios “que o deixem a vontade” (MARCHIONI, 2018, p.18). Por conseguinte, outros pontos relevantes são abordados, dentre eles, a meta, o objetivo, a disciplina, o público-alvo.

Em *Originalidade – E tudo se faz novo*, ressalta-se a questão da originalidade e a importância do repertório na formação do novo. Neste ponto, a criatividade e o oposto ao clichê: o desgaste do uso das expressões. Porém, a lista que Marchioni (2018) sugere que seja evitada soa um tanto radical, visto que, dependendo do contexto de uso e da intenção comunicativa, tais expressões podem ser utilizadas.

Em *Etapas e Bloqueios – Caminhos e descaminhos*, Marchioni (2018) trata dos muitos “monstros” responsáveis por mutilarem a produção de ideias, como a rotina e a acomodação, o medo do ridículo, o imediatismo entre outros. Para que estes “monstros” sejam aniquilados, o autor elenca sete fases a serem seguidas.

A primeira delas, *Identificação – Saber a pergunta e estar mais perto da resposta*, pondera a importância de se ter uma pergunta/objetivo em mente para o processo de escrita. Tendo consciência da dificuldade que existe em tal empreitada, Marchioni (2018), de forma lúdica e descontraída, sugere que o escritor pense “fora da caixa” e o aconselha a perguntar as coisas como elas gostariam de ser.

A segunda, *Preparação – Conhecimento e poder*, está atrelada ao objetivo e a pergunta desenvolvidos na primeira, e pode acontecer de forma direta ou indireta. Naquela, a busca por “informações” acontece dentro da área em que o texto produzido versará; nesta, refere-se a busca de “formações” fora da área tratada. Segundo o autor, nesta etapa, além da leitura, e preciso digerir as palavras.

Na terceira, *Incubação – Dê um tempo para as suas futuras ideias*, o autor (2018) discute o valor do momento em que o inconsciente assume o controle. Este estágio se mostra importante já que o inconsciente é o “fogo brando” das informações.

Pode-se associar essa fase à afirmação de Alencar (1986), que, ao defender a importância da sinética, aborda a relevância do inconsciente para o processo criativo.

Na quarta fase, *Aquecimento – Abra as portas para a nova ideia*, evidencia-se uma técnica antiga e muito aclamada quando o assunto é criatividade: a *Brainstorming* (tempestade de ideias), que consiste em emissão de opiniões, sem valorização inicial, que, futuramente, podem ser analisadas para testar-se a consistência. Neste momento, o “juiz” é suspenso e pontos fundamentais acerca da escrita são abordados, revelando consciência do labor que é escrever.

A quinta fase, *Eureka! Iluminação – Surpreenda-se*, Marchioni (2018) inicia com uma pergunta norteadora: “Como nasce uma ideia?”, a qual é respondida a partir do que seria um diálogo com Bandeira (1984), o poeta o qual afirma que a poesia está em tudo. Por isso, para o autor (2018), a ideia pode vir “acordando no meio da noite”, “ou “durante uma reunião chata” (MARCHIONI, 2018, p.66). Daí a necessidade de estar atento(a) e sempre com algo em que possa escrever.

A sexta fase e *Elaboração – A ideia toma corpo* constitui a sexta fase de aniquilação dos “monstros”. Para Marchioni (2018), ela consiste no ato propriamente da escrita, que requer do escritor disciplina e consciência do seu público-alvo, o que influencia na seleção vocabular. Aqui, apresentam-se relatos de escritores renomados, reforçando a importância da disciplina para a escrita.

Por fim, a sétima fase, *Verificação – Teste e resistência da sua nova ideia*, corresponde ao que Marchioni (2018) denomina de degustação da escrita. É a hora em que o “juiz surge de forma expressiva. Nesta parte a orientação é espalhar cópias do texto produzido para pessoas, evitando-se os amigos frágeis, que correspondam ao público-alvo, que foi previamente definido.

Em suma, o livro consegue cumprir seu objetivo a partir da expertise do autor sobre as técnicas de escrita criativa, sem deixar que as estratégias expostas assumam *status* de verdades absolutas. Por sua apurada descrição conceitual, abordagem didática e abastado diálogo intertextual, identificam-se na obra conteúdos de elevado potencial para escritores veteranos e iniciantes, estudantes universitários e professores de diferentes áreas de conhecimento. Tal versatilidade revela-se promissora para a prática da escrita criativa em um viés de uma educação contextualizada e, como jornalista, Marchioni (2018) reconhece o papel da comunicação para as relações sociais, o que

permite considerar, também, a produção comunicacional semiárida. E, como relata Di Nizo (2008), a escrita pode ser aprendida e ensinada. Essa é grande mensagem de Marchioni (2018), que convida você, leitor, a “mergulhar” no universo da produção escrita.

Referências

ALENCAR, Eunice Soriano de. **Psicologia da criatividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

BANDEIRA, Manuel. **O itinerário de Pasárgada**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

DI NIZZO, Renata. **Escrita criativa: o prazer da linguagem**. São Paulo: Summus, 2008.

MARCHIONI, Rubens. **Escrita criativa: da ideia ao texto**. São Paulo: Contexto, 2018.

